

**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Estágio Profissional I e II

# Relatório de Estágio Profissional

**Ana Rita Águeda Novo**

Lisboa, junho 2013







## PARECER DO ORIENTADOR



**Escola Superior de Educação João de Deus**

Mestrado em Educação Pré-escolar

Estágio Profissional I e II

# Relatório de Estágio Profissional

**Ana Rita Águeda Novo**

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestrado em Educação Pré-Escolar, sob a orientação da Professora Doutora Diana Boaventura

Lisboa, junho de 2013



## AGRADECIMENTOS

Não posso deixar de agradecer à minha família que, ao longo destes anos, me apoiaram e ajudaram em todos os momentos.

Agradeço a todos os professores da Escola Superior de Educação João de Deus pela ajuda prestada, mas, principalmente, pela dedicação ao ensinar e persistência para que nós percebamos a importância desta nossa vida de futuras educadoras/professoras.

Agradeço, principalmente à minha querida orientadora, Professora Doutora Diana Boaventura, pela sua orientação, pela sua dedicação, pela sua disponibilidade e acima de tudo, pelo seu profissionalismo, mostrando ser uma mentora exemplar.

A todos os Professores Orientadores da Prática Pedagógica que, muitas vezes, podendo ser duros em relação a determinadas situações, me fizeram abrir os olhos e assim modificar muitas atitudes que só me beneficiaram.

Um Muito Obrigado também aos meus amigos, que fiz desde que entrei para esta instituição e que, desde o primeiro momento, me ajudaram a ultrapassar momentos difíceis e a festejar momentos alegres. Em especial, agradeço à Maria, Diana, Ana, entre outros, mesmo muitas vezes criticando algumas das minhas atitudes e decisões, sei sempre que foram para meu bem e para o meu desenvolvimento, tanto pessoal como profissional. O meu muito, Muito Obrigado!

Não me posso esquecer ainda de agradecer às educadoras de todas as turmas por onde passei, que me ajudaram, em muito, a perceber muitos aspetos relevantes para a minha vida futura.



## ÍNDICE GERAL

Índice de figuras .....	xiv
Índice de quadros .....	xv
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
1. Identificação do local de estágio .....	1
2. Descrição da estrutura do relatório de Estágio Profissional .....	2
3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional .....	2
4. Identificação do grupo de estágio .....	3
5. Metodologia utilizada .....	4
6. Pertinência do Estágio .....	5
7. Cronograma de Estágio .....	6
<b>Capítulo 1 – Relatos Diários .....</b>	<b>9</b>
1.1 1ª Secção - Faixa etária dos 5 anos .....	13
1.1.1. – Caraterização da turma .....	15
1.1.2. – Caraterização do espaço .....	15
1.1.3. – Horário .....	16
1.1.4. – Rotinas .....	17
1.1.5. – Relatos .....	19
1.2. 2ª Secção - Faixa etária dos 3 anos .....	51
1.2.1. – Caraterização da turma .....	53
1.2.2. – Caraterização do espaço .....	53

1.2.3. – Horário .....	55
1.2.4. – Rotinas .....	56
1.2.5. – Relatos .....	56
1.3. 3ª Secção – Faixa etária dos 3 anos .....	81
1.3.1. Descrição da semana: Seminário com a Realidade Educativa ...	83
1.4. 4ª Secção – Faixa etária dos 4 anos .....	85
1.4.1. – Caraterização da turma .....	87
1.4.2. – Caraterização do espaço .....	87
1.4.3. – Horário .....	88
1.4.4. – Rotinas .....	89
1.4.5. – Relatos .....	89
<b>CAPITULO 2 – Planificações .....</b>	<b>113</b>
2.1 – Fundamentação Teórica .....	115
2.2 – Planificações .....	121
2.2.1.-Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática .....	121
2.2.2. - Planificação da Área do Conhecimento do Mundo .....	124
2.2.3. - Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem á Escrita .....	127
<b>CAPITULO 3 – Dispositivos de avaliação .....</b>	<b>131</b>
3.1 – Fundamentação Teórica .....	133

3.2 – Avaliação da Atividade da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática .....	136
3.2.1.- Contextualização da atividade .....	136
3.2.2.- Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	136
3.2.3.- Apresentação e descrição da grelha de avaliação .....	139
3.2.4.- Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular .....	140
3.3 – Avaliação da atividade da Área de Conhecimento do Mundo .....	141
3.3.1. – Contextualização da atividade .....	141
3.3.2.- Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	141
3.3.3.- Apresentação e descrição da grelha de avaliação .....	144
3.3.4.- Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular .....	145
3.4 – Avaliação da atividade da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	146
3.4.1.- Contextualização da atividade .....	146
3.4.2.- Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação .....	146
3.4.3.- Apresentação e descrição da grelha de avaliação .....	149
3.4.4.- Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular .....	150
<b>Reflexão Final .....</b>	<b>153</b>
1. Considerações Finais .....	155
2. Limitações .....	156
3. Novas pesquisas .....	157

Referências Bibliográfica .....	159
Anexos .....	169

## INDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Cartilha Maternal João de Deus .....	21
<b>Figura 2</b> – Cuisenaire .....	23
<b>Figura 3</b> – Tangram .....	29
<b>Figura 4</b> – Blocos Lógicos .....	59
<b>Figura 5</b> – Calculadores Multibásicos .....	93
<b>Figura 6</b> – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática .....	140
<b>Figura 7</b> – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação de Conhecimento do Mundo .....	145
<b>Figura 8</b> – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	150

## INDICE DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Cronograma de Estágio .....	7
<b>Quadro 2</b> – Horário da faixa etária dos 5 anos .....	16
<b>Quadro 3</b> – Horário da faixa etária dos 3 anos .....	55
<b>Quadro 4</b> – Horário da faixa etária dos 4 anos .....	89
<b>Quadro 5</b> – Estrutura da Planificação: Modelo T de Aprendizagem.....	120
<b>Quadro 6</b> – Planificação da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática .....	121
<b>Quadro 7</b> – Planificação da Área do Conhecimento do Mundo .....	124
<b>Quadro 8</b> – Planificação da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	127
<b>Quadro 9</b> – Escala utilizada nos dispositivos de avaliação .....	136
<b>Quadro 10</b> – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Domínio da Matemática .....	138
<b>Quadro 11</b> – Grelha de Avaliação da proposta de trabalho de Domínio da Matemática .....	139
<b>Quadro 12</b> – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo .....	143
<b>Quadro 13</b> – Grelha de Avaliação da proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo .....	144
<b>Quadro 14</b> – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	148
<b>Quadro 15</b> – Grelha de Avaliação da proposta de trabalho de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita .....	149



## INTRODUÇÃO

O presente Relatório de Estágio Profissional segue as orientações que constam no Regulamento do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação João de Deus. Com a apresentação e defesa deste relatório, completa-se o 2º ciclo de estudos do Modelo de Bolonha.

### 1. Identificação do local de estágio

O meu estágio decorreu durante o ano lectivo 2011/2012, numa escola localizada em Lisboa. Esta escola insere-se numa zona urbana, residencial e comercial, de fácil acesso, devido à boa disponibilidade de meios de transporte. Perto desta encontram-se, ainda, uma igreja e vários estabelecimentos de ensino públicos e privados.

Este centro escolar é composto por três níveis de ensino: Creche, Ensino Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo. Dispõe, ainda, de infra-estruturas necessárias, que permitem um bom desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem.

Aqui, podemos encontrar todas as salas de aula bem equipadas com materiais adequados a cada faixa etária. No caso das salas de 1º ciclo, as do 3º e 4º ano têm quadros interactivos. A escola dispõe de vários retroprojetores para que, sempre que for necessário, possam ser usados nas aulas. Existe ainda um ginásio para as aulas de Educação Física, totalmente equipado com os materiais necessários para o bom desenvolvimento destas mesmas aulas. Ainda existe um refeitório, onde as crianças almoçam e lancham, e uma cozinha. A escola ainda dispõe de uma sala de informática e outra sala, a biblioteca.

No que diz respeito ao espaço exterior da escola, existem duas zonas de recreio, normalmente divididas pelos alunos do Pré-Escolar e pelos alunos do 1.º Ciclo. Em ambos os espaços existe um local de divertimento para as

crianças, como por exemplo, o escorrega e a escalada. Estas duas zonas estão também rodeadas por canteiros, que contêm algumas plantas e árvores.

## **2. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional**

Este Relatório é apresentado em três capítulos. Do primeiro capítulo fazem parte os Relatos Diários, devidamente comentados e fundamentados cientificamente. No capítulo dois, designado Planificações, estão descritas algumas das atividades realizadas. Estas são acompanhadas por uma planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem, assim como pela fundamentação científica e explicação das metodologias/estratégias utilizadas. No terceiro capítulo, Dispositivos de Avaliação, estão as atividades que realizei, devidamente avaliadas. Ainda neste capítulo, é referida a importância da avaliação no Ensino Pré-Escolar.

No fim, faço uma Reflexão Final, onde exprimo a minha opinião sobre a pertinência do estágio para a minha formação como futura profissional.

## **3. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional**

Este relatório é muito importante, tanto a nível pessoal como profissional. A nível pessoal, pois é um requisito fundamental para a conclusão do mestrado, que me dará a possibilidade de certificação profissional. A nível profissional é ainda mais importante, pois pretendo aprofundar e desenvolver uma pedagogia dinâmica, utilizando sempre estratégias diversificadas e apelativas para a construção de um ambiente favorável ao desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar.

Todas as pesquisas e descobertas contribuirão para a reflexão das práticas observadas e também para uma melhor aprendizagem sobre o ensino e o aprender a ensinar. Como refere Loughran (2009):

tanto o ensino como a investigação devem basear-se um no outro de modo a que as perspectivas do ensino e da aprendizagem possam ser

apreendidas tanto pelos professores como pelos estudantes. Isto significa que um dos objectivos para a investigação da prática é a melhor compreensão desta (p. 21).

É fundamental que o Educador, promova a aprendizagem das crianças, visando um desenvolvimento equilibrado e adequado às exigências da nossa sociedade. Isto contribui para satisfazer também a comunidade, à qual prestarei serviços, que devem ser de qualidade. Ainda aliado ao fator pessoal e profissional, permanece a oportunidade de consultar o relatório, sempre que surja alguma dúvida. É pertinente consolidar os conhecimentos e retirar ensinamentos que me ajudem a ultrapassar certas situações no futuro.

#### **4. Identificação do Grupo de Estágio**

No estágio profissional, é importante e fundamental que exista um grupo onde se possam partilhar ideias e experiências. Durante os três anos de licenciatura tive a oportunidade de ter grupos de estágio diversificados. O processo de ensino e aprendizagem é sempre mais enriquecedor quando partilhado com os seus pares, sendo as diferentes experiências uma mais-valia.

O meu grupo de estágio foi constituído por duas colegas da turma do Mestrado em Educação Pré-Escolar e por mim. Com este novo grupo de estágio foi estabelecida uma relação de entreajuda, cooperação e companheirismo profissional. Como defende Loughran (2009), partilhar experiências “proporciona melhores oportunidades para reestruturar as situações e para questionar os nossos pressupostos sobre a prática” (p. 31).

Por outro lado, trabalhar com um grupo de estágio fará com que, no futuro, enquanto profissional, consiga facilmente desenvolver práticas em cooperação com outros profissionais. Também este autor refere que, para que os professores desenvolvam ainda mais o seu conhecimento especializado de

forma conjunta, terão de habituar-se às formas de aprendizagem colaborativa ou cooperativa, durante a formação de professores (p. 44).

## **5. Metodologia utilizada**

A metodologia de recolha de dados que foi utilizada no presente estágio foi a observação participante. Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa deve ser feita recorrendo à fonte direta dos dados. O investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados, que são essencialmente de carácter descritivo. Para atingir este objectivo, o investigador não se deve assumir como tal, para não alterar os comportamentos dos observados.

Quivy e Campenhoudt (1992) defendem que a observação direta se baseia na recolha de informações pelo investigador; sem se dirigir ao objeto de estudo, apoia-se no seu próprio sentido de observação. Os métodos de observação direta constituem métodos únicos de investigação social, que captam os comportamentos no momento em que os mesmos são produzidos. Estes métodos tornam-se demorados, visto que a observação não se deve limitar apenas a uma situação. Não se conseguem controlar os acontecimentos que, muitas vezes, surgem de maneiras imprevistas.

Uma variante da observação direta, sustentam Quivy e Campenhoudt (1992), é a observação participante, em que o investigador se introduz numa comunidade e nela participa de uma forma ativa durante um certo período de tempo. O investigador com este procedimento consegue que os observados reajam mais espontaneamente.

Afonso (2005), declara que “a observação é uma técnica de recolha de dados particularmente útil e fidedigna, na medida em que a informação obtida não se encontra condicionada pelas opiniões e pontos de vista de sujeitos, como acontece nas entrevistas e nos questionários” (p.91). O investigador tem, contudo, que definir e traçar previamente uma orientação para o seu trabalho.

Para Bell (1997), cabe ao investigador decidir o foco da sua investigação. No entanto terá já formulado a sua hipótese ou definido os seus objetivos

relativos ao estudo, revelando-se óbvia a importância de observar um determinado comportamento.

Este tipo de observação proporciona informações que levam à reflexão sobre a prática pedagógica, contribuindo para o seu aperfeiçoamento. Registrando e analisando as informações recolhidas, o educador/professor fica com um instrumento de trabalho que lhe pode ser bastante útil na sua futura profissão.

Em relação à análise documental, considera-se que esta seja a grande aliada da observação. Não só é necessária para o aprofundamento de conhecimentos, como também para dar uma conformidade às observações. Como referem Bogdan e Biklen (1994), “a teoria ajuda à coerência dos dados e permite ao investigador ir para além de um amontoado pouco sistemático e arbitrário de conhecimentos” (p. 52).

Afonso (2005) define análise documental como uma pesquisa arquivística, reforçando que esta “(...) consiste na utilização de informação existente em documentos anteriormente elaborados, com o objectivo de obter dados relevantes para responder às questões de investigação”. Assim, o investigador cinge-se “(...) a consultar a informação que foi anteriormente organizada com finalidades específicas” (p.88).

Para a realização do presente Relatório, para além de consultar obras e documentos de outros autores, também consultei outros documentos, tais como: dossiês de turma, projecto educativo da escola, horários, entre outros.

Metodologicamente este relatório foi realizado de acordo com as normas APA (American Psychological Association) e Azevedo (2000) de forma a organizar a construção do trabalho realizado.

## **6. Pertinência do Estágio**

O estágio assume particular importância devido ao facto de, durante estes períodos em que existe em contacto com os alunos, professores,

educadores e restante pessoal que faz parte da instituição, o futuro docente conseguir ganhar experiências com situações rotineiras, mas mais importante ainda, com aquelas situações que acontecem de forma inesperada. É pertinente também pelo facto de ser necessário articular os saberes de diversos conteúdos letivos com as necessidades e características específicas de cada criança, assim, “na formação inicial de um professor é preciso valorizar os saberes das diferentes especialidades, disciplinares ou não disciplinares (...) o papel deveria ser o de participar na elaboração e concretização na sua escola ou instituição de um projecto educativo”. (Ponte, 2005, p.65)

Há aspetos que fazem parte do dia-a-dia de um docente, que são desconhecidos pelos alunos estagiários, toda a legislação, a organização diária das tarefas das crianças, a gestão do tempo, são apenas alguns exemplos. Segundo Correia (1989), um formando necessita de observar situações

que resultam do sistema de relações institucionais que se estabelecem no interior do sistema de formação, que são geradoras de modos específicos de organizar o trabalho pedagógico e que podem facilitar ou dificultar a utilização pedagógica de saberes dos formandos e, portanto, do conjunto de conhecimentos vivências e construídos por estes no campo onde se desenvolvem as práticas profissionais integráveis nos domínios sobre os quais incide a formação (p. 119).

## **7. Cronograma de Estágio**

Como já referi anteriormente, este Relatório de Estágio Profissional é baseado nos meus relatos diários, assim como nas reflexões da prática pedagógica. O estágio decorreu ao longo do ano letivo, que teve início em outubro de 2011 e que terminou em junho de 2012. O estágio decorreu às terças e sextas feiras, das 9h às 16h.

Durante este período, estagiei na faixa etária dos 5 anos, na faixa etária dos 3 anos e na faixa etária dos 4 anos, conforme o cronograma de estágio que apresento no quadro 1.

Quadro 1 - Cronograma de estágio

	<b>5 Anos</b>	<b>3 Anos</b>	<b>3 Anos</b>	<b>4 Anos</b>
<b>Período de Estágio</b>	30 de Setembro de 2011 a 16 de dezembro de 2011	3 de janeiro de 2012 a 23 de março de 2012	27 de fevereiro de 2012 a 2 de março de 2012	10 de abril de 2012 a 22 de junho de 2012



# **CAPÍTULO 1**

## **RELATOS DIÁRIOS**



Tal como foi referido na introdução, neste capítulo serão descritas todas as observações realizadas ao longo do período da prática pedagógica. Todas elas estão seguidas pelas minhas inferências, devidamente fundamentadas.

Ao longo dos relatos, poderão surgir imagens ou quadros relativos a atividades efetuadas.



1.1.

## **1ª Secção**

Período de estágio de 30 de  
setembro a 16 de dezembro de  
2011

Faixa etária dos 5 anos



### **1.1.1 – Caraterização da turma**

A turma dos 5 anos em que estagiei é composta por vinte e sete alunos, dos quais dezasseis são do sexo masculino e onze são do sexo feminino.

De acordo com as indicações da educadora, estas crianças pertencem ao nível socioeconómico médio/médio alto e os seus Encarregados de Educação possuem, em grande maioria, formação superior.

### **1.1.2 – Caraterização do espaço**

A sala da turma da faixa etária dos 5 anos tem quinze mesas retangulares, com cadeiras apropriadas à estatura das crianças. Estas mesas estão dispostas por oito filas. A disposição da sala é variável ao longo do dia e do ano, de acordo com as necessidades inerentes aos próprios alunos, quer de evolução de aprendizagem, quer a necessidade de gestão das relações entre crianças e entre as crianças e a educadora. A configuração da sala varia ainda em relação aos conteúdos, às atividades, ao tempo destas e à interação das crianças com os materiais da sala.

Esta sala contém um móvel com portas, onde estão os dossiers dos alunos, dois quadros, uma mesa onde está a Cartilha Maternal João de Deus, estantes com material didático. Para além deste mobiliário, a sala ainda possui nas paredes alguns expositores para colocação de trabalhos dos alunos.

Quanto à iluminação, esta sala é bastante boa pois tem janelas em toda a sala de um dos lados o que dá luz á mesma o dia inteiro.

Todas as paredes da sala estão decoradas com contagens, alguns dos materiais matemáticos e ainda com motivos decorativos, que a educadora vai alternado consoante a altura do ano.

### 1.1.3 – Horário

O horário semanal da turma consiste na organização do tempo letivo do grupo. Contempla diferentes atividades, que as crianças realizam. Apresenta-se, no quadro 2, o horário da faixa etária dos 5 anos, no quadro 2.

Quadro 2 – Horário da faixa etária dos 5 anos

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
9h15/10h00	Matemática	Leitura e Escrita / Desenvolvimento verbal	Matemática	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita
10h10/11h00	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita	Leitura e Escrita
11h10/12h00	Iniciação Musical				Educação Física
	Leitura e Escrita	Matemática	Leitura e Escrita	Matemática	Matemática
12h00/14h00	Almoço / Recreio				
14h10/15h00	Conhecimento do Mundo	Informática	Conhec. do Mundo	Conhec. Do Mundo	Conhec. Do Mundo
15h10/16h00	Estrutura espacio-temp.	Conhecimento do Mundo	Jogos de Interior	Expressão Plástica	Expressão Dramática
16h00/16h30	Inglês	Dramatização de Leitura Biblioteca	Desenvolv. Da Motricidade	Estimulação à Leitura (ex:história)	Assembleia de turma

#### **1.1.4 – Rotinas**

As rotinas são aprendizagens indispensáveis e importantes, que a criança efectua e de que necessita na interacção *com* o meio envolvente, onde evolui progressivamente para a autonomia. Estas são um elemento organizador de todas as outras atividades. Post e Hohmann (2003, p. 197), explicam que:

as equipas de educadoras infantis procuram fazer uma programação diária que seja possível – organizada e consciente – e, no entanto, suficientemente flexível para acomodar as necessidades de cada criança. As crianças precisam de saber o decurso do dia em termos genéricos.

##### Acolhimento

O acolhimento é realizado no salão da escola. Aqui é feita uma roda com todas as crianças, professoras, educadoras e ainda alunas estagiárias. Após as crianças terem sido acolhidas pelas educadoras e professoras e de terem cantado as canções habituais da roda, dirigem-se para as suas salas. De acordo com Bassedas, Huguet e Solé (2009, p.104) as “atividades de grande grupo e o momento do reencontro com todas as crianças são atividades que levam a tomar consciência de grupo, onde a criança alarga o seu conceito de grupo”.

Para Post e Hohmann (2008, p. 213) é:

importante que os educadores abordem de forma calma e optimista estes momentos. Os educadores ficam disponíveis para dar confiança, apoio e tranquilidade. A presença de um educador calmo e meigo pode ajudar as crianças a sentirem-se mais tranquilas e confiantes.

##### Higiene e Refeições

As refeições das crianças são sempre realizadas ao meio-dia, as crianças saem das suas salas e vão para o refeitório.

A hora do almoço é muito importante; Bassedas *et al.* (2009, pp.150,151) referem que o “respeito pelos horários de refeições é o primeiro organizador temporal das crianças pequenas” e salientam também que os momentos das refeições permitem “comprovar as diferenças entre as crianças: algumas são lentas, outras são mais rápidas; existem as que agradam em provar alimentos diferentes ou outras que têm o gosto muito limitado”.

De acordo com as mesmas autoras é também, “durante as refeições que se detecta o mau estar físico ou psíquico. Compete aos educadores estarem muito atentos a estas situações”.

No que concerne à higiene, as crianças, assim que saem da roda de manhã, vão logo a casa de banho fazer as suas necessidades e lavar as mãos, antes mesmo de se sentarem nos seus lugares.

Antes de irem para o refeitório todas as crianças vão novamente à casa de banho e depois do recreio da hora do almoço, antes de irem novamente para a sala de aula, também.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 1997):

a educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer (p.84).

### Recreios

O recreio da hora do almoço da turma da faixa etária dos 5 anos é feito, na maioria das vezes, no exterior, exceto quando está a chover e as crianças vão para o salão fazer alguns jogos orientados pelas educadoras. No exterior, o recreio é um momento onde as crianças podem brincar livremente.

Tal como referem as Orientações Curriculares para a educação Pré-escolar (Ministério da educação, 1997) “Embora as actividades informais não

se realizem só no espaço exterior, este é também um local privilegiado de recreio onde as crianças têm possibilidade de explorar e recriar o espaço e os materiais disponíveis” (p.39).

### **1.1.5 – Relatos**

#### **30 de setembro de 2011**

Neste dia a educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo, cujo tema foi as emoções. Para lecionar esta aula, utilizou a “ caixa das emoções”. As crianças sentaram-se no chão em semicírculo.

Este jogo tinha como material quatro cartazes com sentimentos: a alegria, a tristeza, o medo e a raiva. A educadora pedia a um menino para tirar um cartaz e esse menino tinha que dizer qual era o sentimento que estava representado no cartaz, depois conversava sempre com os alunos sobre o sentimento, e cada criança dizia o que pensava e o que aquele sentimento transmitia.

Terminado o jogo, os meninos foram-se sentar nos seus respetivos lugares e a educadora foi chamando grupos, de três a quatro meninos, para irem ler a lição, com o auxílio da Cartilha Maternal João de Deus.

Depois, os alunos foram para uma aula de Educação Física no ginásio. Esta aula tem a duração de uma hora. As crianças fizeram alguns exercícios de aquecimento, correram e andaram à volta no ginásio em seguida, fizeram exercícios com os arcos e, no final, jogaram ao jogo do lenço, sentados numa roda no centro do ginásio. No final da aula, a educadora veio buscar a turma e fomos novamente para a sala.

Novamente com os meninos sentados nos seus respetivos lugares, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizou alguns materiais como as palhinhas, um quadro com a paisagem de uma floresta e uma imagem de animais. Começando por relembrar a história “A ovelha Carlota”, em que a personagem foi o tema para a aula, fez uma revisão dos

tipos de conjuntos que existem e realizou situações problemáticas, envolvendo a noção de par, ímpar, dezena e meia de dezena. Ainda houve tempo para fazerem contagens, para melhor perceberem as noções anteriormente referidas.

Da parte da tarde, a educadora contou a história “A bruxa Mimi e o computador” de Valerie Thomas.

O dia terminou com a continuação dos desenhos livres para as capas do período. No final, foram para o recreio jogar o “jogo do correio”.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O tema escolhido, as emoções, é bastante pertinente para ser trabalhado com crianças desta idade numa sala de aula, para que estas possam compreender os sentimentos e de saber expressá-los da melhor forma. Segundo Spodek e Saracho (1998):

as crianças podem ser ajudadas a explorar seus autoconceitos, a lidar com sentimentos em relação a elas mesmas e aos outros e a desenvolver formas apropriadas de se expressarem e interagirem com os outros. Estes objectivos podem ser alcançados através de discussões, dramatizações, histórias e outras técnicas nas quais as crianças sejam estimuladas a expressarem seus sentimentos ou preocupações para o professor, sozinhas ou em grupo (p.326).

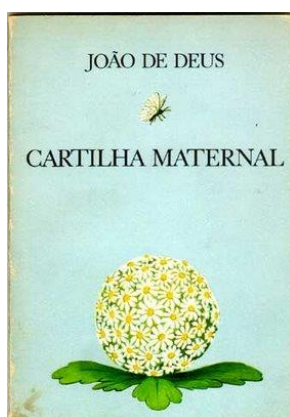
A estratégia utilizada pela educadora é uma excelente forma de abordar este tema, pois as crianças, ao verem as imagens, conseguem identificar melhor e, assim sendo, expressar-se melhor também e comparar as emoções dos cartazes com as suas próprias emoções.

Ao realizar um concurso para eleger o melhor desenho; a educadora faz com que os alunos se sintam mais motivados e assim façam os desenhos com mais cuidado e atenção.

#### 4 de outubro de 2011

Neste dia, a educadora teve que se ausentar durante grande parte da manhã, deixando, por isso, algumas atividades para que eu e as minhas colegas as realizássemos com os alunos.

Começamos, então, por uma breve revisão das primeiras lições da Cartilha Maternal, individualmente com alguns alunos, utilizando o flanelógrafo e as letras móveis. Enquanto isto, os restantes alunos realizavam duas fichas de trabalhos que consistiam em completar um desenho e, no final, colori-lo.



*Figura 1 – Cartilha Maternal João de Deus*

Depois do recreio da manhã, fizemos uma atividade de dobragem, a dobragem da tulpã em papel colorido; posteriormente, as crianças colocaram-na numa folha branca e desenharam o caule, completando ainda a folha com um desenho à sua escolha.

De tarde, a turma foi dividida e metade foi para a aula de informática e a outra metade foi para a biblioteca. Na aula de informática, os alunos trabalharam num programa que lhes permite criar desenhos simples.

## Inferências/ fundamentações teóricas

A dobragem de papel é considerada uma das actividades, na área da expressão plástica, que deve ser desenvolvida nas crianças. Estas dobragens são também designadas por origamis. Segundo Robinson (2006) “o origami – ou a arte de dobragem do papel – permite-nos ver o próprio papel como um meio para a expressão artística” (p.6). Este autor ainda refere que “o origami é hoje em dia uma actividade globalizada, apreciada por pessoas de todas as idades e ambos os sexos” (p.6). A dobragem, assim como todas as outras actividades de expressão plástica, desenvolvem capacidades motoras, como é o caso da motricidade fina. Tal como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora, mas recorre a materiais e instrumentos específicos e a códigos próprios que são mediadores desta forma de expressar” (p.61). Assim, a criança consegue produzir pequenas obras de arte através de um simples pedaço de papel e ainda desenvolve a sua motricidade fina.

O Método de Leitura João de Deus – Cartilha Maternal é iniciado na faixa etária dos 5 anos e, como refere Ruivo (2009), faz com que as crianças consigam “adquirir, atempadamente, a competência da leitura. O Método respeita o ritmo de trabalho e aprendizagem de cada criança porque é organizada de forma sistemática e lógica” (p.42).

Para além das lições da Cartilha Maternal, as crianças devem realizar outros exercícios de leitura, através de materiais e estratégias diversas. Uma das estratégias possíveis é a leitura de palavras, utilizando o flanelógrafo e letras móveis, tal como foi utilizado nesta aula.

Segundo Ruivo (2009) “devemos ler preparando bem a leitura, usando o flanelógrafo para fazer exercícios de consolidação. Por exemplo escrever com letras móveis a palavra lida” (p.158).

## 7 de outubro de 2011

A educadora, nesta manhã, trabalhou com as crianças na área do Domínio da Matemática, utilizando o material Cuisenaire. Começou por colocar algumas perguntas sobre o material, por exemplo “Qual é a peça que vale o dobro da vermelha?” ou “ Quantas peças vale a peça maior que todas?”. De seguida, a educadora realizou um jogo, tapando os olhos a um menino e dizendo para ele tirar uma peça do saco e pediu para que ele adivinhasse, só com o toque, qual a peça que tinha retirado. Na parte final desta aula foram feitas as chamadas “estações” com os seus “comboios”. Exemplificando, a educadora disse para fazer alguns dos “comboios” possíveis para a peça que vale sete valores (peça preta), tendo sempre em atenção que estes nunca podem ser nem maiores nem menores que a peça escolhida (“estação”), neste caso a peça preta.



*Figura 2 - Cuisenaire*

Depois dos meninos chegarem da aula de Educação Física, eu e as minhas colegas, juntamente com a educadora, fizemos uma dramatização de um conto tradicional “O coelhinho branco”, utilizando fantoches.

Da parte da tarde, a educadora esteve a falar sobre o corpo humano e o esqueleto; para consolidar fizeram uma ficha sobre o mesmo.

Neste dia ainda fizemos um espantalho para colocar na porta, como um motivo decorativo da sala de aula.

## Inferências/ fundamentações teóricas

O Cuisenaire é um material matemático estruturado “composto por uma série de barras (regretas) paralelepípedicas, de tamanhos e cores diferentes simbolizando, cada uma, os números naturais de 1 até 10” (Damas, Oliveira, Nunes e Silva, 2010, p. 65).

O jogo de reconhecimento das dimensões das peças com os olhos vendados foi importante. Como refere Caldeira (2009a) este jogos “constam essencialmente em levar a criança a reconhecer através do tacto (sem ver) as peças que tem na mão, atrás das costas ou dentro de um saquinho” (p. 131). Deste modo, este jogo “permite desenvolver a classificação e a seriação”

Este material é bastante apelativo e a educadora desenvolveu e fomentou o gosto pela aprendizagem reflexiva. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré escolar (Ministério da Educação, 1997 p.170), é essencial permitir que as crianças descubram as suas próprias soluções e:

que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que debatam com outra criança, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham a oportunidade de participar no processo de reflexão.

A dramatização do conto tradicional foi bastante importante, na minha opinião principalmente pela utilização dos fantoches. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “o domínio da expressão dramática será ainda trabalhado através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.” (p. 60).

Pereira e Lopes (2007) referem que “o educador e o animador podem e devem utilizar os fantoches como proposta educativa interdisciplinar e ainda como tecnologia educativa ao serviço das diferentes áreas do saber” (p. 44).

Durante toda esta actividade, os meninos mostraram-se bastante interessados e com vontade de participar.

### **11 de outubro de 2011**

Neste dia, a educadora começou por ler a história “Mas que barulheira” da autora Ana Beatriz Afonso. No decorrer da mesma, a educadora foi pedindo a colaboração dos alunos para a repetição de alguns sons de animais e para identificarem os sons fortes e sons fracos. Trabalharam ainda a rima, em que as crianças disseram várias palavras que rimavam com galinha. Posteriormente, as crianças ficaram a perceber que o ruído pode afetar a nossa audição.

Ainda no período da manhã, a educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo sobre a audição, que tinha sido introduzida na história lida anteriormente. A educadora mostrou um pequeno filme sobre o interior do nosso ouvido e o processo de transmissão do som até ele chegar ao nosso cérebro. Alertou, ainda, para a boa higiene que devemos ter com os ouvidos, e referiu que existem pessoas surdas que para se comunicarem, utilizam outro tipo de linguagem diferente da nossa, a linguagem gestual.

Depois da visualização do filme foram feitos vários jogos, todos nesta categoria do “Jogo dos Sons”. O primeiro consistia em ouvirem o som que o computador estava a transmitir e identificá-lo, no segundo, os meninos tinham que tapar os olhos e adivinharem qual o instrumento que se estava a tocar. Este jogo foi-se tornando cada vez mais difícil, pois tocavam-se dois ou mais instrumentos e os alunos tinham que dizer qual a sequência de sons, ou seja, qual o instrumento que ouviram primeiro, o do meio e o que ouviram por último.

Por último, a educadora deu aula de Domínio da Matemática, com palhinhas e algarismos móveis. Foi-lhes distribuído uma folha com duas peças

de dominó para eles picotarem e, depois, colarem numa folha, posteriormente dada para fazerem a operação.

### Inferências/ fundamentações teóricas

A história que a educadora leu no início da manhã foi bastante pertinente, pois foi uma introdução para o tema que viria a dar, de seguida, sobre a audição. Assim, houve uma interdisciplinaridade entre a Área da Expressão e Comunicação e a Área do Conhecimento do Mundo. Tal com é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “todas as áreas de conteúdo constituem, de certo modo, formas de conhecimento do mundo. Assim, a área da Expressão e Comunicação (...) contribui para compreender melhor o mundo e dispor de meios para o representar e lhe dar sentido” (p. 79).

A aula sobre a audição insere-se na área das Ciências que, na educação pré-escolar, se insere na Área do Conhecimento do Mundo. Esta área é definida nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) onde é referido que esta “deverá permitir o contacto com a atitude e metodologia própria das ciências e fomentar nas crianças uma atitude científica e experimental” (p. 82). O tema desenvolvido na resultou numa aula de Ciências muito interessante.

Desenvolver uma educação em Ciências é muito importante na educação Pré-Escolar. Martins *et al.* (2009) apontam várias razões para o ensino das Ciências neste nível de escolaridade:

- As crianças gostam de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no dia-a-dia;
- A educação em ciências contribui para uma imagem positiva e reflectida acerca da ciência;
- Uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde, no ensino básico;

- A utilização de uma linguagem cientificamente adequada com crianças pequenas pode influenciar o desenvolvimento de conceitos científicos;
- As crianças são capazes de compreender alguns conceitos científicos elementares e pensar cientificamente;
- A educação em ciências favorece o desenvolvimento da capacidade de pensar cientificamente.

(pp.12-13)

O jogo feito no final, foi muito estimulante para as crianças. Zabalza (1998) defende que devem ser realizadas várias atividades para explorar o som. Assim, “os sons podem ser reconhecidos, escutados, seguidos, localizados no espaço, adaptados ao seu ritmo, descritos, comparados, etc.” (p. 208).

Esta aula não só foi importante para as crianças aprenderem a matéria, como também para saberem os perigos que nós, muitas vezes, inconscientemente fazemos com os nossos próprios ouvidos. É preciso consciencializar as crianças para uma correta atitude e cuidado com a saúde.

#### **14 de outubro de 2011**

O dia começou com uma aula de Conhecimento do Mundo, cujo tema foi: o paladar ou gosto. Primeiramente, a educadora lembrou o sentido do olfato e, de seguida, com o auxílio de uns lábios feitos em cartolina, a educadora explicou que o paladar se sente através da boca, mais propriamente através da língua. A educadora levou ainda uma língua em 3 dimensões em que, a partir dela, pode explicar a função da língua e das papilas gustativas e ainda demonstrou que na língua existem várias zonas responsáveis pela deteção dos sabores.

Para finalizar esta aula a educadora realizou uma atividade que consistia na degustação, por parte dos alunos, de vários alimentos (açúcar, sal,

limão e café em pó). De seguida, com os olhos vendados, as crianças tinham que provar um alimento e conseguir adivinhá-lo através do seu paladar.

Durante todo o decorrer desta aula as crianças colaboraram e quiseram sempre participar, estavam muito entusiasmados. No final desta atividade, realizaram uma ficha de trabalho sobre o tema.

A aula de ginástica foi logo de seguida, as crianças desta vez não tiveram aula no ginásio, mais sim no recreio, porque estava uma exposição de livros montada no ginásio. Depois da aula de ginástica, os alunos foram então à exposição onde a educadora, eu e as minhas colegas lemos lengalengas, trava-línguas e adivinhas. No final, os meninos tiveram a liberdade de poderem ver melhor e mexer um pouco nos livros.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A degustação é bastante importante para que as crianças possam contactar com a realidade, isto é, elas precisam de ver, mexer e provar os alimentos para comprovar o que lhes está a ser dito. Ao realizar a atividade dos olhos vendados, as crianças não só estão mais atentos e praticam a sua concentração, como também desenvolvem este sentido, o paladar.

Como defende Zabalza (1998), as atividades sensoriais devem ser praticadas de forma diversificada. Caso não seja possível praticar na cantina, o professor deve “dispor de objectos (frutas, coisas comestíveis) que as crianças possam distinguir pelo gosto: insonso, salgado, saboroso” (p. 209).

Em relação à exposição que se encontrava no ginásio, Gomes (1996) defende que as feiras do livro devem ser realizadas “pelo menos duas vezes em cada ano lectivo” pois “constituem excelentes pretextos para acções de sensibilização dos pais para a importância do livro e da leitura na formação dos seus educandos” (pp. 24-25). É sempre importante termos este tipo de iniciativas em quaisquer centros educativos, para que as crianças possam tomar, desde cedo, o gosto pela leitura.

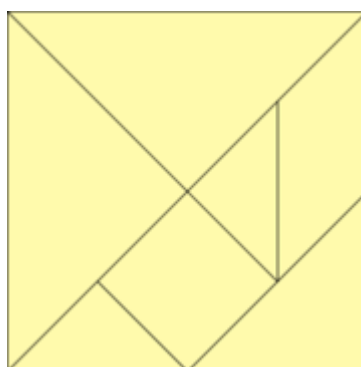
**18 de outubro de 2011**

Neste dia, ao chegar à sala, alguns meninos tiveram que repetir trabalhos do corpo humano, enquanto outros começavam um novo trabalho de grafismo, para trabalhar a noção de horizontal e vertical. Este consistia em contornar a carapaça de dois caracóis, com lápis de carvão, e fazer traços verticais que representavam a chuva e traços horizontais que representavam a relva. No final podiam pintar tudo de acordo com as cores que estavam estipuladas pela professora, que tinha dado as indicações do trabalho no quadro.

Depois do recreio da manhã, os meninos tiveram uma aula de Tangran. A educadora explicou de onde tinha surgido este nome e contou a lenda do mesmo. Começou por perguntar por quantas peças é formado o Tangran e quais as suas formas.

Posteriormente, fizeram a construção do quadrado e, a partir dela, a construção do barco. A partir desta última construção, a educadora pediu que construíssem um baú do tesouro, que se encontrava escondido numa ilha.

Depois de arrumarem o material, as crianças tiveram que picotar as peças do Tangran e com elas fazer a figura de um gato, para depois colarem numa folha.



*Figura 3 – Tangram*

Da parte da tarde os meninos estiveram a fazer uma bruxinha. Primeiro pintaram a cara da bruxinha ao seu gosto e, com folhas secas de árvores que tinham apanhado na rua, fizeram o corpo. Este trabalho ficou exposto no placard da sala e depois foi colado num folha para guardar nas capas.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Os grafismos são muito importantes para o desenvolvimento de habilidades gráficas. Segundo Zabalza (1998), através desta atividade “a criança pretende comunicar: imitar um traço, representar um objecto, executar uma intenção expressiva” (p. 282). Com o desenvolvimento desta capacidade “o traço gráfico deixa de depender de uma acção exclusivamente motora (...) e passa a ser o reflexo de outros factores” (p. 283). Como afirma este autor, o grafismo constitui o primeiro passo para o desenvolvimento intelectual figurativo.

De acordo com Gonçalves (1991), os grafismos que constituem a pré-escrita “são um excelente exercício para desenvolver a psicomotricidade, antes da aprendizagem da escrita convencional das palavras e dos números, aos 6 anos de idade” (p.48).

O Tangram, segundo Caldeira (2009a), “é um jogo ou “quebra-cabeças” de origem chinesa” (p.391). De acordo com Damas *et al.* (2010), o Tangram é um material manipulativo estruturado “constituído por sete peças (figuras geométricas: um quadrado, um paralelogramo, dois triângulos pequenos geometricamente iguais, um triângulo médio e dois triângulos grandes geometricamente iguais” (p. 137).

A atividade que as crianças realizaram para construir um Tangram em papel é vantajosa pois, segundo Damas *et al.* (2010), “facilita o reconhecimento das diferentes formas geométricas que o compõem” (p. 139). Os mesmos autores salientam a importância de contar estas histórias, que se criam em torno de objetos cuja origem se desconhece. Sendo ou não verdade, o que importa é a magia dos mitos e lendas. (p. 394).

Assim, com este material é possível realizar várias atividades. A lenda, que a educadora contou aos alunos, é uma das muitas lendas que se contam acerca deste material.

### **21 de outubro de 2011**

Neste dia, a educadora começou por mostrar um placard com todos os órgãos dos sentidos para a consolidação do tema.

Depois, passou para outro tema do Conhecimento do Mundo, a Digestão. Começou por explicar o que era a digestão e “o caminho” que os alimentos faziam ao entrarem na nossa boca até chegarem ao nosso estômago. Depois, com uma cartolina, fez-se a legenda da figura, com setas a indicar a localização da boca, esófago, estômago, intestino delgado, fígado, intestino grosso, ânus.

Seguiu-se a aula do Domínio da Matemática com a utilização dos Calculadores Multibásicos. Depois de fazerem alguns exercícios de lateralidade, jogaram ao jogo das bases. No quadro, a educadora tinha uma réplica das placas em cartolina e utilizou algarismos móveis para representar o valor das peças.

Depois da aula de ginástica, a educadora deu uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, lendo a lengalenga “A velha e a bicharada” de Luísa Ducla Soares, através de um livro grande feito em cartolina. Ao longo desta lengalenga foi pedido aos meninos que participassem, repetindo algumas frases e sons dos animais. Depois foram feitas algumas perguntas de interpretação.

Da parte de tarde, com colaboração de todos os meninos, fizemos um salame, que provámos à hora do lanche.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A lengalenga foi contada de uma forma dinâmica e as crianças participaram de forma adequada. O suporte utilizado foi bastante adequado,

em termos de tamanho e de funcionalidade. Nas palavras de Spodek e Saracho (1994, como citado em Ruivo, 2009):

Os livros grandes podem fazer com que a criança desempenhe um papel mais activo na aprendizagem... desenvolve o conceito de leitura e habilidades pró-leitoras , tal como a progressão esquerda-direita, ajuda a compreensão das convenções e das técnicas do impresso, dá à criança o sentido de 'linguagem escrita', desenvolve a discriminação visual e o reconhecimento de letras e palavras... (p. 120)

Através desta lengalenga, a educadora trabalhou vários conceitos importantes como o género dos nomes e os nomes coletivos. Como referem Sim-Sim (2006):

(...) desde o pré-escolar ao ensino secundário, é importante que sejam proporcionadas às crianças e aos jovens atividades de enriquecimento linguístico que lhes propiciem um conhecimento elevado e sistematizado da língua, com leituras de material técnico e de obras literárias completas que lhes desenvolvam o gosto pela leitura extensiva e recreativa (p. 99).

### **25 de outubro de 2011**

Este dia começou com a arrumação dos trabalhos realizados pelas crianças. Enquanto isto, as crianças pintaram uma nova capa, que seria para os trabalhos realizados no mês de outubro, alusivos à estação do ano, o Outono. Ao mesmo tempo, a educadora deu Cartilha a alguns alunos.

De seguida, a educadora deu uma aula do Domínio da Matemática utilizando o 3º e 4º dons de Fröebel. Para começar, perguntou o nome do material e lembrou aos alunos as regras deste material. Logo depois, contou uma pequena história que serviu de ligação para fazer algumas situações problemáticas. Para que a aula se tornasse mais apelativa, ao longo da história, que se passava numa quinta, a educadora foi mostrando várias imagens de animais. Com isto, as crianças fizeram a construção da camioneta e da mobília da sala e realizaram, com estas mesmas construções, algumas situações problemáticas envolvendo a soma e a subtração.

Depois do almoço e devido ao mau tempo que se fazia sentir lá fora, os meninos do bibe azul das duas turmas foram para o salão, onde realizaram alguns jogos como o jogo da cadeira e o jogo do carteiro.

A última parte da tarde foi dedicada a um grafismo em série. A educadora pediu-me que o fizesse no quadro e os meninos copiaram para uma folha de desenho em branco.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Os dons de Fröebel constituem um outro conjunto de materiais matemáticos estruturados. Spodek e Saracho (1998) mencionam este material como “(...) um conjunto de pequenos materiais manipuláveis para serem usados pelas crianças de formas preestabelecidas” (p. 45).

O 3.º dom, segundo Caldeira (2009) “é composto por 8 cubos guardados dentro de uma caixa de madeira, também em forma de cubo (p. 248). O 4.º dom “é constituído por uma caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos” (p. 260).

Trabalhando com estes dois materiais em simultâneo, podemos realizar construções e cálculos mais complexos. Esta autora enumera ainda alguns objetivos do uso do 3.º e 4.º dom em simultâneo: “i. Maior diversidade nas actividades; ii. Diferentes construções; iii. Cálculo Mental; iv. Situações problemáticas mais complexas; v. Maior equilíbrio; vi. Desenvolvimento da criatividade” (p. 285).

A utilização de material de apoio à aula, como as imagens dos animais, é uma forma de, não só captar mais ainda a atenção das crianças, mas também de tornar a aula mais apelativa e interessante, fazendo com que as crianças percebam melhor o sentido das actividades que estão a realizar.

Em relação ao grafismo em série, foi para mim um desafio bastante aliciante, visto que nunca o tinha feito nem tinha visto fazer. Foi um pouco

complicado fazer o grafismo, pela primeira vez, no quadro diante das crianças, mas consegui atingir o objetivo proposto pela educadora.

### **28 de outubro de 2011**

Este dia foi destinado a aulas surpresas por parte da equipa da supervisão pedagógica e orientadores do Estágio Profissional. Foi-me pedido que desse a iniciação à divisão, utilizando os Calculadores Multibásicos. Visto não me lembrar, na altura, como dar esta aula, pedi à professora para dar outro tema. Assim, a minha aula foi sobre a subtração e, durante a mesma, fiz algumas questões sobre o material e fiz também duas situações problemáticas de subtração.

No final de todas as aulas surpresas, houve uma reunião com as estagiárias e orientadores de estágio para fazer o balanço das aulas decorridas nesta manhã.

A tarde foi bastante calma com a continuação, por parte dos alunos, de trabalhos que tinham em atraso. Enquanto isto, eu e a educadora fizemos caixas de papel, para todos os alunos, no final do dia, levarem para casa as suas abóboras, moldadas e pintadas dias antes.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Em relação à minha aula, penso que correu bem, apesar de, logo no início, ter falhado visto não ter conseguido dar o conteúdo inicialmente proposto pela educadora que me avaliou.

É importante lembrar sempre, no início de cada aula sobre materiais matemáticos, as regras dos mesmos para que não haja desrespeito destas, por parte dos alunos.

Estas aulas são bastante importantes para nos preparar para a nossa vida ativa enquanto educadoras. A presença da equipa de supervisão na escola é muito importante. O professor supervisor propõe uma tarefa e, através

dela, observa as nossas práticas e a capacidade de adotar métodos e estratégias.

Segundo Galveias (2008) estas tarefas são “desenvolvidas em função da diversidade de situações e contextos formativos tendo em vista, sempre, a construção do conhecimento” (p. 9)

As reuniões depois destas aulas são, também, uma mais-valia para apreciar o que fizemos e tirar ilações em relação aos nossos comportamentos durante a mesma.

Galveias (2008) defende ainda que “uma reflexão dialogante, sobre o observado e o vivido, conduz à construção activa do conhecimento na acção segundo uma metodologia de aprender a fazer fazendo” (p. 8).

Estas aulas são bastantes importantes pois, quando começarmos a lecionar, temos que estar à vontade com os conteúdos matemáticos que estamos a falar. Como afirma Serrazina (2002), o professor precisa de se sentir à vontade na matemática e “para isso tem de conhecer bem os conceitos, técnicas e processos matemáticos que intervêm neste nível de escolaridade” (p. 11).

O professor deve saber matemática e estar à vontade com os conteúdos.

#### **4 de novembro de 2011**

Este dia começou com a educadora a dar uma lição de Cartilha a um grupo de alunos, enquanto os restantes realizavam uma ficha de grafismos. Em simultâneo, eu e as minhas colegas estivemos a rever com algumas crianças a lição da letra “t”.

No regresso da aula de ginástica, a educadora deu uma aula de Matemática utilizando o Tangram. Em primeiro lugar, a educadora colocou algumas questões em relação ao material, de seguida pediu que os alunos representassem a figura do quadrado e posteriormente a do retângulo.

Realizou uma situação problemática de multiplicação, com a figura do triângulo representada, tendo em conta o número de triângulos e o número de lados de cada um.

À semelhança de dias atrás, os alunos tiveram que ir para o salão realizar jogos, durante o recreio.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O Tangram, para além de ser um material cuja principal finalidade é a construção de figuras, pode também ser utilizado para colocar situações problemáticas às crianças, para desenvolver o raciocínio matemático e explorar operações aritméticas. Numa fase em que a criança já desenvolveu o sentido do número e já tem estruturado o processo de cálculo, pode então, como afirmam Spodek e Saracho (1998) “passar da comparação, contagem e escrita dos números para as operações com eles: soma, subtração, multiplicação e divisão” (p. 311).

A repetição de triângulos é um excelente mote para um cálculo de multiplicação. Como referem os autores anteriores, os processos de multiplicação e divisão “podem ser abordados através do uso de materiais manipulativos e do recurso aos conteúdos de matemática aprendidos anteriormente” (p. 311).

Desta forma, através das peças do Tangram é possível também criar situações que envolvam operações como a multiplicação.

### **8 de novembro de 2011**

Neste dia, as turmas tiveram uma visita de estudo. Depois da habitual roda no salão, as crianças dirigiram-se à sala, sentando-se nos seus respetivos lugares e vestiram os casacos. Antes de saírem, a educadora referiu as regras de saída do Jardim-Escola e entrada do autocarro.

Esta visita teve como destino o Clube Estefânia, em Lisboa, para assistir à peça de teatro “O guardião dos sonhos”. Eu e as minhas colegas

acompanhámos as crianças a esta visita. O espetáculo decorreu durante toda a manhã. Ao meio dia regressámos ao Jardim-Escola, as crianças foram colocar os casacos na sala de aula e, depois de irem a casa de banho, foram almoçar.

Da parte da tarde, os meninos foram à aula na sala de informática e acabaram trabalhos em atraso. Alguns alunos, com mais dificuldades na escrita das letras, foram ao quadro praticar as letras “v” e “f”.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

As visitas de estudo são uma das atividades que se devem proporcionar aos alunos durante o ano letivo. Estas são um bom escape à rotina diária escolar e fazem com que as crianças se sintam mais motivadas para a realização de outras atividades. Almeida (1998) define visita de estudo como “qualquer deslocação efetuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objetivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos” (p. 51).

Estas iniciativas devem ser criadas pela escola com alguma frequência, pois, o teatro para as crianças, como menciona Sousa (2003), tem como objetivos “despertar o gosto e a sensibilidade das crianças por esta forma de arte, ao mesmo tempo que, com uma criteriosa selecção de peças, ajudar a escola nos seus esforços educacionais no âmbito da formação estética, cívica e moral” (p. 83).

Durante toda a peça de teatro houve uma interação entre as crianças e os atores, indo mesmo alguns dos meninos ao palco fazer alguns papéis. As crianças adoraram a peça e a ida ao teatro.

### **22 de novembro de 2011**

Neste dia, os alunos começaram por terminar um trabalho do dia anterior onde tinham que picotar as peças do Tangram e depois fazer a construção do pato. Enquanto as minhas colegas davam uma lição de Cartilha, os restantes alunos realizavam outras fichas de trabalho.

Depois do recreio, a educadora ausentou-se para se reunir com a educadora da outra turma, para organizarem algumas situações referentes à festa de Natal. Enquanto isto, eu e as minhas colegas ajudámos as crianças numa atividade de Matemática, em que picotaram duas peças de dominó e colaram-nas numa folha. Depois somaram o número total de pintas das duas peças e representaram numa só operação.

Durante a hora do almoço e, juntamente com as colegas da outra turma, iniciámos a realização dos cenários para a festa.

Nesta tarde, fiquei com a turma e li a história “Um pesadelo no meu armário”, de Mercer Mayer. Depois da leitura da história, fizemos a dobragem do pinheiro e os meninos colaram-no numa folha e fizeram um desenho alusivo ao Natal.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Ao ler a história deparei-me com um imenso entusiasmo por parte dos alunos, querendo muito participar na história.

Em relação às aulas de Cartilha, pude observar as minhas colegas a relembrem regras das lições e isso ajudou-me, não só a lembrar-me de algumas regras já esquecidas, como também a poder ver outro tipo de perguntas feitas por elas. De acordo com Ruivo (2009), “no discurso com a professora, a criança insere conhecimentos seus na aprendizagem desenvolvendo o vocabulário e a construção frásica de uma forma lúdica” (p. 131).

### **25 de novembro de 2011**

Neste dia, recebemos as orientadoras de Estágio Profissional para a realização de aulas surpresa. Em primeiro lugar, assisti à aula de uma colega na outra turma. Foi-lhe pedido que contasse uma história e que a dinamizasse, apresentando no final a lição da letra “z” da Cartilha Maternal, revendo primeiro a lição anterior, da letra “r”.

A colega contou a história “Os três porquinhos”, utilizando um fantoche como narrador. Depois iniciou e dinamizou a lengalenga “A formiga e o escaravelho”, mostrando imagens deste dois insetos. De seguida, deu uma folha a cada aluno, onde desenhou dois olhos, e pediu que desenhassem o corpo do porco. Assim, deu a lição, fazendo a revisão da letra “r”.

Seguiu-se a vez da minha colega de estágio da minha sala. Foi-lhe pedido que ensinasse a lengalenga “As mãos” e que escolhesse uma palavra da mesma para dinamizar e trabalhar as vogais e as consoantes. Por fim, tinha que fazer a revisão da lição da letra “g” da Cartilha Maternal. Escreveu a lengalenga no quadro com letra bicuda e começou a aula com exercícios de lateralidade para a distinção da esquerda e da direita. Depois de ensinar a lengalenga, os alunos repetiram. De seguida, com letras móveis, colocou no quadro a palavra “direita” e pediu a alguns meninos que identificassem as vogais e as consoantes da palavra. Por fim, fez então a revisão da letra “g” da Cartilha com duas crianças.

Terminada a aula, dirigimo-nos todas para a reunião, onde se discutiriam as prestações das colegas nas suas aulas.

Da parte da tarde as crianças tiveram ensaio para a festa de natal e depois estiveram a fazer o seu “livro” da gota de água, recortando, colando e desenhando no mesmo.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A primeira aula a que assisti, a colega contou a história de uma forma bastante expressiva, pedindo a colaboração dos alunos ao longo da mesma, motivando-os.

Segundo Sanches (2001) “ler, contar e recontar histórias e outros textos em voz alta na aula estimulam a leitura e facilitam as aprendizagens e a desinibição dos alunos” (p. 56). Hohmann e Weikart (1997) referem também que, “contar histórias em vez de ler um livro é uma maneira divertida de usar a linguagem com inflexões de voz e gestos” (p. 548).

Quanto à lição da Cartilha Maternal, explicou corretamente todas as regras e preocupou-se sempre em dar às crianças um reforço positivo. Como afirma Ruivo (2009) “é obrigatório, diríamos, que o professor/educador dê aos seus alunos sempre um reforço positivo de forma a que a aprendizagem seja motivadora e estimulante” (p. 134).

O facto de ter pedido às crianças que construíssem a palavra que leram com letras móveis e no quadro, foi uma estratégia interessante

Quanto à aula seguinte, achei importante que a colega tenha escrito a lengalenga no quadro, o que é importante para as crianças visualizarem a escrita da lengalenga. A lengalenga é um texto da tradição oral e deve ser explorada com as crianças no início da infância. Agüera (2008) defende também que “os pequenos poemas, as canções, as lengalengas, etc. têm, pois, um enorme valor significativo, do qual deveríamos tirar partido, se queremos uma educação de infância criativa, que tenha como ponto de partida os interesses dos mais pequenos” (p. 23).

### **29 de novembro de 2011**

A educadora esteve ausente, durante a manhã, por isso, eu e as minhas colegas, com o apoio da educadora da outra turma, estivemos a orientar as atividades das crianças.

Neste dia, estava, no Jardim-Escola, uma equipa de especialistas para fazer um rastreio visual às crianças. Sendo assim, eu e as minhas colegas levámos a turma para o rastreio. Já na sala de aula, os alunos realizaram uma atividade que tinha sido deixada preparada pela educadora, que consistia em procurar letras em revistas e recortá-las para formar palavras, cujas imagens se encontravam numa ficha. No decorrer desta atividade, fomos realizando um dos cenários para a festa de Natal.

A parte da tarde foi passada entre ensaios com as crianças e cenários para a festa de Natal.

## Inferências/ fundamentações teóricas

O rastreio visual realizado na escola foi uma iniciativa muito importante ao nível da saúde visual das crianças. Pinto e Maia (2004) defendem que “o rastreio oftalmológico infantil assume particular importância ao permitir o diagnóstico e a terapêutica precoce das patologias visuais, melhorando o prognóstico e interferindo positivamente no desenvolvimento e na aprendizagem” (p. 35).

Estas mesmas autoras afirmam também que, “sendo um dos sentidos mais necessários à aprendizagem e à comunicação, a sua ausência ou diminuição tem consequências que vão da dificuldade escolar até à cegueira total e que podem ser evitadas ou minoradas se atempadamente diagnosticadas e tratadas ou reabilitadas” (p. 36).

A atividade realizada com as crianças, após o rastreio, fugiu um pouco ao habitual, sendo por isso bastante interessante ver a atitude das crianças perante a mesma. Estas, não só, realizaram a atividade com bastante interesse como com uma motivação extra, pela diferente tarefa que estavam a realizar.

Segundo Hohmann e Weikart (1997) “enquanto algumas cortam e colam de forma indiscriminada, apenas pela tarefa de cortar e colar, outras observarão as imagens de animais ou carros, ou o que quer que seja que encontrem particularmente atraente” (p. 490).

No que diz respeito à preparação da festa de Natal, a memorização dos papéis foi um momento mágico para as crianças, pois muitas eram as tarefas envolvidas. As crianças deram o seu melhor para representarem o seu papel.

Para Vigotsky (2009) as crianças memorizam as suas falas, os gestos, a voz, o espaço e outros acessórios que compõem os diferentes papéis que irão representar. Toda a preparação, desde o cenário até à representação, constitui uma fase de excitação, imaginação e emoção. Com esta estratégia, a educadora promove a educação participativa, levando a superar a insegurança

e a timidez de algumas crianças, através da memorização e encarnação na representação.

### **2 e 9 de dezembro de 2011**

Estes dois dias foram marcados pelo roulement e, por isso, a minha educadora ficou com as duas turmas dos 5 anos. Durante a manhã, as crianças realizaram atividades de Expressão Plástica sobre o Natal. Realizaram dobragens do Pai Natal e cada criança fez um desenho para decorar a capa do programa da festa de Natal.

Ainda neste dia, eu e as minhas colegas continuámos na elaboração dos cenários para a festa.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O facto de as crianças terem realizado o desenho para o programa da festa de Natal, foi uma atividade importante para a sua participação na mesma.

Assim, as crianças devem de ter a oportunidade de participar nos eventos sociais da turma e da escola, como é o caso da festa de Natal.

### **6 de dezembro de 2011**

Neste dia, a minha aula colega deu uma aula de Domínio da Matemática, cujo tema foi a adição. Para esta aula, a minha colega utilizou um dado em tamanho grande, tampas de plástico e algarismos móveis.

Começou a aula, colocando a palavra “dado” no quadro, mostrou o mesmo e fez algumas questões sobre o sólido geométrico que este representava – o cubo.

No primeiro exercício que realizou, os alunos tinham que lançar os dados duas e três vezes e fazerem a adição do número e pontos de cada lançamento, com o auxílio das tampas e dos algarismos móveis. No segundo exercício, a colega colocou no quadro o número 6 e pediu para que os alunos

pensassem em valores que teriam de sair em dois lançamentos do dado, para que a soma fosse 6, registrando as opções no quadro. De seguida, realizou um jogo de pares para desenvolver o cálculo mental, colocando um tabuleiro de jogo no quadro. No final, distribuiu por cada aluno uma ficha de trabalho.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A aula da minha colega foi bem conseguida, não só o material estava apelativo, como também a forma como estruturou a sua aula fez todo o sentido.

O jogo que fez, no final, foi bastante importante para ter um momento de descontração e, ao mesmo tempo, o jogo de equipas faz as crianças interagirem mais com as outras para um objetivo em comum.

Para Kamii (1995 como citado por Caldeira (2009), “o jogo é um recurso motivador para a aprendizagem das quatro operações, por envolverem regras e contribuírem para o desenvolvimento da autonomia” (p. 49).

### **7 de dezembro de 2011**

Neste dia dei a minha aula preparada para toda a manhã, cujo tema era a Roda dos Alimentos. Comecei por falar na importância da roda, mostrando um pequeno PowerPoint onde podíamos visualizar todos os grupos da mesma. Falei sobre cada um deles, as vantagens e desvantagens de se comer alguns alimentos. Para finalizar esta aula de Conhecimento do Mundo distribuí uma folha, que tinha desenhado um prato e talheres, e pedi para que os meninos construíssem a sua própria refeição. Para tal, entreguei-lhes também imagens com vários alimentos da roda.

Na aula de Expressão Oral e Abordagem à Escrita li a história “ A Senhora Roda dos Alimentos” com os meninos sentados no chão, no meio da sala. Depois da leitura da mesma, fui com 3 meninos à lição da Cartilha Maternal, enquanto os restantes meninos ficaram nos seus lugares a realizar uma ficha de trabalho.

Por fim, no Domínio da Matemática, distribuí dois envelopes, um que continha imagens e outro que continha algoritmos. Para envolver melhor esta aula, contei uma história e, ao longo da mesma, realizei com as crianças várias situações problemáticas.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Esta foi a minha primeira aula com esta turma dos 5 anos. Foi bastante importante ter falado de um tema tão importante. É um conteúdo que as crianças devem aprender muito bem e, por isso, tentei levar para a sala de aula, materiais que levassem à compreensão total das crianças sobre o mesmo.

Penso que foi importante a utilização do PowerPoint para que as crianças visualizassem bem todos os grupos da roda dos alimentos e assim os distinguir com mais facilidade.

A utilização de um PowerPoint em duas das atividades foi um método eficaz para transmitir conhecimentos através de imagens. Mena et al. (1996 como citado em Silveira-Botelho, 2009), referem que “as novas tecnologias são meios electrónicos que criam, armazenam, recuperam e transmitem a informação de forma rápida e em grande quantidade e fazem-no combinando diferentes tipos de códigos” (p. 114).

Foi também bastante importante ter falado das vantagens e desvantagens de alguns alimentos na nossa alimentação. Para fomentar todas estas ideias, quis que as crianças fizessem a sua própria refeição.

A aula de matemática penso que poderia ter sido melhor, no que concerne às situações problemáticas poderia ter feito mais e melhor para estimular mais o raciocínio mental das crianças.

O ter levado três crianças para lerem algumas palavras é sempre importante, porque as estimula e faz com que nunca percam o ritmo de leitura.

## **12 de dezembro de 2011**

Neste dia, a minha colega deu uma aula de Domínio da Matemática, cujo tema foi a subtração. Para tal, ela utilizou os piratas como personagens para a sua história ao longo da aula. Distribuiu a cada criança um mapa do tesouro com um barco destacável, um saquinho com pedras coloridas e algarismos móveis. Ao longo da aula colocou quatro situações problemáticas, envolvendo a subtração. No final da aula deu uma ficha de trabalho.

Depois desta aula, terminámos os cenários para a festa de Natal.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A minha colega trabalhou a subtração de uma forma criativa e motivadora para as crianças. O material estava muito apelativo e bem construído. As pedrinhas coloridas são um objeto apreciado pelas crianças para atividades de contagem. Como referem Fernandes e Cardoso (s/d), “a experimentação, a comunicação e a utilização de estratégias diversificadas ajudam a desenvolver práticas compreendidas de relações entre quantidades, números e a adquirir o sentido do número das crianças” (p. 6). Criou também uma história em que envolveu as crianças, proporcionando-lhes assim uma estratégia diferente do habitual.

## **13 de dezembro de 2011**

Este dia foi destinado somente à finalização dos cenários para a festa de Natal. Eu e as minhas colegas, juntamente com as colegas da outra turma, terminámos de pintar os cenários e agrafá-los e fomos transportá-los da escola até ao local onde iria ser a festa.

Da parte da tarde, houve os últimos ensaios com os alunos; a educadora focou-se principalmente na coreografia de uma música, pois tinham faltado alguns alunos que a fariam.

## Inferências/fundamentações teóricas

Finalizar a tarefa da realização dos cenários para a festa de Natal foi um trabalho bastante importante para todas nós. Só assim conseguimos ter a noção de tudo o que implica um evento como este. No entanto, penso que as educadoras nos pediram uma enorme quantidade de cenários, que nos ocupou uma grande quantidade de tempo ao longo do nosso estágio. Assim, por termos dedicado tanto tempo nesta tarefa, perdemos imensas atividades que as crianças realizaram ao longo deste mês.

### **14 de dezembro de 2011**

Este foi o tão esperado dia, a festa de Natal das crianças. Esta realizou-se, como já referi, no salão de uma Igreja, em que todas as estagiárias estiveram presentes.

A festa dos 5 anos teve início às 11h. As crianças das duas turmas estavam divididas em vários grupos, em que cada um fazia uma apresentação diferente. Ao longo da festa, as crianças cantaram canções de Natal, dirigidas pelo professor de expressão musical, recitaram a poesia “Dez meninos” e dramatizaram a história “Os três porquinhos” e “O cuquedo”. Apresentaram ainda uma coreografia e, no final, duas crianças apresentaram uma poesia e dramatização sobre o nascimento de Jesus.

Entre todas as estagiárias, algumas ficaram encarregues de manter a disciplina das crianças e de as levar de volta à escola. Eu e as restantes estagiárias, ficámos encarregues de fazer as mudanças dos cenários no palco.

## Inferências/ fundamentações teóricas

O trabalho em equipa das educadoras, com a colaboração das estagiárias, foi um fator relevante para o sucesso da festa. Como referem Hohmann e Weikart (1997):

ao colaborarem, os elementos da equipa obtém reconhecimento, um sentido de trabalho bem sucedido e um sentimento de pertença a um

grupo de indivíduos que pensam de forma semelhante (...) ao falar sobre, e ao planejar para as crianças, cada elemento da equipa toma a iniciativa e serve a equipa, quer como líder, quer como participante (p. 131).

Segundo Aguëra (2008), “as festas e celebrações constituem actos extra, nos quais os mais pequenos participam e que são uma prática entusiasmante e psicopedagógica de grande valor para promover a socialização, a auto-estima, a colaboração e a integração das crianças” (p.73). Esta autora defende que “as festas, celebrações e outros eventos são acompanhados de acções nas quais as crianças podem e devem participar” (p.73).

Em termos plásticos e estéticos, as crianças usaram figurinos adequados a cada apresentação. Os cenários, realizados por todas as estagiárias, encheram o palco de cor e deram uma grande envolvência em todas as apresentações. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) os materiais “oferecem diferentes possibilidades de fazer de conta, permitindo à criança recrear experiências da vida quotidiana, situações imaginárias e utilizar objectos livremente, atribuindo-lhes significados múltiplos” (p. 60).

Na expressão musical as crianças, realizaram diferentes: memorizaram as letras das canções, adaptaram o seu ritmo ao da música e escutaram para poder reproduzir os sons corretamente.

Nas Metas de Aprendizagem da Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 2010), no que concerne à área das expressões, considera-se que, na expressão musical, é importante uma ponderação do grau do desenvolvimento musical das crianças, por parte do professor. A adequação da linguagem musical ao grau dos conhecimentos das crianças permite-lhes uma maior autonomia e consciência musical. As atividades que envolvem competências musicais exploram, de uma forma criativa, o aspeto lúdico das palavras e dos diferentes ritmos e sons. A afetividade e as emoções despertam a sensibilidade estética e acústica.

A dramatização de uma história em palco perante uma plateia é um meio para desenvolver várias capacidades. Como refere Vale (2001), através do texto dramático e do espetáculo “as crianças informam-se, formam-se e divertem-se, aprendendo mais sobre si e sobre os outros” (p. 14).

Pessoalmente gostei muito de ter a oportunidade de participar nesta festa. É importante para nós, enquanto estagiárias, entendermos todo o processo de uma festa de Natal, que acaba por ser um dos eventos mais importantes do ano letivo. Para além disso, todo o nosso trabalho foi reconhecido pelas educadoras, que nos agradeceram devidamente.

### **16 de dezembro de 2011**

Este dia foi o meu último dia de estágio na faixa etária dos cinco anos e, para muitos alunos, o último dia de aulas também antes das férias de natal. Assim sendo, a educadora decidiu fazer atividades de expressão plástica para um dia mais divertido. Os alunos fizeram uma pintura, a árvore de Natal.

Da parte da tarde, a educadora optou por dar um pouco de matemática com o material, 3º e 4º dons de Froebel.

Depois do material distribuído, a educadora fez algumas perguntas: “Como se chama o material que têm a vossa frente?”, “De que material é feita a caixa? “Qual a forma que tem a caixa?”, E a das peças do 3º dom? E as do 4º?”, “Quantas faces tem o cubo? E o paralelepípedo?”.

Feita a revisão sobre este material, a educadora pediu aos meninos que fizessem a construção da camioneta. Ao longo desta aula, a educadora foi contando uma história para trabalhar vários cálculos. Depois fizeram a construção da mesa e das cadeiras (mobília da sala). No final, a educadora propôs uma atividade, os alunos teriam que fazer com as peças dos dons um brinquedo para que, no final, pudessem fazer uma história. Cada aluno dizia o que tinha feito e depois iam interligando as coisas para se formar uma história.

## Inferências/ fundamentação teórica

A pintura com tintas é uma atividade plástica muito importante e, como referem Spodek e Saracho (1998), “é um dos elementos básicos do programa de primeira infância” (p. 360). O uso do pincel é muito importante para desenvolver capacidades importantes como a motricidade fina e a coordenação óculo-manual.

Por este motivo “os pincéis devem ser grandes e firmes, para responderem facilmente aos movimentos” (p. 361). Apesar de a educadora ter combinado com as crianças que todos teriam de desenhar uma árvore de Natal, cada criança desenhou a árvore ao seu gosto sem nenhum modelo a seguir. Como defendem estes autores “O papel do professor não é oferecer modelos para as crianças copiarem, mas estimulá-las a explorarem os meios e observar e guiar o seu processo” (p. 360).

O facto de a educadora ter pedido aos alunos para criarem um brinquedo com os dons de Froebel foi realmente importante porque as crianças ficaram muitíssimo interessadas e realizaram a atividade ainda com mais entusiasmo, criando os brinquedos mais engraçados.



1.2.

## **2º Secção**

Período de estágio de 3 de janeiro a  
23 de março de 2012

Faixa etária dos 3 anos



### **1.2.1– Caraterização da turma**

De acordo com as informações, gentilmente cedidas pela educadora, o grupo dos 3 anos é composto por vinte e oito crianças, das quais dez são do género feminino e dezoito do género masculino.

Na turma existem crianças com algumas dificuldades ao nível da linguagem, havendo uma que tem dificuldades na socialização e no respeito de regras, tem descontrolo motor e o seu riso é, várias vezes, descontextualizado e sem motivo aparente. Existe ainda uma criança que tem uma alimentação diferente das restantes, devido à sua religião.

Este grupo sempre demonstrou grande facilidade em tarefas autónomas, como calçar/descalçar, despir/vestir e na utilização da casa de banho.

É uma turma que demonstra interesse em ouvir, criar e contar histórias, aceitam muito bem atividades em grupo/equipa, trabalham/brincam em harmonia e começam a compreender e demonstrar a partilha com o seu par.

### **1.2.2 – Caraterização do Espaço**

A sala dos 3 anos está organizada de forma ampla, permitindo a deslocação das crianças. Tem três janelas grandes e duas portas, uma que dá acesso ao recreio e casas de banho, e outra que dá passagem para a outra turma dos 3 anos. Esta sala tem vários espaços definidos:

O espaço dos sofás: local onde é feita a estimulação à leitura; aqui a educadora conta histórias às crianças e realizam-se algumas das conversas importantes, em que os alunos verbalizam aquilo que pensam sobre algum assunto. A educadora também leciona conteúdos de Conhecimento do Mundo neste espaço.

O espaço das mesas: este tem quatro mesas, sendo que duas formam uma só mesa. As mesas têm várias formas e as cadeiras são de várias cores e

é aqui que as crianças realizam várias atividades nas várias áreas de aprendizagem. Cada aluno sabe qual é o seu lugar nas mesas e pode haver alterações dos mesmos, se a educadora assim o achar necessário.

O cantinho da leitura: neste espaço existe um baú com diversos livros e os meninos sentam-se numa almofada e podem vê-los. Este cantinho é usado quando os alunos terminam as suas tarefas e vai alternando com outros espaços, como o da brincadeira.

A área da cozinha: este espaço é composto por uma cozinha para os mais pequenos, com todos os utensílios e alimentos que precisam para poderem brincar ao faz de conta. Este espaço também é usado depois da realização das tarefas diárias.

Feldman *et. al* (2001) salientam a importância dos jogos de faz de conta, referindo que as crianças adquirem a compreensão do ponto de vista de outra pessoa, desenvolvem competências na resolução de problemas sociais e expressam criatividade.

O cantinho do quadro: este espaço é composto por um quadro e aqui os meninos podem utilizá-lo para fazer desenhos ou o que lhes apetecer com o giz.

Ainda podemos considerar outro espaço ao pé dos sofás, onde as crianças com algum material, peças de jogos, puzzles, podem também brincar depois da conclusão das tarefas diárias.

Em suma, a sala dos 3 anos é um espaço amplo, agradável e iluminado. Nas paredes encontram-se vários espaços distintos, como um para a exposição dos trabalhos das crianças, outro para a representação das formas geométricas e, ainda outra, para a representação dos algarismos à medida que a educadora vai ensinando.

Esta sala contém ainda, dois móveis para guardar material dos alunos e livros que a educadora também tem para ler às crianças.

### 1.2.3 – Horário

A preparação de um horário pressupõe a organização e coordenação de atividades que promovam o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças, de acordo com as áreas estipuladas pelas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar. Este horário deve ser flexível, dependendo das situações e contextos que possam surgir no dia-a-dia, como se pode observar no quadro 3.

Quadro 3 – Horário da faixa etária dos 3 anos

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª Feira	5ª Feira	6ª Feira
<b>9h00</b>	Acolhimento e canções no salão				
<b>1º Tempo</b>	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
<b>Da manhã</b>	Expressão Musical	Estimulação à Leitura		Estimulação à Leitura	Estimulação à Leitura
<b>10h30</b>	Suplemento Alimentar/ Recreio				
<b>2º Tempo</b>	Conhecimento do Mundo	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Biblioteca
<b>Da manhã</b>			Conhecimento do Mundo		Informática
<b>12h00 - 13h00</b>	Almoço / Sesta				
<b>1º Tempo da tarde</b>	Realização de propostas de trabalho	Realização de propostas de trabalho	Realização de propostas de trabalho	Realização de propostas de trabalho	Realização de propostas de trabalho
<b>16h00</b>	Lanche / Recreio / Saída				

## **1.2.4 – Rotinas**

### Sesta

A sesta é depois do almoço, até mais ou menos às 14h30. Para tornar o ambiente um pouco mais acolhedor, as luzes são apagadas. As crianças já sabem qual a sua cama e, depois de irem a casa de banho, deslocam-se até às suas camas, descalçam-se e deitam-se. As crianças levam ainda para a cama algum objeto/boneco que utilizem para adormecer.

Cordeiro (2010) diz que “o sono é um direito da criança, nesta idade. O ambiente deve ser calmo e deve ser estimulada a autonomia das crianças”. O mesmo autor ainda refere que os objetos de transição, como as chuchas, os peluches e as fraldas são importantes no momento de adormecer, pois são securizantes e tranquilizam a criança (p.374).

## **1.2.5 Relatos**

### **6 de janeiro de 2012**

Este dia foi marcado pela vinda das orientadoras da Prática Pedagógica para a realização de aulas surpresa. Eu assisti à aula da colega que estava na outra turma. Foi-lhe pedida uma aula no Domínio da Matemática, em que trabalhasse quantidades até 4 através de um material não estruturado. O material que utilizou para esta aula foram três imagens de galinhas de cores diferentes, que distribuiu pelos meninos, e pedrinhas que colocou em cima das mesas para representar os ovos.

A colega criou uma história para contextualizar a aula e colocou várias situações problemáticas, envolvendo a adição e a subtração.

No final desta manhã, estivemos na reunião com as Professoras Orientadoras da Prática Pedagógica para a discussão das aulas dadas.

Da parte da tarde não registei nada de importante, pois estive a recortar alguns papéis para os alunos colarem na coroa do Dia dos Reis.

## Inferências/ fundamentações teóricas

Nesta aula, a colega deveria ter realizado também exercícios onde fosse possível as crianças compararem as quantidades de ovos das galinhas. Para as crianças, comparar pequenas quantidades é fácil e é um exercício que levará à compreensão da cardinalidade e, mais tarde, da ordinalidade. Henriques (2003) refere que as comparações globais “baseadas na intuição perceptiva, são os elementos fundadores da série numérica, objecto nocional que se constrói progressivamente e durante muitos anos” (p. 87).

Ainda nesta aula, a colega trabalhou noções muito importantes, tais como a noção de lateralidade, que são essenciais para o desenvolvimento da criança. Segundo Martínez, García e Montoro (1992), “para que a criança possa organizar esquematicamente o espaço e conceber as posições e relações espaciais, necessita de ter uma sensação perfeita e clara do seu próprio corpo, da sua simetria, da paridade esquerda-direita, que lhe servirá cenestésicamente para orientar os movimentos, assim como o sentido do esquema corporal” (p. 29)

### **10 de janeiro de 2012**

A educadora começou o dia dando uma aula de Domínio da Matemática, onde utilizou um dominó, feito em papel plastificado com bolas de cores e desenhos de frutos. A educadora espalhou vários cartões com imagens de frutas separadas, como nas peças de dominó, com uma ou mais frutas de cada lado e os meninos tinham que descobrir qual a peça que viria a seguir. Ao longo deste processo, a educadora pedia a cada menino que fosse colocar a peça no centro e contasse as frutas que o cartão continha.

Depois desta aula de matemática e do intervalo da manhã, a educadora deu uma aula de Conhecimento do Mundo sobre os planetas. A educadora colocou um grande plástico azul no chão, com a representação sistema solar. Simulou uma viagem ao espaço, fazendo referência aos astronautas e ao foguetão. Falou de todos os planetas e das suas principais características. No

final, ensinou uma canção sobre os planetas que as crianças, alegremente, repetiram e cantaram depois sozinhas.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Sempre levando os meninos a trabalhar o cálculo mas de uma forma lúdica, a educadora fez uma aula muito interessante e divertida.

Através de um jogo tradicional, que as crianças manipulam frequentemente, trabalhou inúmeros conceitos como os frutos, as cores, contagens e quantidades. Spodek e Saracho (1998) defendem que “a brincadeira educativa pode assumir muitas formas. O papel chave dos professores nela é modificar a brincadeira natural espontânea das crianças para que ela adquira um valor pedagógico, ao mesmo tempo em que mantêm as suas qualidades lúdicas” (p. 215).

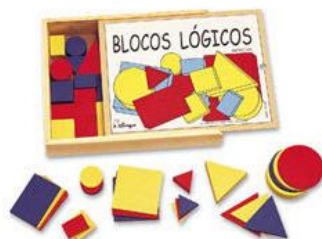
Como defende Caldeira (2009) “o espaço escolar pode-se transformar num espaço agradável, prazeroso, para que as brincadeiras e jogos permitam ao educador alcançar sucesso em sala de aula. A ludicidade e a aprendizagem não podem ser consideradas como ações com objetivos distintos” (p.40).

Mais uma vez, destaco aqui a importância do ensino das ciências na educação Pré-Escolar. Segundo Martins e Osborne (como citado em Rodrigues e Vieira, 2009), “o ensino das ciências deverá começar nos primeiros anos e fornece bases sólidas, ainda que de nível elementar, sobre as áreas mais importantes, e deverá ser atractivo para cativar as crianças para a continuação dos estudos em ciências”

### **13 de janeiro de 2012**

Neste dia, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática utilizando o material estruturado, Blocos Lógicos, e com linhas fronteiras. Fez uma breve revisão dos conjuntos singular e vazio e dos atributos das peças. Para complementar, utilizou dois dados: um deles, com a cor das peças e outro, com as formas.

As crianças lançavam os dados e as restantes tinham que escolher uma peça com os dois atributos revelados pelos mesmos. À medida que as crianças iam escolhendo as peças, a educadora ia representando no quadro os conjuntos e colocando, com algarismos móveis, a quantidade de elementos do conjunto. No final, fez ainda duas sequências, utilizando as cores e as formas das peças.



*Figura 4 – Blocos Lógicos*

Enquanto metade da turma teve aula de informática, a outra metade realizou uma ficha de trabalho, em que as crianças tinham de pintar, com tintas e pincéis, as peças dos Blocos Lógicos. À medida que terminavam esta atividade, as crianças brincavam livremente pelas diversas áreas da sala: biblioteca, cozinha, jogos, etc.

Da parte da tarde, os meninos fizeram uma atividade de expressão plástica, com uma folha A3, que tinha representado o quadrado, o retângulo, o círculo e o triângulo, na qual tiveram que pintar com tintas de acordo com a legenda.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Os Blocos Lógicos são um material matemático estruturado, que funciona como um jogo, composto por 48 peças distintas. Segundo Damas *et al.* (2010), “cada peça lógica tem quatro propriedades/valores referentes a quatro variáveis: forma, cor, espessura e tamanho” (p. 13).

De acordo com estes autores “o uso destas peças lógicas permite a realização de atividades aliciantes e diversificadas que ajudam a construir

conceitos de lógica, indispensáveis à compreensão de noções básicas e fundamentais” (p. 13).

Caldeira (2009) ressalva que a principal função deste material “é dar às crianças a oportunidade de realizarem as primeiras operações lógicas, como sejam a correspondência e a classificação” (pp. 368-369). A exploração de conjuntos é uma das atividades que se podem realizar com este material.

Damas *et al.* (2010) defendem que “a exploração das propriedades/valores das peças lógicas através da utilização de esquemas/diagramas e com o auxílio de etiquetas, permite uma multiplicidade de situações distintas onde estão envolvidos conceitos matemáticos fundamentais” (p. 14).

Nesta aula, a educadora utilizou um diagrama de Venn para representar os conjuntos. Damas *et al.* (2010) afirmam que “nos diagramas de Venn, todos os elementos com a mesma propriedade são incluídos no interior de uma mesma linha fechada. Estes diagramas surgirão numa fase inicial, utilizando apenas uma só propriedade” (p.15).

Achei bastante importante a utilização dos dados para que as crianças fossem procurar as características das peças. As mesmas nunca se desmotivaram no decorrer da aula e foram bastante participativas.

### **17 de janeiro de 2012**

Esta manhã, começou com a educadora a contar a história “Caracolinhos de Ouro”. Para tal, utilizou as imagens das personagens e, no quadro, colocou as imagens dos objetos que fazem parte da história. Ao longo da mesma, a educadora trabalhou alguns conceitos matemáticos como os tamanhos (grande, pequeno e médio) e as quantidades.

Depois do recreio, a educadora lembrou a matéria que tinha lecionado uns dias atrás sobre o sistema solar e os nomes dos planetas e, no final, fez uma pequena dramatização, onde trabalhou com os alunos os movimentos de

rotação e translação. Para tal, distribuiu a algumas crianças um colar com a imagem dos planetas e também do Sol. As crianças, que representavam o Sol, sentaram-se no chão e as que representavam cada planeta, rodavam à volta do Sol. Para simular os movimentos de rotação, as crianças rodaram sobre si próprias. No final, ainda houve tempo para uma repetição desta dramatização e para as crianças cantarem a canção aprendida anteriormente.

Da parte da tarde, depois da sesta, os meninos realizaram uma ficha de trabalho para consolidação da matéria do início da manhã.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Aliar uma história a uma atividade de Domínio da Matemática é uma boa estratégia para desenvolver uma boa aprendizagem de conteúdos matemáticos. Segundo Caldeira (2009) podemos associar “canções, lengalengas, jogos, histórias, situações do quotidiano que contribuam para aquela aprendizagem” (p. 332).

Para Castro e Rodrigues (2008) “uma das funções do Jardim-de-Infância é criar ambientes de aprendizagem ricos, em que as crianças se possam desenvolver como seres de múltiplas facetas, construindo percepções e bases onde alicerçar aprendizagens” (p. 12).

A utilização das imagens no quadro foi uma boa estratégia, o que permitiu uma visualização dos objetos de contagem. Esta foi também uma aula onde foi privilegiada a comunicação oral. Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “a comunicação oral é um excelente meio de desenvolvimento da linguagem, da criatividade, da organização reflexiva de ideias e dos vários tipos de raciocínio e é uma competência fundamental no desenvolvimento matemático das crianças” (p. 33).

O facto de a educadora ter exemplificado os movimentos de translação e rotação foi muito importante, porque assim as crianças tiveram uma melhor percepção destes movimentos.

**20 de janeiro de 2012**

Na primeira parte da manhã, as duas turmas estiveram no refeitório a fazer pizzas. As educadoras fizeram a massa e algumas crianças ajudaram a colocar os ingredientes e a amassar. Depois, foi distribuído a cada menino um pouco de massa para que fizessem a base da pizza; por fim, cada um colocou os ingredientes.

Ainda neste dia, os alunos tiveram uma aula de informática, dividida em dois grupos.

Da parte da tarde, alguns meninos foram tirar fotografias, enquanto os outros realizavam uma ficha de trabalho.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A elaboração da pizza foi uma atividade interessante e divertida para as crianças. Cada uma fez a sua pizza a seu gosto. Para a realização desta atividade, as crianças saíram da sala de aula onde decorrem a maioria das atividades. A mudança de espaço deve ser proporcionada, visto que o espaço educativo se estende para além da sala de aula. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), é descrito que:

o espaço educativo não se limita ao espaço partilhado pelo grupo; situa-se num espaço mais alargado – o estabelecimento educativo – em que a criança se relaciona com outras crianças e adultos, que, por sua vez, é englobado pelo meio social, um meio social mais vasto (p. 39).

Na sociedade atual, as crianças têm contacto com as novas tecnologias desde muito cedo. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “as novas tecnologias da informação e comunicação são formas de linguagem com que muitas crianças contactam diariamente” (p. 72).

Nestas Orientações é defendido que “a utilização dos meios informáticos, a partir da educação pré-escolar, pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro

código, o código informático, cada vez mais necessário” (p. 72). Deste modo, a aula de informática é um bom contributo para o desenvolvimento destas competências.

## **24 de janeiro de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio de Matemática, onde utilizou o 1º Dom de Froebel. Ao longo desta aula, a educadora utilizou um boneco, o Sapo Cocas, para dinamizar mais a mesma. A educadora começou por fazer uma breve revisão das cores das bolas e por realizar exercícios de lateralidade.

Para uma fácil memorização da parte dos alunos, a educadora criou significados para as bolas de cada cor, uma estratégia muito apelativa e interessante e realizou alguns jogos. A educadora tinha as bolas do material no chão numa determinada ordem e mudava a ordem das mesmas para que os alunos conseguissem perceber as mudanças que tinham sido feitas.

No final, a educadora desenhou sete círculos no chão com as mesmas cores das bolas do 1º dom e, com um dado de pintas e outro de cores, começou o jogo. Os meninos tinham que lançar os dois dados e, consoante a cor e o número de pintas que saísse, tinham que ir para o círculo dessa mesma cor e saltar dentro dele o número de vezes que tinha calhado no outro dado.

Ainda antes da hora do almoço, a educadora leu uma história “A Carochinha”. No final, ainda houve tempo para a realização do jogo “Coelhos á solta”.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O 1.º dom de Froebel, segundo Caldeira (2009a):

é composto por seis pequenas bolas de pingue-pongue revestidas a lã, com ponto de croché, que têm as seguintes cores: vermelho, laranja,

amarelo, verde, azul, anil e violeta. Estas bolas estão dentro de uma caixa de madeira com a forma de um paralelepípedo (p. 243).

De acordo com esta autora, é um material de grande interesse pedagógico que desenvolve “a aprendizagem das cores; estruturação espacial; lateralização; desenvolvimento verbal, enriquecimento de vocabulário; jogos de memória; seriação; conjunto; contagem” (p. 243).

Todos estes conteúdos devem ser trabalhados com crianças desta idade, tendo estas de manipular objetos para construir a sua noção de espaço. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997),

é a partir da consciência da sua posição e deslocação no espaço, bem como da relação e manipulação de objectos que ocupam um espaço, que a criança pode aprender o que está longe e perto, dentro, fora e entre, aberto e fechado, em cima e em baixo (p. 73).

Segundo Spodek e Saracho (1998), “As crianças devem operar sobre os materiais, e os professores devem formular perguntas sobre as relações entre os objetos para ajudá-las a formalizar sua compreensão destes conceitos” (p.312). Este material constitui assim um bom meio para desenvolver várias capacidades.

### **31 de janeiro de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando um Dominó das Formas Geométricas, um dado com cores e outro com formas geométricas. Utilizou, também, uma grande caixa cheia de bolas, onde colocou as peças dos Blocos Lógicos.

Com a turma sentada no chão, em forma de “u”, o jogo começou. As crianças lançavam os dados e jogavam com as peças do dominó. Consoante as formas expressas no Dominó, as crianças tinham de retirar da caixa uma peça de Blocos Lógicos, respeitando os atributos referidos.

Através deste material, as crianças podem explorar não só as formas geométricas, como também as cores.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A aula de Domínio da Matemática permitiu desenvolver várias capacidades através de uma brincadeira. Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) é mencionado que este tipo de jogos:

são um recurso para a criança se relacionar com o espaço e que poderão fundamentar aprendizagens matemáticas, como por exemplo: comparação e nomeação de tamanhos e formas, designação de formas geométricas, distinção entre formas planas e em volume e, ainda, comparação entre formas geométricas puras e objectos da vida corrente (p. 76).

O principal objetivo desta aula foi que as crianças identificassem as diversas formas geométricas. Spodek e Saracho (1998), defendem que

as crianças pequenas também podem aprender a identificar e comparar as formas básicas (...) ao identificar estas formas, as crianças aprendem a contar lados e ângulos, ou “cantos”. Posteriormente, elas podem comparar os lados para diferenciar um quadrado de um retângulo (p. 312).

Mendes e Delgado (2008) defendem que “é importante que as crianças sejam envolvidas em actividades nas quais tenham de observar e manipular objectos com várias formas geométricas, de modo a irem desenvolvendo a capacidade de reconhecer essas formas” (p. 10). Através destes jogos/brincadeiras, as crianças desenvolvem ainda capacidades físicas e motoras.

### **3 de fevereiro de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática, onde trabalhou a noção de quantidade, associando-a ao algarismo. Como

material, utilizou e distribuiu palhinhas e um envelope a cada criança com os algarismos 1, 2 e 3. No quadro, tinha um painel com uma paisagem onde, à medida que a educadora ia contando uma história, colocava vários meios de transporte no mesmo painel, para a realização de situações problemáticas. Ao longo desta aula, as crianças representaram quantidades até 3 com as palhinhas e associavam-nas ao algarismo correspondente.

Logo após o recreio, a turma foi dividida em dois grupos. O primeiro grupo foi para a informática e o segundo ficou na sala. Aqui a educadora deu uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita. Para tal, realizou uma atividade em que tinha três sacos diferentes: o saco das ações, dos locais e dos objetos. Cada saco continha várias imagens e as crianças tiraram uma imagem de cada saco e, com as três imagens criaram uma história.

Da parte da tarde os alunos realizaram uma ficha de trabalho, que consistia em picotar um círculo que depois teriam que colar numa outra folha em cima da tromba do elefante; no final tinham de pintar o elefante.

Ainda houve tempo, durante o período da tarde, para a realização de uma atividade de Expressão Plástica com tintas. Os alunos tinham de salpicar com tintas uma folha em branco, sem deixar o pincel tocasse na folha.

À medida que os meninos iam terminando esta tarefa, iam para um canto da sala brincar até à hora do lanche.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A aula de Domínio da Matemática foi muito importante para desenvolver a noção de quantidade e do algarismo. A aquisição do conceito de número e quantidade é gradual. Como menciona Zabalza (1998) “A criança só poderá ir adquirindo o conceito de número ou quantidade à medida que vai sendo mais capaz de manter a permanência do número de elementos ou quantidade destes” (p.292). Com a utilização do painel, as crianças visualizaram as imagens e as situações colocadas que se inserem no seu quotidiano.

Criar uma história, a partir elementos ao acaso, é uma atividade muito importante para desenvolver a criatividade e imaginação. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) as histórias “recontadas ou inventadas pelas crianças, de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler” (p. 70).

Atividades como esta desenvolvem ainda capacidades como a linguagem e a comunicação.

### **7 de fevereiro de 2012**

Este dia foi marcado por uma outra aula de Domínio de Matemática com Blocos Lógicos mas com um método e material de apoio diferentes. A educadora fez cartazes com linhas tracejadas, com as formas e cores dos blocos. O que os alunos tinham que fazer era, em grupo de dois, colocar por cima, no local correto, as peças dos blocos correspondentes.

Logo após a pausa da manhã, os alunos regressaram à sala para assistir a uma aula de Conhecimento do Mundo com variadíssimas experiências. A educadora levou vários objetos para poder demonstrar o que flutua ou não na água, exemplificou com uma batata e uma maçã e as crianças conseguiram visualizar as diferenças.

O próximo passo foi mostrar o que dissolve e o que não se dissolve na água; para estas experiências a educadora utilizou o açúcar, o sal o chocolate e, a farinha e mais uma vez, os alunos observaram as diferenças entre estes ingredientes.

A educadora ainda mostrou mais uma experiência, desta vez com um ovo. Colocou primeiro um copo com água e um ovo e os meninos viram que o ovo ia até ao fundo. Depois, com outro copo de água mas com sal, colocou o ovo e o que se verificou é que o ovo ficou à superfície da água.

## Inferências/ fundamentações teóricas

É muito importante que, nestas idades, se realizem aulas deste género. Este é um tipo de trabalho que exige que as crianças estejam ativamente envolvidas.

Como refere Martins *et. al* (2007), “as tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças (..) para o desenvolvimento do próprio pensamento”(p.38).

Penso que, no início desta aula, a educadora deveria ter detetado as concepções alternativas dos alunos para depois prosseguir com as experiências. Cachapuz (1995 como citado em Martins *et. al*. 2007) diz que as concepções alternativas são as:

ideias que aparecem como alternativas a versões científicas de momentos aceites, não podendo ser encaradas como distrações, lapsos de memória ou erros de cálculo, mas sim como potenciais modelos explicativos resultantes de um esforço consciente de teorização (p.28-29).

### **10 de fevereiro de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática onde trabalhou as formas geométricas. Para tal, colocou no chão um tapete que representava um lago. Dentro do lago estavam peixes de várias cores e tamanhos que continham várias formas geométricas. A educadora tinha duas canas de pesca que continham um íman e também dois baldes. Com o auxílio dos dois dados, já utilizado em aulas anteriores, um das cores e outro dos tamanhos, as crianças tinham de pescar os peixes, de acordo com os resultados selecionados pelos dados e coloca-los nos baldes.

No restante tempo da manhã, eu e as minhas colegas estivemos a pintar telas, para o presente que as crianças fizeram para o Dia do Pai.

## Inferências/ fundamentações teóricas

A aula de Domínio da Matemática foi lúdica e divertida. Apesar de ser um material realizado pela educadora, tem um grande potencial, com o qual as crianças trabalharam vários conteúdos, como as formas geométricas e as cores e desenvolveram capacidades e destrezas como a coordenação óculo-manual e a concentração. Spodek e Saracho (1998) afirma que “muitas vezes, alguns dos materiais mais estimulantes para objetivos pedagógicos resultam da engenhosidade dos professores” (p. 218).

Segundo Moreira e Oliveira (2003), “um ambiente apropriado e materiais bem escolhidos podem ajudar as crianças a explorar as características e as propriedades dos objectos bi e tridimensionais, levando-as a compará-los, agrupá-los e descrevê-los, usando o seu próprio vocabulário” (p.91).

Para que um material tenha potencialidade para desenvolver capacidades nas crianças, basta que o educador seja criativo.

### **5 de março de 2012**

Neste dia, a educadora começou por dar uma aula de Domínio da Matemática, utilizando flores de três tamanhos e cores diferentes, coladas em tampas de plástico. A cada criança distribuiu um envelope com algarismos móveis até 5. Durante o decorrer da mesma, a educadora utilizou ainda um fantoche. Começou por pedir às crianças que colocassem os algarismos por ordem crescente. De seguida, os alunos realizaram vários exercícios de soma e subtração, associando as quantidades aos algarismos. No final, ainda realizou uma sequência.

Logo depois chegou o professor de Educação Musical. Esta aula é sempre bastante animada, os alunos adoram o professor e colaboram muito bem com ele.

A última parte da manhã ficou reservada para a aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, onde a educadora leu a história “Atirei o pau ao gato”; ao longo da mesma foi explorando as imagens. Nesta aula, a educadora colocou um CD em que era contada a história, ouvindo também a música “Atirei o pau ao gato”.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A utilização de algarismos móveis nesta atividade desenvolveu dois aspectos importantes. Em primeiro lugar, as crianças trabalharam a ordinalidade, colocando os algarismos por ordem crescente. De acordo com Caldeira (2009) o sentido ordinal do número desenvolve-se “ após a contagem oral e envolve capacidades mais complexas. A criança compreende que a sequência numérica está organizada de acordo com uma ordem, e cada número ocupa um lugar bem definido dando uma determinada ordem” (p. 334).

Em segundo lugar, as crianças associaram o símbolo gráfico à quantidade que este representa. Segundo Spodek e Saracho (1998), “as crianças pequenas precisam de experiências que as ajudem a associar nomes ou símbolos aos números que eles representam” (p. 309).

A história que a educadora leu às crianças foi bastante apreciada e foi interessante a estratégia desenvolvida de, no final os alunos voltarem a ouvir a mesma através de um CD de áudio. Spodek e Saracho (1998) afirmam que “as gravações sonoras também propiciam bons recursos para a aprendizagem. Gravações comerciais de canções e histórias podem ser um autêntico espelho de uma cultura” (p. 335).

Esta é mais umas das tantas estratégias apelativas para se ler uma história às crianças.

### **6 de março de 2012**

Neste dia, a minha colega de estágio deu uma aula sobre as profissões associadas aos meios de transporte. Começou a sua aula com a aula do

Conhecimento do Mundo e mostrou várias imagens e, ao mesmo tempo que as mostrava, ia falando com as crianças sobre as mesmas. Fez uma revisão das características de quatro transportes (avião, navio, comboio e autocarro) e, para cada um deles, apresentou uma profissão. No final, ainda realizou uma atividade de correspondência entre a profissão e o transporte.

De seguida deu uma aula de Domínio de Matemática. Esta foi uma aula diferente, em que os alunos estavam sentados no chão com alguns materiais elaborados pela colega. Como um pano/tapete (maquete) com a ilustração de uma “cidade”, com várias vias de comunicação (estradas, linhas de ferro, etc), transportes elaborados com caixas de cartão, “bonecos” e algarismos móveis. Através de duas personagens, a minha colega contou uma história e, ao longo da mesma, ia fazendo várias situações problemáticas com a soma e a subtração. Ainda trabalhou alguns conteúdos, como o tamanho e a cor.

Depois do recreio, a minha colega deu uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à escrita, em que leu a história “O Ratinho Marinheiro” da autora Luísa Ducla Soares. A colega explorou a capa do livro e começou a contar a história. Ao longo da mesma, colocou algumas imagens expostas na parede, para que, à medida que contasse a história, as crianças percebessem qual a imagem correspondente.

No final da manhã, a minha colega ainda realizou uma atividade de Expressão Plástica, com cascas de nozes, plasticina, palitos e folhas. Este material serviu para que as crianças construíssem um barco. A casca da noz serviu para fazer de barco, o palito com a folha serviu para fazer de vela e, com a plasticina, os meninos tiveram que moldar um ratinho da história, para colocarem dentro do barco.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Esta foi uma aula que, na minha opinião, foi bem-sucedida. O material estava bastante apelativo e as atividades propostas pela colega foram pertinentes. Houve, apenas, em alguns momentos um pouco de indisciplina,

devido ao facto de a colega não ter sido muito assertiva, no que concerne ao cumprimento das regras. Como afirma Zabalza (1998) “a definição de um marco claro de regras de comportamento dá segurança às crianças uma vez que, dessa maneira, ficam a saber o que se espera que façam em cada momento” (pp.232-233).

Em relação à área do Conhecimento do Mundo, a colega tenta sempre partir dos conhecimentos dos alunos para explicar o que queria. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar” (p. 80).

As concepções alternativas das crianças, como mencionam Martins *et al.* (2007) “é um passo crucial no desenvolvimento de actividades que lhes permitam reestrutura-las de acordo com visões cientificamente aceites” (p.31).

Quanto ao Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, a colega explorou bem o livro e as imagens do mesmo. Ao ter levado imagens, para que as crianças associassem ao que ouviam, foi bastante importante para desenvolver a concentração da atenção das crianças. Segundo Poslaniec (2005) com as crianças no jardim-de-infância é “possível ligar a abordagem de apropriação dos livros e a abordagem lúdica, brincar a partir de livros ilustrados, o que é uma forma de trabalhar sobre o respectivo conteúdo e de o aprofundar” (p. 67).

A atividade de Expressão Plástica foi bastante lúdica e permitiu desenvolver a criatividade das crianças. Para além disso, foi um trabalho tridimensional, que é de extrema importância e que nem sempre é realizado. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “se a expressão plástica a duas e três dimensões estará presente durante toda a educação pré-escolar, a expressão tridimensional tem uma importância fundamental para as crianças mais pequenas” (p. 63). No final

desta aula, o resultado foi positivo e com todo o material de apoio que a colega tinha, foi uma aula muito original.

### **9 de março de 2012**

Este dia foi marcado pela presença dos pais dos alunos na escola para participarem nas atividades escolares. A educadora preparou várias atividades para a colaboração entre pais e alunos.

Depois de receber os pais dos alunos, a educadora começou por realizar um jogo de equipas de pais contra filhos. Cada equipa lançava o dado das cores e, consoante a cor que saía, a educadora explicava a tarefa descrita num cartão. Nestas atividades, pais e filhos realizaram exercícios como “pescar” peixes num lago, reconhecer peças dos Blocos Lógicos e imitar animais. No fim, formaram-se grupos e realizaram um puzzle..Antes do recreio, os pais viram os trabalhos realizados pelos seus filhos até então.

Depois do recreio, a educadora organizou com os pais a dramatização da história “O Coelho Afonso” da autora Luísa Ducla Soares, em que os pais encarnaram as personagens, usando as máscaras dos animais da história, dramatizando-a.

No final desta manhã, todos em conjunto (pais, filhos, educadora e estagiárias) jogaram ao jogo das cadeiras.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

É importante que as escolas tomem a iniciativa de organizar atividades de envolvimento com as famílias dos alunos, promovendo uma aproximação e uma boa comunicação entre a escola e a famílias.

Spodek e Saracho (1998) referem que “o contacto pessoal e a interacção propiciam um meio para a comunicação entre as famílias, entre os pais e a equipa e entre os pais e as actividades em andamento nos serviços” (p. 167).

O papel do educador/professor torna-se também fulcral, na medida em que este deve escolher estratégias adequadas para promover esta aproximação com as famílias dos seus alunos.

Como defende Reis (2008) “Será necessário que o professor dos nossos dias seja criativo e consiga fazer esta aproximação da família com a escola. Ele próprio também faz parte de uma família” (p. 61).

Assim, para que as crianças possam obter um sucesso escolar ainda maior, é preciso que a família tenha uma participação ativa na educação das mesmas.

### **13 de março de 2012**

Este dia ficou marcado pela manhã de aulas da minha colega, que tinha como tema os estados da água. Esta aula foi uma revisão deste tema, visto que a educadora já tinha lecionado esta matéria anteriormente.

Começou por dar uma aula de Domínio da Matemática, onde distribuiu duas personagens dos “smurfs” a cada criança e espalhou pela mesa algumas imagens de frutos. Durante esta aula, trabalhou quantidades e cálculos. Depois de terminada esta aula, as crianças sentaram-se no chão e jogaram o Jogo da Memória, que continha imagens das personagens da aula e dos frutos.

Na aula seguinte, Conhecimento do Mundo, a minha colega fez uma revisão dos estados da água, através de uma atividade experimental, que consistiu na confeção de gelatina. No final desta explicação, as crianças tiveram a oportunidade de provar a gelatina.

Na última aula desta manhã, na área de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega contou a história “A menina Flor”. No final da história, os meninos foram sentar-se nos seus respetivos lugares, para realizarem uma atividade, em que tinham que montar um puzzle com uma imagem da história, para depois colarem numa ficha.

## Inferências/ fundamentações teóricas

A confecção da gelatina é uma atividade familiar das crianças, visto ser um alimento bastante apreciado por elas. Desta forma, a sua confecção é uma boa estratégia para rever com as crianças alguns dos estados da água e, ao mesmo tempo, sensibilizá-las para a prática do trabalho experimental.

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) mencionam que “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador” (p.83).

Cabe ao educador sensibilizar as crianças para as ciências, aproveitando o que elas já sabem, indo de encontro com os seus interesses e despertar a sua curiosidade e desejo de saber mais.

### **16 de março de 2012**

Neste dia, dei a minha manhã programada de aulas. O meu tema foi as profissões e a sociedade. Comecei pelo Domínio da Matemática, onde utilizei palhinhas, algarismos móveis e um fantoche. Com o auxílio do fantoche, comecei a contar uma história, ao longo da mesma fiz várias situações problemáticas com as crianças, em que trabalhei a adição, a subtração e, ainda no final, a divisão. À medida que íamos fazendo estas situações problemáticas, ia sempre apelando para o cálculo mental das crianças, e estas, nos respetivos lugares, reproduziam as mesmas com as palhinhas e os algarismos móveis.

A aula seguinte foi destinada ao Conhecimento do Mundo. Para esta aula, pedi que os meninos se sentassem no chão em forma de U, na frente deles estava um “tapete” com a ilustração de uma cidade. Fomos explorando a cidade e à medida que íamos passando por vários sítios da mesma, explorava as profissões das pessoas que trabalhavam nos locais (hospital, escola, bombeiros). No final desta viagem pela cidade, fiz uma breve revisão de tudo o que tínhamos falado, mostrando imagens elucidativas das profissões faladas.

No domínio de Expressão Oral e Abordagem à Escrita, li a história da autora Luísa Ducla Soares “ O Gato e o Rato”. No final fiz o jogo do gato e do rato.

Para finalizar esta aula, os meninos sentaram-se nas respetivas mesas novamente e numa folha branca “escreveram” uma carta para depois colocarem no marco do correio.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Este foi uma das aulas que eu gostei mais de dar. Na minha opinião correu muito bem e os meninos estiveram durante todo o tempo atentos à mesma.

Penso que foi bastante importante o facto de na aula de matemática ter pedido para que os meninos utilizassem as palhinhas para exemplificar as situações problemáticas. No final, com a divisão, o facto de ter solicitado a três alunos que me ajudassem foi muito importante, pois pedi a uma das crianças que dividisse um número de palhinhas por outros dois colegas. Assim cada criança pôde verificar como se faz uma divisão.

O facto de ter realizado o jogo após a área da leitura foi um bom contributo para proporcionar um momento lúdico, depois de uma leitura de história.

Na área de conhecimento do mundo foi importante o “tapete” para que eles se envolvessem na história e partilhassem os seus conhecimentos.

No final, com a atividade de expressão plástica as crianças perceberam como podem escrever uma carta e depois onde a podem colocar (marco do correio).

É importante que com estas idades as crianças comecem a tentar escrever algo, tal como está referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 1997), “as primeiras imitações

que a criança faz do código escrito vão-se tornando progressivamente mais próximo do modelo, podendo notar-se tentativas de imitação de letras” (p.69).

### **19 de março de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, utilizando o Cuisenaire. Começou por fazer uma breve revisão das cores e dos valores das peças, até à peça amarela. As crianças construíram a escada, onde a educadora introduziu a termo de ordem crescente. Simultaneamente, a educadora foi fazendo também a escada no quadro. Fez exercícios com o auxílio de um sapo, que subia e descia a escada. Por fim, realizou uma sequência com duas peças e cantou uma canção sobre o material.

Depois da aula de música, a educadora contou uma história “Doidas andam as galinhas”, pondo no final, um CD com a música para que as crianças também cantassem.

Alguns meninos, estiveram a terminar a prenda para o Dia do Pai.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O material Cuisenaire, para além de desenvolver a lógica matemática, tem um grande valor a nível sensorial. Como refere Caldeira (2009), “as peças são feitas de um material de fácil manipulação e diferentes cores, de forma a estimular a criatividade e a experimentação” (p. 126)

Nas atividades realizadas em que as crianças identificaram os tamanhos e as cores das peças, as crianças estão a “trabalhar a memória, a ordenação, o conceito de cor e do número” (Caldeira, 2009, p. 130). Através deste material, a educadora abordou também o sentido ordinal do número. Como afirma Lorenzato (2006), “a contagem envolve sempre dois aspectos do número, que são estreitamente ligados: o ordinal e o cardinal” (p. 36).

Assim, para além de se trabalhar a cardinalidade, é também bastante importante desenvolver a ordinalidade dos números.

## **20 de março de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Conhecimento do Mundo, em que falou sobre os diferentes tipos de habitação. Para tal, as crianças realizaram o jogo dos pares. À medida que as crianças descobriam as imagens, a educadora referiu alguns aspetos sobre as diversas habitações (prédio, vivenda, tenda, casa de palha, casa de madeira, iglô, etc). No final, fez um debate com as crianças, perguntando em que tipos de casa gostariam de viver.

Quanto à aula de Domínio da Matemática, com os Blocos Lógicos, a educadora distribuiu vários cartões com os atributos das peças do material. Durante a aula, a educadora utilizou uma personagem para contar uma história. Com as peças, as crianças construíram uma árvore e uma casa. Para esta atividade, a educadora utilizou cartões colocados no quadro, e as crianças tinha de escolher as peças consoante as características pedidas.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Na aula de Conhecimento do Mundo, a utilização do jogo foi uma boa estratégia. De acordo com Spodek e Saracho (1998), “na sala de aula, os professores podem usar jogos para praticar os conteúdos das áreas académicas” (p. 233).

O exercício em que as crianças tinham de identificar peças através de atributos expressos em cartões, é um dos exercícios que permite desenvolver o raciocínio lógico através de um código expresso. Caldeira (2009), defende que “é importante convencionar-se com as crianças um código que lhes permita identificar separadamente cada atributo das peças. Esse código fará com que as crianças pensem nos atributos dos blocos, mesmo sem os terem à mão” (p. 367)

A educadora utilizou também cartões com símbolo de negação. De acordo Alsina (2004), “os atributos podem ser afirmativos, se existem, e negativos, se não existem (...) e representam-se por meio de etiquetas” (p. 13).

## **23 de março de 2012**

Nesta manhã dei a minha aula programada de 60 minutos avaliada pela equipa da Prática Pedagógica. O meu tema foi as divisões da casa.

Comecei pela Área do Conhecimento do Mundo. E, para tal, mostrei às crianças um placard com o interior de uma casa e coloquei questões sobre as divisões da mesma, explorando vários objetos pertencentes a cada divisão. Fiz também um jogo onde espalhei no chão várias imagens de objetos. As crianças escolhiam as imagens e colocavam-nas na caixa com a imagem da divisão correspondente.

De seguida, passei para a aula de Domínio da Matemática onde utilizei o material estruturado, Blocos Lógicos. Comecei por colocar questões sobre as características das peças e, de seguida, pedi a cada aluno que construísse duas casas de acordo com as características que ia dizendo.

Por fim, na aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, contei uma história tradicional “Os três porquinhos”. Para tal, levei imagens que fui mostrando uma a uma, à medida que ia contando a história. No final, escolhi quatro crianças para fazer a dramatização da história. Estas quatro crianças eram as personagens principais, o lobo e os três porquinhos. Os restantes meninos fizeram de passarinhos e árvores.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Gostei imenso desta manhã e penso que os alunos também gostaram participar. Em relação ao Conhecimento do Mundo, penso que a minha estratégia foi um pouco monótona, mas eles conseguiram sempre fazer o que pedia sem qualquer agitação. Numa próxima oportunidade, mudaria o início da minha aula. Começaria a esta aula por mostrar um PowerPoint com imagens das divisões da casa e, a cada slide que passasse, iria falar sobre cada uma delas e dos objectos pertencentes às mesmas.

Na atividade de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, foi importante ter contado um conto tradicional. De acordo com Barros (2008), “os contos tradicionais são exemplo de uma herança cultural colectiva, focalizada nas vivências humanas. Mediante uma linguagem própria, recorrendo ao «maravilhoso», grandes emoções são experimentadas nestas histórias, onde estão simbolizados conflitos humanos universais”.

A mesma autora salienta que “o bem e o mal estão presentes, mas ao serem representados simbolicamente (em personagens do maravilhoso) e afastados temporalmente (“Era uma vez...”; “Há muito, muito tempo...”), permitem que a criança encontre significados que lhe serão úteis”, sem que se trace uma linha direta com as suas vivências reais. Cordeiro (2010) defende que, para crianças de três anos, os contos tradicionais são muito importantes, referindo que, nesta idade, “as histórias têm de ser mais complexas, estando completamente ao seu alcance os Três Porquinhos, o Capuchinho Vermelho, o Gato das Botas ou qualquer desses contos infantis ou fábulas” (p. 340).

A dramatização da história, realizada pelas crianças foi também muito importante. Como refere Cordeiro (2010), “a seguir ao conhecimento da história surge a fase de experimentação, e é preciso proporcionar materiais simples, mas que permitam disfarçar-se e levar à cena esses enredos” (p. 340). Desta forma, as crianças interiorizaram a história e colocaram-na em prática transformando-se nas próprias personagens.

Estas aulas são muito importantes, pois o facto de estarmos a ser supervisionados faz com que, no final, consigamos perceber tudo o que fizemos de bom e de mau. É importante termos uma conversa no final de cada aula que damos, pois assim ouvimos sempre as críticas positivas e aquelas que sendo menos boas, vão ser construtivas, para que numa próxima oportunidade possamos mudar.

1.3.

### **3º Secção**

Período de estágio de 27 de  
fevereiro a 2 de março de 2012

Faixa etária dos 3 anos



### **1.3.1. Descrição da semana de Seminário com a Realidade Educativa**

Esta semana de estágio intensivo estive na mesma sala onde estava a estagiar anteriormente, visto não ter tido possibilidade de me poder deslocar para outro local fora de Lisboa.

Estive, então, com a turma da faixa etária dos 3 anos e no decorrer desta semana, as actividades foram um pouco semelhantes em todos os dias. Estagiei com outras três colegas, do 1º ano de Licenciatura que me ajudaram imenso em todas os trabalhos que a educadora nos pedia para fazer.

Como já referi antes, esta semana foi bastante calma. Eu e as outras colegas estivemos a recortar e pintar objectos na maior parte do tempo, enquanto a educadora leccionava alguns temas e realizava jogos com os alunos.

Como já conhecia as crianças e a educadora senti-me bastante à vontade e auxilie sempre no que foi necessário.



1.4.

## **4º Secção**

Período de estágio de 10 de abril a  
22 de junho de 2012

Faixa etária dos 4 anos



#### **1.4.1 – Caraterização da turma**

Segundo as indicações gentilmente cedidas pela educadora a turma dos 4 anos é composta por trinta crianças, das quais dezassete são do género masculino e treze do género feminino.

Este grupo não revela grandes dificuldades de aprendizagem e comportamento, a turma é bastante interessada, colaborativa e participativa em todas as atividades.

Estas crianças pertencem ao nível socioeconómico médio/alto e os seus Encarregados de Educação possuem na sua grande maioria formação superior.

Os alunos relacionam-se de forma bastante carinhosa com a educadora através não só de palavras, como também através de desenhos, afetos.

#### **1.4.2 – Caraterização do espaço**

Esta turma tem como espaço de trabalho um enorme salão onde as crianças passam a maior parte do seu tempo. É uma área central do Jardim-Escola, local de passagem, que faz a ligação com alguns espaços como: as salas das turmas dos 5 anos, 1º ano do 1º ciclo e Creche, também às casas de banho e secretaria, ao refeitório, as escadas que dão acesso às salas dos segundos, terceiros e quartos anos e ainda às salas de informática e biblioteca, sem esquecer os recreios. O salão está dividido por um biombo, com a outra turma desta faixa etária.

Existem cinco mesas hexagonais, onde cada mesa tem as suas cadeiras coloridas. Sendo assim, temos a mesa azul, encarnada, amarela, verde e a mesa arco-íris. Numa das paredes do salão está um placard com os trabalhos dos alunos. Ainda existem um móvel para guardar todo o material da turma, um outro onde estão os separadores de cada aluno, onde estes vão guardar os trabalhos para serem posteriormente guardados nos dossiers. Mesmo ao lado do móvel do material existe no salão um mostrador que contém vários

fantoches, disponíveis para todas as educadoras do Jardim-Escola sempre que quiserem utilizar nas suas aulas. Existe um cantinho onde estão sofás pequenos e algumas estantes com livros e outro cantinho com caixas cheias de brinquedos.

Zabalza (1998, pp 132.133) considera que uma sala de aula deve ter determinadas características, tais como:

“A sala de aula de uma escola infantil não pode ser, nunca, um espaço fechado em si mesmo. Mas isto não significa, em absoluto, o encerramento dentro de quatro paredes (as salas devem ter paredes) cerradas, mas sim grandes janelas que abrissem para o exterior. Deve ser um espaço aberto, que se amplia funcionalmente para as outras dependências em que se desenvolve a vida e os rituais da jornada escolar, as outras pessoas adultas da escola, os corredores, o hall, o refeitório, etc. Todas estas realidades desempenham claras funções experienciais para as crianças”

Considero este espaço bastante colorido, amplo, acolhedor e organizado.

#### **1.4.3. – Horário**

A preparação de um horário pressupõe a organização e coordenação de atividades, que promovam o desenvolvimento equilibrado e harmonioso das crianças, de acordo com as áreas estipuladas pelas Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997). Este horário deve ser flexível, dependendo das situações e contextos que possam surgir no dia-a-dia, como se pode observar no quadro 4.

Quadro 4 – Horário da faixa etária dos 4 anos

Horas	2ª Feira	3ª Feira	4ª feira	5ª Feira	6ª Feira
1º Tempo (manhã)	Iniciação à matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Ginástica
	Hora do Conto – Estimulação à Leitura				
	Suplemento Alimentar / Recreio				
	Educação Musical	Biblioteca Informática	Conhecimento do Mundo	Conhec. Do Mundo	Iniciação à Matemática
12h00	Almoço / Recreio				
2º Tempo (tarde)	Conhecimento do mundo Grafismos	Picotagem Dobragem	Rasgar Recortar Colagem	Actividades Plásticas	Experiências
	Modelagem	Enfiamentos Entrelaçamento	Estrutura Espacial	Desenho livre/ orientado	Puzzles e jogos de mesa
16h00	Lanche / Recreio / Saída				

#### 1.4.4 – Rotinas

As rotinas desta faixa etária são idênticas às da faixa etária dos 5 anos, referida na 1ª secção dos relatos.

#### 1.4.5 – Relatos

##### 10 de abril de 2012

No primeiro dia com o bibe encarnado, a educadora, depois de nos apresentar a turma, deu uma aula de Domínio da Matemática, onde utilizou o Cuisenaire e, como complemento, utilizou as barras deste material em grandes dimensões, para ir representado ao longo da aula os exercícios.

Começou por fazer algumas perguntas sobre o material e depois os alunos fizeram a escada crescente, lendo-a por cores e por valores.

Depois fizeram alguns exercícios de exploração das peças, referindo os números ímpares e pares, fazendo no fim o jogo do comboio. Em todos estes exercícios a educadora apelou, sempre, ao raciocínio mental das crianças. No final da aula, a educadora deu algum tempo, para que com as peças, as

crianças pudessem fazer uma construção. No final desta atividade, a educadora fez uma fila com as crianças e passaram por todas as mesas para ver as construções uns dos outros.

Depois do recreio, a turma dividiu-se em dois grupos, uns foram para a informática e os outros ficaram com a educadora no salão. Na informática os alunos desenharam no computador alguns frutos.

Enquanto isso, no salão as crianças tiveram a jogar ao “loto dos animais”.

Durante a hora do almoço, eu e as minhas colegas tivemos a desenhar um painel para decoração do salão.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O Cuisenaire é um material de grande interesse pedagógico para desenvolver competências numéricas. Alsina (2004) refere que “as barras de cor são um material manipulativo especialmente adequado para a aquisição progressiva das competências numéricas. São um suporte para a imaginação dos números e das suas leis, tão necessário para poder passar ao cálculo mental” (p. 34).

Esta autora refere ainda que as crianças devem ser estimuladas a fazerem comboios com várias carruagens, consoante as capacidades e destrezas que se pretendem desenvolver (p. 137).

Castro e Rodrigues (2008) afirmam que “o estabelecimento de relações numéricas facilita o cálculo mental e a compreensão do sentido das operações” (p. 23)

Ainda tenho a salientar o facto de, no final desta aula de matemática, a educadora ter formado uma fila e com os alunos ter circulado pelas mesas, mostrando as construções que cada um tinha feito. Esta estratégia, na minha opinião, foi bastante importante e inovadora pois dá confiança as crianças para

elas voltarem a fazer novas construções com o empenho e afincos com que realizaram estas.

Na aula de Informática, as crianças realizaram uma atividade interessante. Campos (1994) menciona que as “aplicações multimídia são utilizadas para combinar um certo número de modos de aquisição de conhecimentos, por forma a produzir um ambiente multissensorial capaz de responder a uma variedade de estilos de aprendizagem” (p. 14)

### **17 de abril de 2012**

A educadora deu uma aula de Matemática utilizando o Tangram, e peças em tamanhos grandes, que colocou no quadro à medida que era necessário.

Começou por fazer algumas perguntas sobre este material, tais como: “Como se chama este material?”, “Quantas peças têm?”, “E quais são essas peças?”, “Têm todas a mesma forma? E tamanho?”.

Depois desta primeira abordagem ao material, a educadora contou uma história e ao longo da mesma fez as construções do gato e do cão, pedindo sempre a colaboração dos meninos para responderem às questões, trabalhando, sempre e bastante, o cálculo mental.

Enquanto metade do grupo esteve na aula de informática, a outra metade ficou no salão a realizar uma ficha, que consistia em pintar uma imagem para, posteriormente, elaborarem um puzzle.

Eu e as minhas colegas auxiliámos algumas crianças na realização do presente do Dia da Mãe.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O Tangram é um material estruturado com grandes propriedades para o desenvolvimento da geometria.

Segundo Caldeira (2009) “o Tangram favorece uma diferente abordagem da geometria. Com este “puzzle” geométrico pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas” (p. 398). Esta autora refere ainda que “a obtenção de figuras por junção de outras, confere a este puzzle potencialidades na realização de actividades de percepção visual no plano ou seja, a capacidade de isolar partes de um todo que se considera como fundo” (p. 398).

## **24 de abril de 2012**

Nesta manhã, esteve presente uma equipa de formação para promover a Região Autónoma dos Açores. Esta equipa falou das várias ilhas existentes neste arquipélago e dos aspetos principais das mesmas (natureza, vulcões, atividades desportivas, gastronomia, etc.).

Antes da hora do almoço, uma das minhas colegas contou a história “Beijinhos, beijinhos”, da autora Selma Mandine. Seguiu-se a aula de informática, onde as crianças jogaram com o Tangram no computador.

Até ao final do dia, estive a concluir os presentes para o Dia da Mãe com as crianças.

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

A formação, que decorreu para promover a Região Autónoma dos Açores, foi importante para as crianças, visto que foi criada uma situação de comunicação em que as crianças tiveram de saber ouvir e de expressar as suas ideias. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “cabe ao educador alargar intencionalmente as situações de comunicação, em diferentes contextos, com diversos interlocutores, conteúdos e intenções que permitem às crianças dominar progressivamente a comunicação como emissores e como receptores” (p.68).

**27 de abril de 2012**

Neste dia a minha colega deu a aula avaliada pelas Orientadoras da Prática Pedagógica cujo tema principal foi a Zebra. Para esta aula a minha colega fez uma zebra que usou para contar a história “A Zebra Camila” da autora Marisa Núñez. Ao longo da mesma foi pedindo a participação dos alunos, não só para repetirem frases da história como também para irem tirar e pôr fitas que eram as riscas da zebra.

Depois passou para a aula de Domínio da Matemática onde utilizou o material Calculadores Multibásicos. O material foi dividido pelos meninos, uns ficaram com a caixa dos Calculadores e os outros com os sacos que continham os algarismos, trabalhando assim a pares. No quadro, para complementar, utilizou laços com as cores das peças do material.



*Figura 5 – Calculadores Multibásicos*

No final da aula, fez uma atividade na Área do Conhecimento do Mundo para abordar as características da zebra. Com o auxílio do jogo dos pares com imagens ilustrativas explicou algumas das características da zebra. No resto da manhã, decorreu a reunião de reflexão das aulas visualizadas nesse dia.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Achei muito importante a minha colega ter trazido um molde da zebra e ter feito interação com os alunos enquanto contava a história, apesar de achar que deveria ter sido um pouco mais expressiva, pois é um dos pontos que batalhamos tanto para conseguir mudar, a nossa expressividade. A leitura expressiva contribui para o desenvolvimento do espírito crítico. Como defende

Moreira (2002) a leitura poderá ser orientada para “despertar o espírito crítico das crianças, quando realizada com vivacidade e dinamismo”. Para este autor “o ideal será diversificar os modos de expressão, para facilitar o desenvolvimento comunicativo das crianças” (p. 142).

Na aula de matemática, o tempo foi mal gerido, pois ultrapassou demasiado o estipulado para a mesma, o que a prejudicou depois na aula seguinte de Conhecimento do Mundo. Devido à extensão do tempo, as crianças foram-se desmotivando e a aula perdeu um pouco o seu interesse. Nestas idades, é preciso tomar atenção ao tempo que uma aula demora. Como é referido nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), é importante “prever e organizar um tempo simultaneamente estruturado e flexível em que os diferentes momentos tenham sentido para as crianças” (p. 40).

#### **4 de maio de 2012**

Logo pela manhã, os alunos tiveram Educação Física. Aqui, a professora teve que fazer um pequeno aquecimento de meia hora pois não tinha alunos suficientes para começar a aula. Esta aula estava destinada para o treino do percurso que os meninos vão apresentar aos pais no final do ano letivo.

Depois a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática com o material Geoplano, em que pediu às crianças para construírem algumas formas geométricas, deu a noção de tamanho e depois ainda fez algumas situações problemáticas. No último exercício os alunos puderam fazer construções à sua vontade. De seguida, pediu para se levantarem e fazerem um comboio e, à medida que ia passando por uma mesa, a educadora perguntava quem tinha feito e o que era.

Da parte da tarde, depois da realização de uma proposta de atividades, os alunos sentaram-se no chão em roda para a educadora contar a história “O Barriguinha”, do autor Tim Warnes.

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

Nesta atividade com o geoplano foram trabalhados conteúdos da geometria. Spodek e Saracho (1998) justificam que “a natureza concreta da geometria faz dela uma parte natural do programa de primeira infância, porque as crianças podem manipular coisas, fazer perguntas e testar suas ideias sobre elementos da realidade física” (p. 312).

O Geoplano é um dos materiais manipulativos estruturados. Segundo Caldeira (2009) “o Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas” (p. 409).

Um dos conceitos geométricos trabalhados foi a simetria. Matos e Serrazina (1996) referem que “a simetria pode ser introduzida relativamente cedo recorrendo a dobragens, espelhos” (p. 228). Segundo estes autores um eixo de simetria “relaciona-se com uma transformação geométrica” (p. 221).

Este material é, portanto, bastante importante para o desenvolvimento da matemática na criança.

### **8 de maio de 2012**

A educadora começou por dar uma aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita lendo a história “Elmer e Alber”, do autor David Mckee. Para tal, utilizou um livro em tamanho grande e espalhou algumas imagens pertencentes à história e ao longo da mesma, as crianças tinham que ir colocar a imagem certa quando a educadora solicitava. Trabalharam a tabela das quatro entradas para a fazerem a ligação da cor.

Depois, uma das minhas colegas leu a história “O voo do golfinho”, do autor Ondjaki, com os meninos sentados no chão numa roda.

A aula de Conhecimento do Mundo que seguiu teve como tema os Crustáceos. A educadora mostrou algumas imagens em *PowerPoint* para exemplificar alguns e falou das suas características.

No que diz respeito à aula de Domínio da Matemática, a educadora utilizou os Blocos Lógicos. Aqui distribuiu às crianças cartões com três atributos diferentes, em que estas tinham de escolher uma peça que correspondesse aos mesmos atributos dados pelo cartão. Realizou, ainda, um outro exercício com cartões diferentes, que continham figuras para as crianças preencherem com as peças do material. Para finalizar esta aula, realizaram um exercício onde a educadora mostrava um cartão com um atributo e as crianças tinham que levantar a peça correspondente.

Da parte da tarde estive com os alunos um a um a realizar uma atividade de Expressão Plástica. Esta consistia em misturar várias cores e com essas cores “sujar” vários berlindes para que depois, num tabuleiro com uma folha branca, os meninos deixassem cair os berlindes e abanassem o tabuleiro para fazer um efeito com os berlindes na folha. A esta atividade dá-se o nome de “Técnica do Berlinde”.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

É muito importante, as crianças com estas idades, todos os dias, estarem em contacto com história, ouvirem-nas e colaborarem na leitura e compreensão das mesmas. Lopes (2006) refere que a atividade de ler para as crianças é essencial e que, “esta actividade deve passar de esporádica e casuística, a sistemática, organizada e intencional. Deve pois, na medida do possível, existir um momento do dia que poderá ocupar entre 30 a 60 minutos e que constitui o «momento da leitura» ” (p.68).

Ao ler a história e, através da sua expressividade, a educadora mostrou às crianças o quanto é prazeroso ler. Para o autor anterior, “a promoção do gosto pelos livros e pela leitura exige que os adultos que lidam com as crianças demonstrem gosto e interesse por este tipo de actividade e acreditem no seu valor” (p. 67)

Na aula de Conhecimento do Mundo, a utilização de um PowerPoint é uma boa estratégia para que as crianças visualizem imagens grandes e de

qualidade. Segundo Spodek e Saracho (1998), “as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante” (p. 335).

### **11 de maio de 2012**

Neste dia, uma das minhas colegas deu a sua aula programada e avaliada pelas Orientadoras da Prática Pedagógica, cujo tema foi o Agricultor. Começou pelo Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, ao ler a história “Quem comeu as minhas uvas” criada por ela, através de um livro em tamanho grande, fazendo no final, a reordenação de algumas imagens para recontar a história.

Seguiu-se a aula de Domínio da Matemática onde utilizou o 4º dom de Froebel e distribuiu a imagem de um agricultor a cada menino. Durante esta aula, as crianças fizeram a construção do poço, da cama, da mesa e da cadeira e, também, algumas situações problemáticas, ao mesmo tempo que realizavam as mesmas.

A última parte da aula foi reservada para a Área de Conhecimento do Mundo. Aqui a minha colega falou de vários aspetos da profissão de um agricultor. Para que a aula se tornasse mais apelativa, a colega vestiu-se com a roupa típica de um agricultor, mostrou vários utensílios agrícolas e alguma imagens ilustrando os campos antes e depois de serem cultivados. No final da aula, os alunos semearam cenouras e alfaces, espalhando a terra e colocando-a nos vasos que a colega indicava e depois, ajudando a colocar as sementes na terra.

Como em todos estes dias acontece, o resto da manhã foi passado na reunião para discutir as aulas dadas.

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

Este é um tema muito interessante, todos os meninos adoram e o facto de a minha colega ter vindo vestida com roupas próprias de um agricultor contribuiu ainda mais para motivar as crianças. Abordar temas que dizem respeito à nossa cultura, deve ser uma atividade privilegiada na escola.

As crianças adoraram semear os legumes. Este foi um aspeto bastante importante para que as crianças percebam como se inicia o processo de crescimento de uma planta, e os métodos que os agricultores têm que utilizar para o fazer.

### **14 de maio de 2012**

Neste dia assisti a aula programada e avaliada de uma colega, cujo tema foi o Pastor. Para tal, levou um borreguinho para mostrar às crianças e vestiu-se com as roupas típicas de um pastor. Começou, então, com a Área de Conhecimento do Mundo, abordando o vestuário e a função desta profissão, mostrou, ainda, o borreguinho aos meninos e ao mesmo tempo falou das suas características. No final as crianças interagiram com o animal.

Para a aula de Domínio da Matemática, a colega deu a cada menino caixas e cachecóis. Fez várias situações problemáticas onde trabalhou a divisão, e foi sempre fazendo perguntas para apelar ao cálculo mental.

Por fim deu a sua aula de Expressão Oral e abordagem à Escrita onde leu a história “Ovelhinha dá-me lã”, da autora Isabel Minhós Martins, através de um *PowerPoint*. No final da mesma, a colega conversou com as crianças sobre as peças de vestuário que se podem fazer com as lãs.

No final da manhã, todas as estagiárias estiveram na reunião com as orientadoras para falar sobre as aulas visionadas.

Da parte da tarde, os meninos estiveram a fazer pinturas livres no recreio. Eu e a educadora levámos uma mesa lá para fora e, em grupos de três ou quatro alunos, eles iam fazendo os seus desenhos livres com tintas.

## **Inferências/fundamentações teóricas**

Na aula de Domínio da Matemática, foi trabalhada uma operação importante: a divisão. A divisão é uma operação que surge, muitas vezes, em contextos significativos das crianças. Como referem Castro e Rodrigues (2008), “muitos problemas que trabalham a divisão, quer por agrupamento, quer por distribuição surgem no dia-a-dia” (p. 32).

Nesta aula, as crianças, ao dividirem os cachecóis pelas caixas, dividiram pelo processo de distribuição. De acordo com os autores anteriores, “as crianças vão distribuindo os objectos pelos diferentes elementos e comparando os resultados até todos estarem iguais” (p. 32)

A utilização dos cachecóis foi uma boa estratégia para explorar o conceito de divisão. Como menciona Caldeira (2009) “os materiais manipulativos são um importante recurso e através de inúmeras atividades, que se podem resolver com as quatro operações aritméticas, a criança pode experimentar diversos raciocínios, desenvolvendo as suas competências aritméticas” (p. 102).

Trabalhar o desenho livre é muito importante para que as crianças possam expressar as suas ideias e praticar a sua criatividade.

### **15 de maio de 2012**

Neste dia, as duas turmas juntaram-se e fomos para o refeitório fazer piza. Com a ajuda de alguns meninos, uma das educadoras amassou a massa. Depois, cada menino esticou em cima da mesa a sua parte da massa e colocou os ingredientes, o queijo, o fiambre e ainda para quem quisesse os cogumelos em cima da massa.

Durante a aula de informática, a educadora realizou com as restantes crianças uma atividade no Domínio da Matemática. As crianças sentaram-se no chão, em semicírculo e, com os Blocos Lógicos, preencheram uma tabela de dupla entrada.

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

O uso de tabelas é uma forma de representação de dados. Como mencionam Castro e Rodrigues (2008), “na maior parte das salas de jardim-de-infância utilizam-se tabelas que são preenchidas ao longo do dia (o mapa de presenças, o mapa do tempo meteorológico) e as crianças vão, a pouco e pouco, compreendendo como o fazer” (p. 67). Estes autores referem que “é importante que as próprias crianças construam as suas tabelas e compreendam as suas vantagens e a sua estrutura” (p.67).

Com os Blocos Lógicos é possível realizar atividades utilizando tabelas, especialmente tabelas de dupla entrada, em que se exploram apenas dois atributos das peças.

### **18 de maio de 2012**

Neste dia, eu e as minhas colegas estivemos com alguns meninos a decorar o chapéu para o Dia da Criança. Enquanto isto, os restantes meninos estiveram a jogar ao jogo do loto.

### **21 de maio de 2012**

A educadora realizou uma atividade do Domínio da Matemática, onde colocou as crianças sentadas no chão num semicírculo. No quadro colocou uma tabela de dupla entrada que, em cada célula, tinha a imagem da cara de um palhaço. Os meninos tinham que completar a tabela, colocando laços e chapéus nos palhaços, obedecendo às cores expressas na tabela. Durante toda esta manhã, enquanto as crianças faziam esta atividade com a educadora, eu e as minhas colegas estivemos a ajudar as crianças a decorar as suas camisolas e os chapéus para o Dia da Criança.

### **22 de maio de 2012**

Neste dia, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática cujo material foi o *Cuisenaire*. Para esta aula, utilizou duas personagens que distribuiu por cada uma das crianças. Em primeiro lugar, fizeram um itinerário

e, com as peças deste material, tinham que chegar até ao barco. Depois jogaram ao jogo do banqueiro.

Seguidamente, a educadora lecionou uma aula de Conhecimento do Mundo em que o tema foi as abelhas. Para esta aula, utilizou um *PowerPoint* com várias imagens. A partir destas foi explorando as características das abelhas (modo de vida, corpo, habitação, etc). No final desta aula, as crianças comeram bolachas com mel.

Durante a aula de informática, estivemos, ainda, a decorar as últimas camisolas para o Dia da Criança.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A aula de Conhecimento do Mundo sobre as abelhas foi bastante interessante. Este foi o último animal para terminar o tema dos insetos. E, apesar de a matéria ser um pouco mais complexa, a educadora conseguiu de forma lúdica explorar nestas aulas a informação necessária e de forma simples.

Como refere Cortesão (2000), “será importante que os professores sejam capazes de eleger certos conteúdos como mais importantes e recriar metodologias de trabalho que identifiquem como sendo as mais adequadas àquelas circunstâncias” (p. 21).

### **25 de maio de 2012**

Este foi o meu dia para dar uma manhã de aulas. O meu tema foi a tartaruga. Para tal, levei uma tartaruga para mostrar às crianças bem como a sua comida.

Comecei esta manhã de aulas com o 3º e 4º dom de Froebel, onde coloquei algumas questões sobre o material, partindo depois para a contagem de uma história que envolvesse a atividade. Ao longo da mesma, as crianças fizeram a construção da camioneta, da ponte baixa e da mobília da sala.

De seguida passei para o Conhecimento do Mundo, onde mostrei a tartaruga e, partindo do conhecimento das crianças, dialoguei com elas sobre o habitat, a alimentação, o revestimento, a reprodução deste réptil. Ainda coloquei a tartaruga no chão e passei por cada menino para que pudessem tocar nela.

No final li a história “ O fabricante de chuva” da Coleção de Livros de História Musti. De seguida, fiz uma atividade em que os meninos tinham que desenhar uma tartaruga.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Na aula de matemática deveria ter feito mais situações de cálculo mental com as crianças. Nesta fase, as crianças já conseguem realizar cálculos simples sem recorrer a objetos para contagem. Como afirmam Castro e Rodrigues (2008) “algumas crianças realizam cálculos e tentam representá-los utilizando números como objectos materiais, sem a necessidade de recurso a materiais, em especial, se esses números são pequenos e os factos já são seus conhecidos” (p. 31).

Penso que foi importante levar a tartaruga para que as crianças pudessem observar e tocar nela.

### **28 de maio de 2012**

Esta manhã foi dirigida pela minha colega, que começou por dar uma aula de Domínio da Matemática com o material *Cuisenaire*. Aqui, fez uma iniciação á multiplicação, onde as crianças não só representavam as operações nas mesas como também no quadro para todos puderem ver e corrigir, se assim fosse necessário. De seguida, realizaram um itinerário, onde as crianças tiveram que representar com as peças deste material numa folha quadriculada.

A última parte da manhã foi ocupada na aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, onde a colega leu a história “O Gato e o Rato”, da autora Luísa Ducla Soares.

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

A multiplicação deve ser uma das operações lecionadas depois das crianças saberem muito bem a adição. Como mencionam Damas *et al.* (2010), “a multiplicação é uma adição de parcelas iguais e, como tal, mais uma vez se reforça a importância de uma consistente interiorização da adição” (p. 75).

Como defende Caldeira (2009), “podemos complementar este tipo de aulas com Algarismos Móveis e os símbolos matemáticos” (p.148). É bastante importante que a criança represente as suas operações com Algarismos Móveis.

### **29 de maio de 2012**

No início desta manhã, a minha colega terminou a aula que não conseguiu dar no dia anterior. Este consistia numa aula de Conhecimento do Mundo sobre a habitação. Para dar esta aula, a minha colega utilizou um PowerPoint com imagens de vários tipos de habitação, tais como iglô, tendas tippi, tendas ocas, casas-barco, etc. Explorou para cada tipo de habitação, algumas características das mesmas. Para complementar esta aula, a minha colega fez uma atividade de Expressão Plástica, onde cada criança tinha uma “tenda tippi” feita de cartolina e tecido, que no final puderam pintar ao seu gosto.

Ainda nesta manhã, eu tive uma aula surpresa visionada por uma das Orientadoras do Estágio. Foi-me pedido que lesse e trabalhasse a história “Os Ovos Misteriosos” da autora Luísa Ducla Soares. Tive cinco minutos para ver o livro e pensar numa estratégia para trabalhá-lo. De seguida e com a turma sentada no chão, em semicírculo, comecei a ler a história, e ao longo da mesma fui, sempre, solicitando a colaboração dos alunos para repetirem frases ou rimas. Quando terminei de ler, treinei os últimos versos da história e depois de as crianças já saberem um melhor os mesmos, cantámos uma vez sentados no chão e outra em pé, nos mesmos lugares.

No final, tivemos a reunião com as Orientadoras do Estágio Profissional para pudermos discutir as aulas visionadas.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Gostei imenso de dar esta aula, não só pela qualidade literária excelente deste livro, como também pelas crianças, que se comportaram lindamente. Como menciona Riscado (2002), “a qualidade da Literatura Infantil é um elemento fulcral para a modelagem e construção de futuros adultos empenhados, questionadores, imaginativos, interventivos” (p. 120).

Penso que o facto de pedir às crianças a repetição de alguns versos foi uma boa estratégia pois captou a atenção das mesmas, durante toda a história. Tal como Santos (2000) defende “é necessário, então, definir estratégias que possam ser postas em prática no contexto escolar, de forma a tornar a leitura uma actividade suficientemente aliciante para captar o interesse e a adesão dos alunos” (p. 80).

### **1 de junho de 2012**

Neste dia, todas as atividades realizadas no Jardim-Escola foram somente de carácter lúdico, pois foi celebrado o Dia Mundial da Criança.

Depois da aula de educação Física, as crianças brincaram livremente pelo recreio. Mais tarde, as educadoras das duas turmas da faixa etária dos 4 anos pediram a todas as estagiárias que organizassem alguns jogos para fazer durante o resto da manhã com as crianças. Assim se passou a manhã neste dia tão importante para as crianças.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

O Dia da Criança corresponde a uma data muito esperada pelas crianças no decorrer do ano letivo. Neste dia, as crianças dispõem todo o seu tempo na realização de atividades de carácter lúdico. Cordeiro (2010) refere que, atividades temáticas como as realizadas neste dia, “são atividades que surgem todos os anos, e muito importantes, pois ajudam a criança a encontrar

uma organização temporal, dando-lhe segurança para prever o que vem depois” (p. 375). Este autor afirma ainda que “este género de actividades pressupõe quase sempre o domínio da expressão plástica e as suas diferentes técnicas” (p. 375).

Como aconteceu ao longo das últimas semanas, as crianças decoraram camisolas e chapéus, através de diversas técnicas de Expressão Plástica.

Outro aspeto bastante positivo neste dia, foi a realização de jogos com as crianças. Como afirma Spodek e Saracho (1998), “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir actividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções” (p.223).

Gostei muito de poder estar com elas e proporcionar-lhes um dia diferente, lúdico, neste dia tão importante e mágico para todas elas.

#### **4 de junho de 2012**

Neste dia, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática com o material Geoplano. Começou por colocar algumas questões sobre o material, pedindo de seguida para que as crianças traçassem um eixo de simetria, construindo mais tarde várias figuras geométricas. Ainda realizaram uma sequência e, no final, fizeram construções livres. Para terminar a aula, depois de todas as construções feitas, as crianças tiveram que as reproduzir numa folha de papel pontado.

Neste dia, devido ao facto de não haver aula de música, as crianças realizaram alguns jogos de salão.

#### **Inferências/ fundamentações teóricas**

A construção livre deve ser uma atividade privilegiada, especialmente numa primeira fase de contato com este material. Com esta atividade, de acordo com Matos e Serrazina (1996), “pretende-se que os alunos conheçam o material, descubram a utilidade dos pregos, manipulem os elásticos, se

apropriem do geoplano para produzirem algo de importante para eles. A partir destes desenhos produzidos pelas crianças podem ser reconhecidas formas geométricas” (p. 16).

### **5 de junho de 2012**

Nesta manhã, a minha colega deu uma aula, cujo tema principal foi a praia. Começou pela Área de Conhecimento do Mundo, onde abordou os principais aspetos da praia e as regras de segurança da mesma. Para isto, utilizou um PowerPoint com imagens, e à medida que as imagens iam passando, foi explorando as mesmas com as crianças. Depois de referidos todos os cuidados a ter na praia, a minha colega simulou uma ida à praia. Para tal, utilizou vários objetos, como a areia da praia, a água do mar, baldes, pás, etc.

A aula seguinte foi a de Matemática com o material Blocos Lógicos. Para esta aula, distribuiu a cada criança duas imagens que foram as personagens da história que envolveu toda a aula. Com as peças dos blocos lógicos, as crianças realizaram algumas construções como o carro, o barco, o castelo e o peixe. No final desta aula, cada menino fez construções a seu gosto.

Na aula de Domínio da Expressão Oral e Abordagem à Escrita, a minha colega trabalhou a história “A Praia dos Sonhos”, do autor António Mota. Para esta aula, utilizou um painel com a imagem da praia e distribuiu várias imagens aos meninos. À medida que ia lendo a história, as crianças tinham de colocando as imagens no painel.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Durante toda a manhã, a minha colega tentou sempre motivar os alunos e, na minha opinião, fê-lo com sucesso. Como afirmam Balancho e Coelho (1996), “motivar o aluno requer sempre, por parte do professor, uma planificação cuidada de todas as actividades a desenvolver, para evitar «tempos mortos» e falta de ritmo entre as várias sequências de cada momento da aula” (p. 48).

O facto de ter simulado uma ida à praia foi muito importante, pois as crianças puderam ter um momento lúdico e de brincadeira, enquanto aprendiam. Como refere Caldeira (2009), “brincar é uma actividade universal” (p.39). A mesma autora defende que “brincar é um direito fundamental de todas as crianças e qualquer uma deve estar em condições de aproveitar as oportunidades educativas de modo a satisfazer as suas necessidades básicas de aprendizagem”.

### **8 de junho de 2012**

Neste dia, a educadora deu uma aula de Domínio da Matemática com as Calculadoras Papy. Como marcas, utilizou molas de diferentes cores. Começou por dizer as regras deste material e fez algumas questões sobre o mesmo. No quadro colocou a imagem de uma menina e uma calculadora Papy em tamanho grande, com os números correspondentes a cada espaço da mesma. Nesta aula, introduziu uma regra nova: não é permitido colocar mais do que uma marca no mesmo espaço. Ao longo desta aula, realizou vários exercícios para trabalhar as quantidades.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Nesta aula de Domínio da Matemática, as crianças utilizaram um outro material manipulativo: as Calculadoras de Papy. Spodek e Saracho (1998) referem que “as atividades de matemática na primeira infância devem incluir muitas experiências práticas com materiais de manipulação. Assim, muitos materiais oferecidos para as crianças na brincadeira manipulativa podem ensinar conceitos matemáticos” (p. 224).

### **12 de junho de 2012**

A educadora começou por dar uma aula no Domínio da Matemática, onde utilizou o Cuisenaire e a imagem de uma menina. Pediu às crianças que, com as peças, construíssem a casa da menina e, de seguida, a escada por ordem crescente. Ainda realizaram alguns exercícios com base na escada e depois fizeram o jogo do banqueiro.

Mais tarde, a educadora deu uma aula de conhecimento do Mundo sobre a chinchila. Para tal, levou o animal e abordou as principais características do mesmo, como a classe a que pertence, a alimentação, o habitat e o revestimento. Mostrou, ainda, também algumas imagens em PowerPoint.

Durante a hora da informática, eu e as minhas colegas estivemos a decorar telas com as fotos dos meninos e a ajudar as crianças a pintarem vasos.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Durante a aula de Domínio da Matemática, houve alguma agitação no salão, o que fez com que as próprias crianças ficassem um pouco agitadas também. A educadora foi, constantemente, chamando à atenção as crianças.

Ao longo deste momento de estágio, tenho verificado que, no geral, as crianças são disciplinadas. Isto deve-se à atitude da educadora, que sabe como lidar com as crianças de uma forma correta através da expressão e do gesto, como também, por outro lado, reforçar positivamente os sucessos de cada criança. Segundo Zabalza (1998) “a firmeza e a dureza das expressões e gesto devem combinar-se e/ ou complementar-se sempre com gestos de aceitação e confiança; uma criança não pode, nunca, sentir-se rejeitada” (p. 237).

### **15 de junho de 2012**

Neste dia, uma das minhas colegas deu uma aula de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, onde leu a história “O Maluquinho da Bola” da autora Luísa Ducla Soares. Depois da leitura, distribuiu uma ficha de trabalho. Esta consistia em que as crianças cortassem uma imagem da história em quatro partes iguais. Depois de cortadas, tinham de colá-las corretamente numa ficha em branco.

Durante a hora do almoço, eu e as minhas colegas auxiliámos alguns meninos na pintura dos vasos.

## **19 de junho de 2012**

A educadora deu uma aula de Domínio da Matemática, em que utilizou o 3º Dom de Froebel. Para esta atividade, dividiu a turma em duas equipas: a equipa dos meninos e a equipa das meninas. À medida que as crianças realizavam as construções, a educadora colocava questões de cálculo mental para cada equipa. Cada resposta certa, correspondia a um ponto. De seguida, a educadora levou os alunos para o recreio, e sentou-os em semicírculo no chão, lendo a história “Corre, corre cabacinha” dos autores Eva Mejunto e André Letria. Para tal, tinha um livro em tamanho grande e espalhou algumas imagens no chão. À medida que ia lendo a história, a educadora pediu às crianças para lerem excertos da mesma e para irem procurar no chão a imagem correspondente.

Por fim, realizou um jogo de equipas, onde dividiu as meninas em duas equipas e os meninos noutras duas equipas. O objetivo do jogo era que, à vez, os elementos de cada equipa recolhessem imagens de legumes espalhados no recreio. Vencia a equipa que recolhesse mais legumes no final.

No resto do dia, estive a decorar telas (molduras) com a fotografia dos alunos.

### **Inferências/ fundamentações teóricas**

Na aula de Domínio da Matemática, realizar um jogo de equipas foi uma boa estratégia. Caldeira (2009) defende que “o jogo, como proposta educativa, nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no ato de ensinar e pode ser uma estratégias para propiciar a aprendizagem” (p. 46).

Damas *et al.* (2010) afirmam que “o jogo é um tipo de actividade que implica raciocínios, estratégias e reflexões constantes” (p. 37).

Levar as crianças até ao espaço exterior para ouvirem uma história é também importante para que estas mudem de espaço. O facto de a educadora ter utilizado as imagens da história para as crianças associarem ao que ouviam

foi uma boa estratégia. Segundo Moreira (2002) “será relevante acompanhar a leitura expressiva (ou narração expressiva) da história com imagens, sobretudo nos primeiros tempos de escola vividos pela criança e nas histórias trabalhadas pela primeira vez” (p. 142).

## **22 de junho de 2012**

Neste dia, realizaram-se as Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional. O tema da minha prova foi o Morangueiro. Para esta aula levei sacos que continham vários objetos, levei dois morangueiros e alguns morangos para as crianças provarem.

Comecei pelo Domínio da Matemática, com o 3º e 4º Dons de Froebel, e os sacos com os vários objetos para auxiliar as crianças nos cálculos que fui solicitando ao longo desta aula. Fiz algumas construções e passei para a atividade seguinte com uma adivinha.

A atividade seguinte foi do Domínio da Linguagem e Abordagem à Escrita, aqui li a história “O Fruto da Esperança” da autora Maria de Lourdes Soares. Depois da leitura, dividi a turma em grupos de dois elementos e entreguei-lhes um envelope. Estes envelopes continham, cada um deles, uma palavra dividida por sílabas e os alunos tiveram que formar palavras para depois se preencher um texto que estava exposto em cartolinas no quadro.

Seguidamente, iniciei a aula de Conhecimento do Mundo, onde mostrei os morangueiros, e algumas imagens do crescimento do morangueiro, explicando cada uma delas. Referi, também, alguns dos benefícios deste para a saúde e, ainda, algumas curiosidades sobre o mesmo. Dei a cada menino um morango para que pudessem degustar.

No final e já no recreio, realizei o “Jogo da colher”. Este consistia em que as crianças, com uma colher de pau na mão, conseguissem transportar de um lado ao outro do perímetro do jogo as bolas sem as deixar cair. Se deixassem cair, teriam que voltar ao ponto de partida.

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

Todas as aulas que realizei neste Estágio Profissional foram importantes, mas esta foi uma das mais importantes pois era a minha aula final. Apesar disso, esta não foi a minha melhor aula, não me correndo da maneira esperada. A gestão do tempo foi um dos meus erros, visto ter ultrapassado o tempo previsto e ter cortado conteúdo das aulas para não o ultrapassar ainda mais.

Para cumprir todos os objetivos pretendidos, é necessário planificar rigorosamente as atividades, sendo que por vezes, como foi o caso, o tempo da mesma também depende da participação das crianças. Estas mostraram-se muito interessadas e curiosas, colocando várias questões às quais não pude deixar de responder.

No que concerne ao jogo, considero que foi adequado à idade das crianças, visto ter regras e procedimentos simples. Como afirmam Spodek e Saracho (1998), “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir atividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções” (p. 223).

Apesar das regras simples do jogo, eu não as consegui fazer cumprir no decorrer do mesmo, o que fez com que o jogo não fosse bem-sucedido. As crianças desrespeitaram a maior parte das regras, e a meio do jogo tive a ajuda de uma das Orientadoras que estava a assistir à minha aula, que me auxiliou numa nova estratégia para o melhor funcionamento do jogo.

A Prova Prática de Avaliação da Capacidade Profissional é assim um momento importante do Estágio Profissional, visto ser uma aula em que mostramos as nossas capacidades enquanto futuros profissionais e somos supervisionados por uma equipa de profissionais. Segundo Alarcão e Roldão (2008), “a relevância do processo supervisivo é muito grande e quase

unanimemente reconhecida. A supervisão tem um papel securizante. É mesmo considerada fulcral no processo de formação” (p. 56).

No final desta prova, tive uma pequena reunião com a educadora da sala e os elementos da equipa de supervisão, onde tive de fazer uma reflexão. Alarcão e Roldão (2008) referem que a “reflexão é considerada como promotora do conhecimento profissional, porque radica numa “atitude de questionamento permanente – de si mesmo e das suas práticas – em que a reflexão vai surgindo como instrumento de auto-avaliação reguladora do desempenho” e geradora de novas questões” (p. 30).

É importante que se debatam os aspetos positivos e negativos de uma aula, para que possamos, posteriormente, melhorá-los.

# **CAPÍTULO 2**

## **PLANIFICAÇÕES**



Este capítulo inclui algumas das planificações que foram elaboradas a longo do período de estágio. Começo por fazer um enquadramento teórico relativamente ao tema das planificações, abordando o conceito de currículo. Depois, é realizada uma contextualização, onde são apresentadas três planificações de aulas, por mim escolhidas, que correspondem a três aulas leccionadas neste período de estágio.

As planificações que serão apresentadas serão três referentes às Áreas de Conhecimento do Mundo e de Expressão e Comunicação, sendo que nesta última área, será apresentado uma planificação para o Domínio da Matemática e outra para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Estas planificações são apresentadas por ordem cronológica, fazendo depois uma reflexão sobre as mesmas e a sua devida fundamentação teórica, relativa aos procedimentos/estratégias aplicadas.

Todas estas planificações foram construídas com base no Modelo T de Aprendizagem. A este modelo foram feitas algumas alterações, pois estes planos são referentes a pequenas unidades de aprendizagem.

## **2.1. Fundamentação Teórica**

A abordagem dos conteúdos deve fazer-se tendo como referência a inclusão dos saberes. Segundo Pacheco (1999), “devem apresentar-se os conteúdos de acordo com a aprendizagem significativa e motivadora que coloque em relevo a quantidade de relações possíveis entre componentes, com problemas reais e aplicações/transposições para a vida quotidiana, proporcionado um largo conjunto de experiências” (p.63).

As planificações são instrumentos fulcrais para a orientação do Educador em Educação Pré-Escolar, ajudando-o assim, a organizar o seu trabalho atempadamente, como refere Bullough (1989 como citado em Braga, 2001), “quando a planificação é feita com antecedência o professor se sente mais seguro” (p.34), garantido então, uma boa condução relativamente às aulas propostas, assim como uma boa prestação perante a turma. Para

Zabalza (1994), planificar, “trata-se de converter uma boa ideia ou um propósito num curso de acção” (p.47).

As planificações visam estruturar o trabalho do Educador, permitindo-lhe uma reflexão sobre as estratégias a adotar, estabelecendo também, os objetivos a atingir para com as crianças, para que possam desenvolver diversas capacidades, adquirindo assim, novos conhecimentos.

Nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) é referido que “planear o processo educativo é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma igualdade de oportunidades” (p.26).

Ao planificar, o Educador está a refletir sobre o seu método, recorrendo aos conhecimentos adquiridos ao longo da sua aprendizagem, concretizando assim o seu pensamento através das ações realizadas em sala de aula. Como refere Yinger (como citado em Zabalza, 1994) “o essencial da prática é pôr o conhecimento em funcionamento, usar o que conhece para a realização de algo” (p.46).

A planificação para o Educador tem que ter como base o desenvolvimento do processo de ensino e de aprendizagem, os conhecimentos e as competências que as crianças possuem. O educador deve planificar atividades abrangentes, que sirvam os vários objetivos e proporcionem aos alunos aprendizagens nos vários domínios curriculares.

Quando se pensa na importância e/ou vantagem de planificar, a primeira ideia que surge é de que a planificação permite ao docente viver muito mais descansado, menos angustiado e frustrado no seu dia-a-dia, contribuindo para “reduzir a ansiedade e a incerteza que o seu trabalho lhes criava, definir uma orientação que lhes desse confiança, segurança” (Clark e Yinger 1979, como citado em Zabalza, 2000, p.48). No entanto, é igualmente importante planificar-se para determinar “objectivos”, “conteúdos”, “materiais” e “actividades” a

realizar, fazer a “distribuição do tempo”, ou seja, o docente ser capaz de delinear “estratégias de actuação durante o processo de instrução: forma de organizar os alunos, como começar as actividades, que marcos de referência para avaliação” irá utilizar (Clark e Yinger 1979, como citado em Zabalza, 2000, p.49).

“A escola é a unidade social, funcional e organizativa de referência na programação. O professor é a unidade operativa” (Zabalza, 2000). Segundo este autor, é necessário que cada professor programe as suas aulas, de modo a exigir à equipa de professores um espírito crítico, quer na elaboração de materiais, na procura de actividades atractivas e adequadas, quer na análise dos resultados, assim “no ensino é preferível que muitos avancem um pouco do que poucos avancem muito” (Pérez, citado por Zabalza, 2000, p.46).

A elaboração das planificações pode ser realizada pela escola, como também pelo Educador, estando estas direccionadas para a respetiva turma. Zabalza (2000) menciona que “o conteúdo refere-se a metas gerais, prioridades e princípios de procedimentos” (p.53).

Todos os estabelecimentos escolares devem conter um Projeto Curricular Escolar. O Projeto Curricular Escolar, segundo a Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007, é um documento que “define as estratégias de desenvolvimento do currículo, visando adequá-lo ao contexto de cada estabelecimento/escola ou Agrupamento e integrado no respectivo Projecto Educativo.”

Para além do Projeto Curricular Escolar, todos os estabelecimentos escolares, devem conter o Projeto Curricular de Grupo/Turma. Este documento, segundo a mesma Circular “define as estratégias de concretização e de desenvolvimento do as orientações curriculares para a educação pré-escolar, e do Projecto Curricular de Estabelecimento/Escola, visando adequá-lo ao contexto de cada grupo/turma.”

É fundamental salientar a importância do currículo, pois, segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) o currículo é “um conjunto organizado” como um “plano e organização do ensino-aprendizagem ” e ainda referem que se pode definir como sendo um “plano estruturado de ensino-aprendizagem, incluindo objectivos ou resultados de aprendizagem a alcançar, matérias ou conteúdos a ensinar, processos ou experiências de aprendizagem a promover” (p. 51).

O currículo é um documento fulcral, como dito anteriormente, na aprendizagem e adaptação da criança, em que a escola é responsável. Como referem os mesmos autores:

O currículo determina resultados de formação e aprendizagem a atingir (...) Deste ponto de vista, interessa sobretudo o que se pretende que os alunos aprendam, o que são capazes de fazer, em resultado do processo de ensino em que se envolvem; os conteúdos, métodos e experiências com que lidam na situação concreta de ensino estão, apenas, ao serviço dos objectivos ou resultados de aprendizagem que se visam e que os planos e programas curriculares prescrevem (p. 51).

Segundo Pérez (s.d.), o Modelo T é “uma forma simples que se apresenta numa só folha, nesta vai constar todos os elementos do currículo e da cultura organizacional para ser aprendida na escola” (p.40). O mesmo autor (como citado em Gomes, 2011) refere que:

no Desenho Curricular de Aula, em Modelo T, devem constar dois tipos de programações/planificações, as largas e as curtas, desta forma o modelo apresenta uma sequência temporal. Da planificação anual, que deverá ser realizada para um ano, constam a avaliação inicial, o Modelo T de área ou disciplina, o Modelo T de unidade de aprendizagem ou bloco de conteúdo e a avaliação de objetivos (formativa) (p.86).

Relativamente aos planos de aulas organizados conforme o Modelo acima referido, estes foram executados tendo em conta os seguintes itens informativos: no cabeçalho encontram-se o nome do Jardim-Escola em questão; identificação da faixa etária; nome da Educadora cooperante; data e

tempo/duração da aula proposta; a área a lecionar. Num plano inferior e no lado esquerdo da tabela, estão contidos os Conteúdos a desenvolver e, do lado direito, os Procedimentos e Métodos propostos. Abaixo destes últimos, encontram-se numa posição central os Objetivos, sendo estes alcançáveis pelas Capacidades/ Destrezas, assim como os Valores/ Atitudes. Para finalizar, está presente o material essencial para o decorrer das aulas propostas, conforme se pode verificar no quadro 5.

Pérez (s.d.) sistematiza os mesmos dados na estrutura do plano de aula:

As capacidades – destrezas: indicam os objectivos fundamentais cognitivos e complementares que queremos desenvolver; Os valores – atitudes: mostram os objectivos fundamentais afectivos que pretendemos desenvolver; os conteúdos (conhecimentos): apresentam em três ou seis blocos de conteúdos ou blocos temáticos que se pretende aprender ao longo do ano escolar; os métodos/ procedimentos: apresentam-se entre nove a doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer, para serem apreendidas no curso escolar. (p.402)

Quadro 5 – Estrutura da planificação baseada no Modelo T de Aprendizagem (Adaptado de Pérez e Lopez (2000))

Identificação da instituição		
Faixa etária	Nome da estagiária	
Educadora	Ano/ Turma/ Número	
Duração/ Tempo		
Data	Plano de aula	
Área a leccionar		
<b>Conteúdos</b>		<b>Procedimentos/ Métodos</b>
<b>Capacidades</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Atitudes</b>
<b>Material:</b>		

Através das planificações, o docente deve ter atenção aos conhecimentos já adquiridos pelas crianças, assim como aos novos conhecimentos que pretende que estas aprendam. A planificação é, sem dúvida, um elemento imprescindível, que organiza e orienta o Educador nas suas atividades pedagógicas ao longo do seu percurso de ensino.

## 2.2. Planificações

### 2.2.1. Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

No quadro 6 encontra-se a planificação realizada para a aula de Domínio da Matemática na faixa etária dos 3 anos.

Quadro 6 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

<b>Plano de aula</b>		
<b>Faixa etária:</b> 3 anos		
<b>Tempo/ Duração:</b> 20/30 minutos		
<b>Data:</b> 23 de março de 2012		
<b>Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática</b>		
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/ Métodos</b>	
<b>Blocos Lógicos:</b>  - Atributos  - Sequência	<ul style="list-style-type: none"><li>• Distribuir as peças dos blocos lógicos por cada uma das mesas;</li><li>• Perguntar o nome do material e os seus atributos;</li><li>• Contar uma história e ao longo da mesma pedir que retirem algumas peças;</li><li>• Realizar uma sequência para terminar a aula.</li></ul>	
<b>Capacidades - Destrezas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
<b>Compreensão</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Aplicar</li><li>• Experimentar</li></ul> <b>Raciocínio-Lógico</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Relacionar</li><li>• Associar</li></ul>	<b>Responsabilidade</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Disciplina</li><li>• Cooperação</li></ul> <b>Respeito</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• Entender</li><li>• Conviver</li></ul>	
<b>Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem. O plano está sujeito a alterações.</b>		

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

- **“Distribuir as peças dos blocos lógicos por cada uma das mesas”**

Comecei a aula por distribuir as peças para que todos os alunos tivessem acesso às mesmas e pudessem manipular e realizar todos os exercícios que, ao longo da minha aula, fui propondo. Como refere Caldeira (2009) “é necessário manipular ‘coisas’ e reflectir sobre o acto de manipular, porque só nesta acepção tem cabimento dizer-se que a matemática entra em jogo quando a criança age sobre as ‘coisas’” (p.364).

- **“Perguntar qual o nome do material e os seus atributos”**

Para se começar a usar corretamente este material, as crianças têm que conhecer muito bem as suas diferenças/atributos. Por isso, é sempre importante relembrar a cada aula, ainda mais nestas idades mais pequenas (3 anos), as diferenças entre as mesmas. Como afirma Caldeira (2009) “É importante convencionar-se com as crianças um código que lhes permita identificar separadamente cada atributo das peças” (p. 367).

- **“Contar uma história e ao longo da mesma pedir que retirem algumas peças”**

É sempre importante envolvermos as crianças com uma história para podermos leccionar matemática. As crianças ficam muito mais atentas e motivadas para a realização de exercícios. Ao longo da minha aula pedi para que as crianças retirassem algumas peças, referindo o atributo que queria para que fizessem uma casa e uma árvore com as mesmas. Estes jogos de formar figuras são importantes pois, tal como Dienes e Golding (1976 como citado em Caldeira, 2009) referem, “permitem ao professor trabalhar, juntamente com as crianças, as cores, as formas, (...), explorando gradualmente os atributos das peças” (p.369).

- **“Realizar uma sequência para terminar a aula”**

Este tipo de “jogo” que se pode realizar com as crianças é bastante importante porque estas aprendem a fazer correspondências, aprendem a identificar os diferentes atributos e ao mesmo tempo trabalham a coordenação motora, e também, o raciocínio lógico. Como refere Caldeira (2009), “o jogo, como proposta educativa, nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no acto de ensinar e pode ser uma estratégia, para propiciar a aprendizagem “ (p.46).

## 2.2.2. Planificação da Área de Conhecimento do Mundo

No quadro 7 encontra-se a planificação realizada para a aula de Conhecimento do Mundo na faixa etária dos 3 anos.

Quadro 7 – Planificação da Área Conhecimento do Mundo

<b>Plano de aula</b>		
<b>Faixa etária:</b> 3 anos		
<b>Tempo/ Duração:</b> 20/30 minutos		
<b>Data:</b> 23 de março de 2012		
<b>Área de Conhecimento do Mundo</b>		
Conteúdos	Procedimentos/ Métodos	
- As divisões da casa	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a aula com a turma sentada no chão em forma de U com o material espalhado (cartões com imagens);</li> <li>• Mostrar um painel com a ilustração de uma casa para iniciar o tema da aula;</li> <li>• Partir dos conhecimentos dos alunos para aprofundar os mesmos em relação à divisão da casa e no que nela se faz;</li> <li>• Realização de um jogo.</li> </ul>	
Capacidades - Destrezas	Objetivos	Valores – Atitudes
<b>Compreensão</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conhecer</li> <li>• Identificar</li> </ul> <b>Expressão Verbal</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Dialogar</li> <li>• Escutar</li> </ul>	<b>Responsabilidade</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Empenhamento</li> <li>• Ser ordenado</li> </ul> <b>Respeito</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Falar na sua vez</li> <li>• Tolerar</li> </ul>	
<b>Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem. O plano está sujeito a alterações.</b>		

## **Inferências/ fundamentações tóricas**

- **“Iniciar a aula com a turma sentada no chão em forma de U com o material espalhado ao centro (cartões com imagens) ”**

Escolhi começar esta aula com as crianças dispostas desta forma, visto que a estratégia que utilizei teve por base um jogo de grande dimensão. Desta forma, as crianças conseguiam ver as imagens e ver-se uns aos outros. De acordo com Sanches (2001) “a organização da sala de aula tem a ver com o clima que se quer criar e o clima da aula é um dos factores mais importantes no desencadeamento das aprendizagens” (p.19). Ainda segundo esta autora, “os nossos alunos e nós próprios também precisamos de ambientes diferentes e renovados, salas em U, umas vezes, salas organizadas para trabalhos de grupo, salas com disposição tradicional, outras vezes” (p.19).

- **“Mostrar um painel com a ilustração de uma casa para iniciar o tema da aula” e “Partir dos conhecimentos prévios dos alunos para aprofundar os mesmos em relação às divisões da casa e no que nelas se faz”**

Escolhi levar um painel, com a ilustração de uma casa, para que as crianças pudessem ver de perto as divisões da mesma, e assim relembrem melhor cada objecto que está em cada divisão e o que fazemos nelas. Penso que, nestas idades, quanto mais imagens e ilustrações levarmos para a sala de aula, mais as crianças se motivam e lembram dos seus conhecimentos. Tal como refere as Orientações Curriculares para a Educação Pré-escolar (Ministério da Educação, 1997), “tomar como ponto de partida o que as crianças sabem, pressupõe que também esses saberes deverão ser tidos em conta e que a educação pré-escolar, bem como outros níveis de ensino, não os poderão ignorar” (p.80).

- **“Realização de um jogo”**

Para consolidar melhor os conteúdos da aula, realizei um jogo que consistia em os alunos terem que ir buscar um cartão ao centro e colocarem na respectiva caixa que correspondia a uma divisão da casa. É importante realizarmos jogos com as crianças, tal como afirma Damas *et al.* (2010) “ao desenvolverem actividades dinâmicas, como se de um jogo se tratasse, os alunos nem se apercebem que estão a adquirir conhecimentos” (p.7). Caldeira (2009) afirma ainda que “o jogo constitui uma ferramenta pedagógica, promotora do desenvolvimento cognitivo e do desenvolvimento social” (p.49).

### 2.2.3. Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No quadro 8 encontra-se a planificação realizada para a aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita na faixa etária dos 3 anos.

Quadro 8 – Planificação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

<b>Plano de aula</b>		
<b>Faixa etária:</b> 3 anos		
<b>Tempo/ Duração:</b> 20/30 minutos		
<b>Data:</b> 23 de março de 2012		
<b>Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</b>		
<b>Conteúdos</b>	<b>Procedimentos/ Métodos</b>	
- Leitura e dramatização	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Iniciar a aula com as crianças sentadas no chão e contar uma história;</li> <li>• Dramatizar a mesma com os meninos.</li> </ul>	
<b>Capacidades - Destrezas</b>	<b>Objetivos</b>	<b>Valores – Atitudes</b>
<b>Participação</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ouvir</li> <li>• Dialogar</li> </ul> <b>Raciocínio Lógico</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interpretar imagens</li> <li>• Memória</li> </ul>	<b>Convivência</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Interesse</li> <li>• Curiosidade</li> </ul> <b>Respeito</b> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Conviver</li> <li>• Estar atento</li> </ul>	
<b>Planificação baseada no Modelo T de unidade de aprendizagem. O plano está sujeito a alterações.</b>		

## **Inferências/ fundamentações teóricas**

- **“Iniciar a aula com as crianças sentadas no chão e contar uma história”**

Optei por dispor as crianças desta forma, pois permite um ambiente mais próximo para contar a história e, também, uma melhor visualização das imagens. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997) “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos” e a sua organização e utilização “(...) são expressão das intenções educativas e da dinâmica de grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais, de modo a planear e fundamentar as razões desta organização (p.37).

Ler e contar histórias às crianças deve ser uma actividade diária. Ouvir contar histórias desperta nas crianças a vontade de aprender a ler. Para Lopes (2006) “a melhor forma de motivar as crianças para o gosto pelos livros é ler-lhes sistematicamente, mostrando-lhes o quanto se pode aprender com os livros” (p. 21). Ler para as crianças “constitui uma das mais poderosas formas de desenvolver no sujeito que ouve comportamentos leitores” (p. 64). Este autor refere que “a leitura para as crianças, a expressão verbal correta por parte das educadoras e a exigência de que as crianças construam frases completas é uma das formas mais adequadas de desenvolver a consciência morfosintática” (p. 25).

- **“Dramatizar a mesma com os meninos”**

Na minha opinião, a dramatização de histórias com os alunos é um fator crucial para o seu desenvolvimento. Como referem as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997), “a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, da afirmação próprio na relação com o(s) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais. Na interacção com outra ou outras crianças, em actividades de jogo simbólico, os

diferentes parceiros tomam consciência das suas reacções, do seu poder sobre a realidade, criando situações de comunicação verbal e não verbal” (p.59).

Aqui não só conseguimos perceber se as crianças entenderam o sentido da história, como também podemos ver a criatividade de cada uma delas.



**CAPÍTULO 3**  
**DISPOSITIVOS**  
**DE AVALIAÇÃO**



Neste capítulo começo por expor uma fundamentação teórica sobre a avaliação. De seguida, apresentarei três dispositivos de avaliação, referentes a três propostas de trabalho que realizei com as crianças ao longo do Estágio Profissional.

Estas avaliações são referentes às áreas de Conhecimento do Mundo, Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática e Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.

Estes três dispositivos de avaliação correspondem a avaliações formativas. Inicialmente é apresentada uma breve introdução e, de seguida, são descritos os parâmetros, os critérios e as cotações estabelecidas para a avaliação das atividades. Logo depois virá a grelha de avaliação da atividade, seguida de um gráfico com os resultados obtidos e a análise do mesmo.

### **3.1. Fundamentação Teórica**

A avaliação é um processo contínuo de aprendizagem no qual se deve manter a interação entre professor e aluno. Neste caso, a avaliação não pode ser vista como método de reprovação, mas como uma interação para promover o conhecimento participativo, coletivo e construtivo entre ambos.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), “avaliar o processo e os efeitos implica tomar consciência da acção para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução” (p.27). A reflexão que o educador faz, a partir do que observa, permite-lhe estabelecer o progresso das aprendizagens a desenvolver com cada criança.

Zabalza (2000) defende que um professor “tem que ser capaz de proceder a boas avaliações e dispor de um amplo repertório de técnicas para as efectuar” (pp.219-220).

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), “não basta definir objectivos e planificar o ensino de modo a facilitar a aprendizagem dos alunos. Há, também

que avaliar se os objectivos visados foram ou não atingidos, avaliação que tem lugar ao longo de todo o processo de ensino” (p. 333).

A avaliação realizada na Educação Pré-Escolar tem como objetivo “saber se a frequência da educação pré-escolar teve, de facto, influência nas crianças.” Possibilita, igualmente, ao educador ir corrigindo e adaptando o processo de aprendizagem da criança e ir dialogando, com os pais, os seus progressos. “Este processo reflectido define a intencionalidade educativa que caracteriza a actividade profissional do educador.” (Ministério da Educação, 1997, p. 94) Por sua vez, Ferreira (2007, p. 17) menciona que “na educação escolar, a avaliação assume diferentes funções, resultantes das exigências e papéis que lhe são destinados socialmente”

De acordo com Fisher (2004), “a avaliação que é feita após o planeamento e a aprendizagem avalia não somente a aprendizagem das crianças, mas também a qualidade de ensino” (p.35).

Segundo a Circular N.º 4 /DGIDC/DSDC/2011, a avaliação na Educação Pré-Escolar adota uma dimensão formativa, integrando um “processo contínuo e interpretativo que procura tornar a criança protagonista da sua aprendizagem, de modo a que vá tomando consciência do que já conseguiu, das dificuldades que vai tendo e como as vai ultrapassando.”

A avaliação formativa é um procedimento que desenvolve estratégias de intervenção adaptadas às características de cada criança e do grupo, “incide preferencialmente sobre os processos, entendidos numa perspectiva de construção progressiva das aprendizagens e de regulação da acção”. Avaliar obriga a uma observação contínua das evoluções da criança, “indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da acção educativa, tendo em vista a construção de novas aprendizagens”. (Circular N.º 4 /DGIDC/DSDC/2011).

A avaliação formativa constitui um instrumento de apoio e de ajuda à intervenção educativa, ao nível do planeamento e da tomada de decisões do

educador. Para Ferreira (2007), a avaliação formativa caracteriza-se por “incidir no processo ensino-aprendizagem e não nos resultados, ou na averiguação dos pré-requisitos necessários às novas aprendizagens” (p.27).

A avaliação diagnóstica é outro meio de avaliação. Esta tem como objetivo a caracterização do grupo e de cada criança. Com esta avaliação pretende-se “conhecer o que cada criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer, as suas necessidades e interesses e os seus contextos familiares que servirão de base para a tomada de decisões da acção educativa”.

Sobre este tipo de avaliação, Ribeiro e Ribeiro (1990, p. 342) dizem que “no final do ano lectivo e perante uma última unidade do programa, haverá lugar para a avaliação diagnóstica, exactamente nos mesmos moldes em que foi utilizada no começo ou ao longo do ano escolar.”

Por sua vez, Portugal e Laevers (2010, p. 10) referem que as “competências das crianças mais pequenas são dependentes da situação ou contexto, não se coadunando com os constrangimentos impostos por uma checklist estandardizada”.

Neste sentido é importante referir o papel do avaliador segundo a visão de Hadji (1998, p. 22), “o avaliador tem de se resignar a determinar-se em função do que lhe parece simplesmente provável (...). Avaliar é proceder a uma análise da situação e a uma apreciação das consequências prováveis do seu acto numa tal situação”.

Na avaliação dos dispositivos de avaliação da Educação Pré-Escolar, é utilizada uma escala, baseada na escala de Likert, que vai de 1 a 5 valores. A escala que irei utilizar nos três dispositivos de avaliação encontra-se apresentada seguidamente (quadro 9).

## Quadro 9 - Escala utilizada nos dispositivos de avaliação

Fraco – de 0 a 2,9 valores
Insuficiente – de 3 a 4,9 valores
Suficiente – de 5 a 6,9 valores
Bom – de 7 a 8,9 valores
Muito bom – de 9 a 10 valores

### 3.2. Avaliação da atividade da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

#### 3.2.1. Contextualização da atividade

A atividade de Domínio da Matemática realizada na turma dos 3 anos, no dia 16 de março de 2012, cuja proposta de trabalho se encontra em anexo, consiste na elaboração de dois exercícios; no primeiro, os alunos terão de desenhar a quantidade que está descrita pelo algarismo e no segundo, as crianças terão que ligar o algarismo à quantidade correspondente.

#### 3.2.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação

- **Identificação da quantidade representada pelo algarismo:** neste parâmetro pretende-se que as crianças desenhem a quantidade de palhinhas indicada pelo algarismo.

#### Foram utilizados os seguintes critérios:

- ✓ Desenhou a quantidade correta em todos os espaços,
  - ✓ Desenhou a quantidade correta em 2 espaços;
  - ✓ Desenhou a quantidade correta num só espaço,
  - ✓ Não desenhou corretamente nenhuma quantidade;
- 
- **Correspondência entre o algarismo e a quantidade:** neste parâmetro pretende-se que as crianças associem a quantidade ao algarismo que está representado a meio;

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Ligou 4 algarismos à quantidade correta;
  - ✓ Ligou 3 algarismos à quantidade correta;
  - ✓ Ligou 2 algarismos à quantidade correta;
  - ✓ Ligou 1 algarismo á quantidade correta;
  - ✓ Não ligou nenhum algarismo corretamente.
- 
- **Apresentação:** neste parâmetro pretende-se que as crianças realizem a atividade de forma limpa, perceptível e cuidadosa.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Trabalho limpo e perceptível;
- ✓ Trabalho sujo ou pouco perceptível.

No quadro 10 estão inseridas as cotações atribuídas à actividade da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.

Quadro 10 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios a avaliar</b>		<b>Cotações</b>
<b>1. Identificação da quantidade representada pelo algarismo</b>	1.1. Desenhou a quantidade correta em todos os espaços	4	4
	1.2. Desenhou a quantidade correta em 2 espaços	2	
	1.3. Desenhou a quantidade correta num só espaço	1	
	1.4. Não desenhou corretamente nenhuma quantidade	0	
<b>2. Correspondência entre o algarismo e a quantidade</b>	2.1. Ligou 4 algarismos à quantidade correta	4	4
	2.2. Ligou 3 algarismos à quantidade correta	3	
	2.3. Ligou 2 algarismos à quantidade correta	2	
	2.4. Ligou 1 algarismo à quantidade correta	1	
	2.5. Não ligou nenhum algarismo corretamente	0	
<b>3. Apresentação</b>	3.1 Trabalho limpo e perceptível	2	2
	3.2. Trabalho sujo e pouco perceptível	0	
<b>TOTAL</b>			<b>10</b>

### 3.2.3. Apresentação e descrição da Grelha de Avaliação

Na grelha que se segue podemos ver as cotações de cada aluno para cada critério que quis avaliar nesta atividade.

Quadro 11 – Grelha de Avaliação da atividade na Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Parâmetros Critérios/ Alunos	1.				2.					3.		Classificação De 0 a 10 valores
	1.1.	1.2.	1.3.	1.4.	2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	2.5.	3.1.	3.2.	
1	-	2	-	-	-	-	-	1	-	2	-	5
2	-	-	1	-	-	-	2	-	-	2	-	5
3	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
4	4	-	-	-	4	-	-	-	-	-	0	8
5	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	0	3
6	-	2	-	-	-	3	-	-	-	2	-	7
7	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
8	4	-	-	-	-	3	-	-	-	-	0	7
9	-	2	-	-	-	3	-	-	-	-	0	5
10	-	2	-	-	4	-	-	-	-	2	-	8
11	-	2	-	-	4	-	-	-	-	2	-	8
12	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
13	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
14	4	-	-	-	-	3	-	-	-	-	0	7
15	-	2	-	-	-	3	-	-	-	2	-	7
16	-	-	1	-	-	-	-	1	-	2	-	4
17	-	2	-	-	4	-	-	-	-	-	0	6
18	-	2	-	-	-	-	2	-	-	2	-	6
19	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
20	4	-	-	-	4	-	-	-	-	-	0	8
21	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
22	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
23	4	-	-	-	-	3	-	-	-	-	0	7
24	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10
25	4	-	-	-	4	-	-	-	-	2	-	10

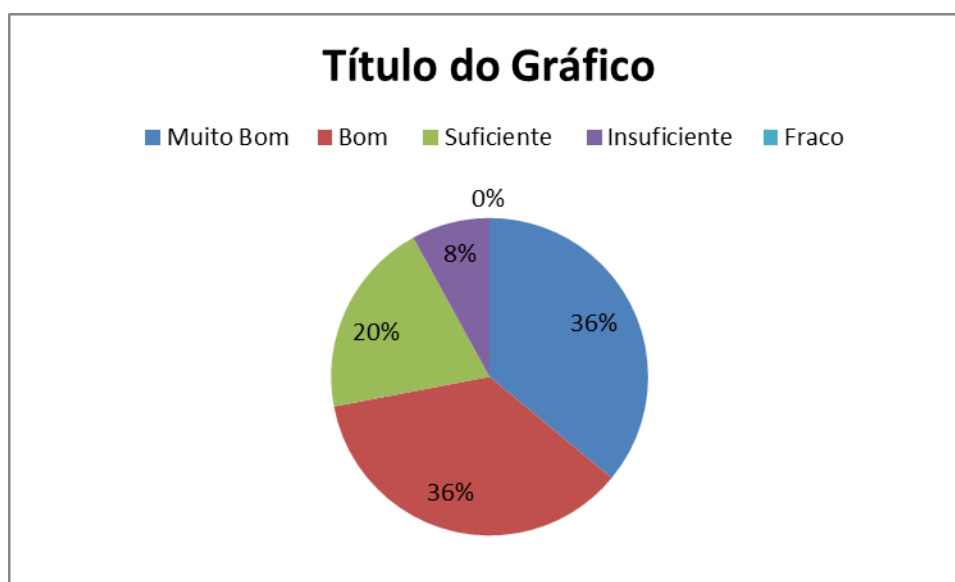
Ao analisar o quadro 11, onde estão apresentados os dados analisados, verifico que no **parâmetro 1 – Identificação da quantidade representada pelo algarismo**, os resultados foram bastante positivos, 14 crianças desenharam a quantidade correta em todos os espaços, 8 delas desenharam a quantidade correta em dois espaços e apenas 3 crianças desenharam a

quantidade correta num só espaço. Realço, ainda o facto de não haver nenhuma classificação negativa.

Ainda, de acordo com o mesmo quadro, mas agora no **parâmetro 2 – correspondência entre o algarismo e a quantidade**, podemos constatar que apenas 2 meninos ligaram um só algarismo à quantidade, correta, que 3 crianças ligaram dois algarismos à quantidade correta, que 6 crianças ligaram três algarismos à quantidade correta e que as restantes, 14 crianças, ligaram todos os quatro algarismos à quantidade correta.

Por último, no **parâmetro 3 – Apresentação**, 17 dos alunos apresentaram um trabalho limpo e perceptível.

#### 3.2.4. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular



*Figura 6 – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Matemática*

Com este gráfico podemos concluir que 92% das crianças teve uma avaliação positiva, e que 8% tiveram uma avaliação negativa. A partir desta avaliação podemos verificar que, apesar a grande maioria das crianças já estão à vontade com este tipo de exercícios. Conclui-se, então, que numa próxima vez, se pode avançar para um nível mais avançado de exercícios.

### **3.3. Avaliação da atividade da Área do Conhecimento do Mundo**

#### **3.3.1. Contextualização da atividade**

A atividade de Conhecimento do Mundo, que foi realizada na turma dos 5 anos, no dia 7 de dezembro de 2011, cuja proposta de trabalho se encontra em anexo consiste na elaboração de um exercício, em que os alunos têm que identificar os alimentos fazem parte da Roda dos Alimentos e depois disso terão que os escrever.

#### **3.3.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

- **Identificação dos alimentos que fazem parte da Roda dos Alimentos:** neste parâmetro pretende-se avaliar se as crianças conseguiam identificar os alimentos que estão presentes na Roda dos Alimentos assinalando-os.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Identificou os 3 alimentos,
  - ✓ Identificou 2 alimentos;
  - ✓ Identificou 1 alimento,
  - ✓ Não identificou nenhum alimento.
- 
- **Denominação dos alimentos:** neste parâmetro pretende-se que as crianças escrevam corretamente o nome dos alimentos que assinalaram.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Escreveu corretamente o nome dos 3 alimentos;
- ✓ Escreveu corretamente o nome de 2 alimentos;
- ✓ Escreveu corretamente o nome de 1 alimento;
- ✓ Não escreveu corretamente o nome de nenhum alimento.

- **Escrever o nome e a data:** neste parâmetro pretende-se que as crianças escrevam o nome e a data com uma letra legível.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Escreveu o nome e a data com letra legível;
- ✓ Não escreveu o nome e a data com letra legível.

No quadro 12 estão inseridas as cotações atribuídas à atividade da Área do Conhecimento do Mundo

Quadro 12 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Área do Conhecimento do Mundo

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios a avaliar</b>		<b>Cotações</b>
<b>1. Identificação dos alimentos que fazem parte da Roda dos Alimentos</b>	1.1. Identificou os 3 alimentos	5	5
	1.2. Identificou 2 alimentos	3	
	1.3. Identificou 1 alimento	1	
	1.4. Não identificou nenhum alimento	0	
<b>2. Denominação dos alimentos</b>	2.1. Escreveu corretamente o nome dos 3 alimentos	4	4
	2.2. Escreveu corretamente o nome de 2 alimentos	2	
	2.3. Escreveu corretamente o nome de 1 alimento	1	
	2.4. Não escreveu corretamente o nome de nenhum alimento	0	
<b>3. Escrever o nome e a data</b>	3.1. Escreveu o nome e a data com letra legível	1	1
	3.3. Não escreveu o nome e a data com letra legível	0	
<b>TOTAL</b>			<b>10</b>

### 3.3.3. Apresentação e descrição da Grelha de Avaliação

Na grelha que se segue podemos ver as cotações de cada aluno para cada critério que quis avaliar nesta atividade

Quadro 13 – Grelha de Avaliação da atividade na Área do Conhecimento do Mundo

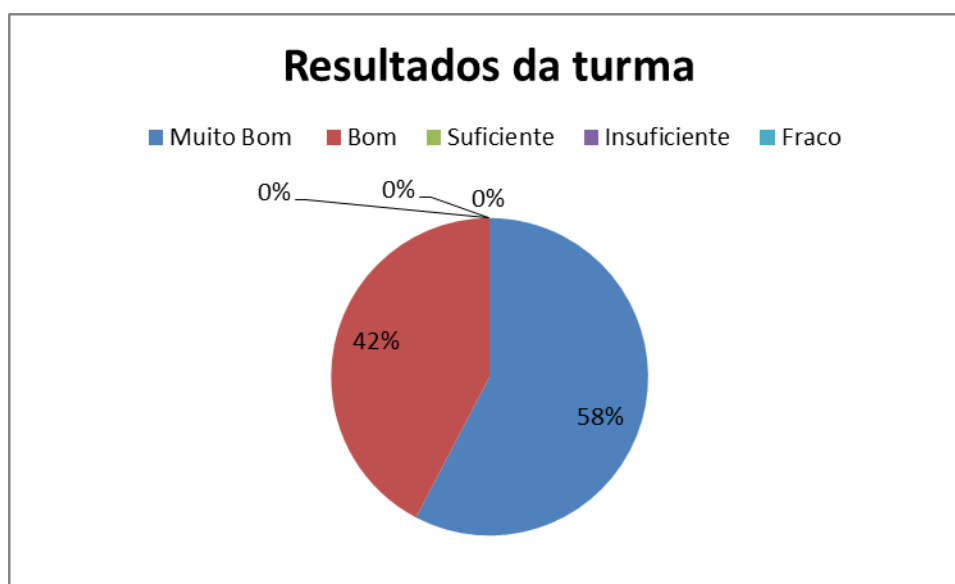
Parâmetros	1.				2.				3.		Classificação De 0 a 10 valores
	1.1.	1.2.	1-3.	1.4.	2.1.	2.2.	2.3.	2.4.	3.1.	3.2..	
1	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
2	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
3	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
4	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
5	5	-	-	-	4	--	-	-	1	-	10
6	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
7	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
8	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
9	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
10	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
11	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
12	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
13	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
14	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
15	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
16	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
17	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
18	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
19	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
20	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
21	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
22	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
23	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10
24	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
25	5	-	-	-	-	2	-	-	1	-	8
26	5	-	-	-	4	-	-	-	1	-	10

Ao analisar o quadro 13, onde estão expressos os dados avaliados, verifico que, no **parâmetro 1 – Identificação dos Alimentos que fazem parte da Roda dos Alimentos**, podemos verificar que todos os alunos conseguiram atingirem a cotação total do exercício.

No **parâmetro 2 – Denominação dos Alimentos**, verifica-se que 15 crianças escreveram o nome de todos os alimentos corretamente e que as restantes 11 crianças escreveram apenas dois alimentos corretamente.

No **parâmetro 3 - Escrever o nome e a data**, todos os 26 alunos escrevem com letra legível os seus nomes e a data.

### 3.3.4. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular



*Figura 7 – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Conhecimento do Mundo*

É possível concluir que 100% da turma teve uma avaliação positiva, em que 58% tiveram Muito Bom, 42% obtiveram Bom.

Através dos dados obtidos, verifica-se que este exercício teve um baixo grau de dificuldade. Visto que todas as crianças tiveram um resultado positivo, poderia desenvolver atividades posteriores com um grau de dificuldade mais elevado.

### **3.4. Avaliação da atividade da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita**

#### **3.4.1. Contextualização da atividade**

A atividade de Linguagem Oral e Abordagem à Escrita que foi realizada na faixa etária dos 5 anos, no dia 7 de dezembro de 2011 e, cuja proposta de trabalho se pode ver em anexo consiste em que os alunos têm que associar as palavras às imagens e no fim reescrevê-las por debaixo da imagem.

#### **3.4.2. Descrição dos parâmetros e critérios de avaliação**

- **Identificação e associação das imagens às palavras:** neste parâmetro pretende-se que as crianças leiam as palavras e associem à imagem.

#### **Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Associou 5 imagens às palavras;
  - ✓ Associou 4 imagens às palavras;
  - ✓ Associou 3 imagens às palavras;
  - ✓ Associou 2 imagens às palavras;
  - ✓ Associou 1 imagem às palavras;
  - ✓ Não associou nenhuma imagem à palavra.
- 
- **Transcrição das palavras pertencentes às imagens:** neste parâmetro pretende-se que as crianças leiam as palavras, associem às imagens e transcrevam a palavra.

#### **Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Transcreveu 5 palavras corretamente;
- ✓ Transcreveu 4 palavras corretamente;
- ✓ Transcreveu 3 palavras corretamente;
- ✓ Transcreveu 2 palavras corretamente;

- ✓ Transcreveu 1 palavra corretamente;
- ✓ Não transcreveu nenhuma palavra corretamente
  
- **Apresentação:** neste parâmetro pretende-se que as crianças realizem um trabalho limpo, perceptível e legível.

**Foram utilizados os seguintes critérios:**

- ✓ Letra legível e perceptível;
- ✓ Letra pouco legível e pouco perceptível.

No quadro 14 estão inseridas as cotações atribuídas à atividade da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Quadro 14 – Cotações atribuídas aos critérios de avaliação da proposta de trabalho da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

<b>Parâmetros</b>	<b>Critérios a avaliar</b>		<b>Cotações</b>
<b>1. Identificação e associação das imagens às palavras</b>	1.1. Associou 5 imagens às palavras	<b>4</b>	<b><u>4</u></b>
	1.2. Associou 4 imagens às palavras	<b>3</b>	
	1.3. Associou 3 imagens às palavras	<b>2</b>	
	1.4. Associou 2 imagens às palavras	<b>1</b>	
	1.5. Associou 1 imagens às palavras	<b>0,5</b>	
	1.6. Não associou nenhuma imagem à palavra	<b>0</b>	
<b>2. Transcrição das palavras correspondentes às imagens</b>	2.1. Transcreveu 5 palavras corretamente	<b>5</b>	<b>5</b>
	2.2. Transcreveu 4 palavras corretamente	<b>4</b>	
	2.3. Transcreveu 3 palavras corretamente	<b>3</b>	
	2.4. Transcreveu 2 palavras corretamente	<b>2</b>	
	2.5. Transcreveu 1 palavra corretamente	<b>1</b>	
	2.6. Não transcreveu nenhuma palavra corretamente	<b>0</b>	
<b>3. Apresentação</b>	3.1. Letra legível e perceptível	<b>1</b>	<b>1</b>
	3.2. Letra pouco legível e pouco perceptível	<b>0</b>	
<b>TOTAL</b>			<b>10</b>

### 3.4.3. Apresentação e descrição da Grelha de Avaliação

Na grelha que se segue podemos ver as cotações de cada aluno para cada critério que quis avaliar nesta atividade

Quadro 15 – Grelha de Avaliação da atividade da Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros Critérios / Alunos	1.						2.						3.		Classificação De 0 a 10 valores
	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6	2.1	2.2	2.3	2.4	2.5	2.6	3.1	3.2	
1	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
2	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
3	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
4	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
5	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
6	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	5
7	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
8	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
9	4	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	8
10	-	3	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	7
11	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
12	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
13	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
14	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
15	-	-	2	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	6
16	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
17	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
18	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9
19	4	-	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	8
20	-	3	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	6
21	-	-	2	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	6
22	-	3	-	-	-	-	-	-	3	-	-	-	1	-	7
23	4	-	-	-	-	-	5	-	-	-	-	-	1	-	10
24	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	5
25	-	-	-	1	-	-	-	-	-	2	-	-	1	-	4
26	4	-	-	-	-	-	-	4	-	-	-	-	1	-	9

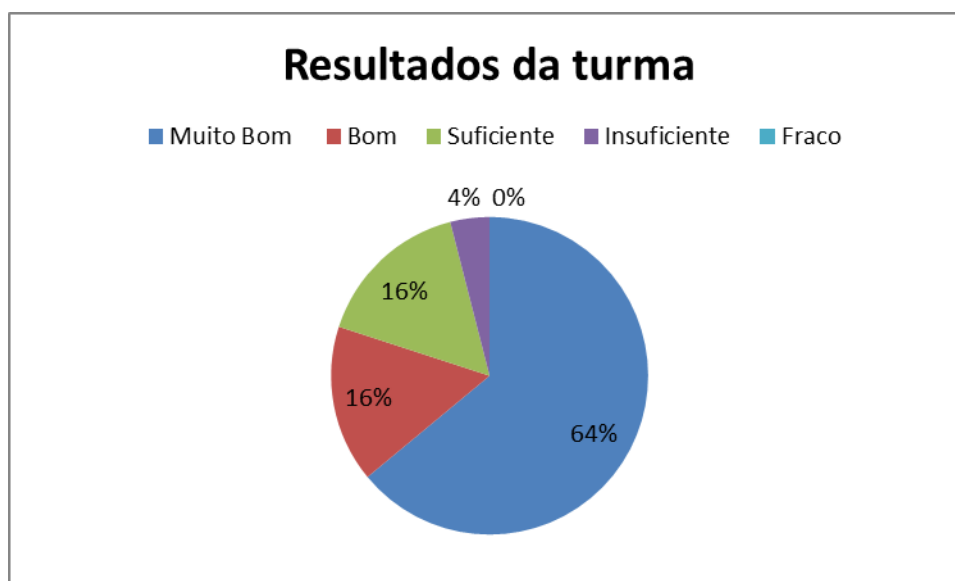
Ao analisar o quadro 15 podemos verificar que no **parâmetro 1 – Identificação e associação das imagens às palavras**, 18 crianças conseguiram associar todas as imagens às palavras, que 3 crianças

associaram quatro imagens às palavras, 4 crianças só conseguiram associar três imagens às palavras e uma das crianças só associou corretamente duas imagens às palavras.

No **parâmetro 2 – Transcrição das palavras correspondentes às imagens**, podemos verificar que 7 alunos conseguiram todas as palavras corretamente, que 9 alunos conseguiram transcrever quatro palavras corretamente, que 6 alunos só conseguiram transcrever três palavras corretamente e que 4 alunos apenas conseguiram transcrever duas palavras corretamente.

No **parâmetro 3 – Apresentação**, verificamos que todos os alunos apresentaram um trabalho com letra legível e perceptível.

#### 3.4.4. Apresentação e análise dos resultados em gráfico circular



*Figura 8 – Avaliação dos resultados do dispositivo de avaliação do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita*

Com a análise do gráfico é possível concluir que 96% dos alunos teve uma avaliação positiva nesta atividade, e apenas 4%, correspondente a um aluno, teve uma avaliação negativa.

Através deste gráfico podemos verificar que esta atividade foi de baixo grau de dificuldade. É assim uma atividade que a maior parte das crianças realizam frequentemente e que já interiorizaram. Deveria contudo tomar atenção ao aluno que teve avaliação negativa, mas com os restantes poderá desenvolver actividades posteriores com um pouco mais de grau de dificuldade.



# **REFLEXÃO FINAL**



## 1. Considerações Finais

A elaboração deste Relatório de Estágio Profissional surge no âmbito da Prática Pedagógica lecionada na Educação Pré-Escolar, permitindo a obtenção do grau de mestre.

No decorrer do meu percurso académico, que desde o começo me permitiu estar em contato com a realidade educativa, concluí que para ser uma boa profissional é preciso trabalhar arduamente e batalhar todos os dias para atingir todos os objetivos propostos, apesar dos obstáculos que possam surgir.

O Estágio Profissional torna-se um dos momentos mais importantes, se não o mais importante no percurso académico enquanto futura docente. De acordo com Pacheco (1995):

Para poder ensinar, o professor necessita conhecer o conteúdo específico da disciplina/área que lecciona, bem como as técnicas e destrezas pedagógicas, facto que realiza ao longo do seu percurso gradual e constante de profissionalização. Tal processo de aquisição depende quer das suas experiências pessoais, quer das suas experiências pessoais, quer das suas experiências inter-relacionais que socialmente partilha. (p. 26)

Com a concretização deste estágio pude ter acesso a numerosas formas e estratégias que mais tarde puderam ser empregues no meu futuro profissional.

Com as vivências adquiridas ao longo do meu percurso académico, retiro desta experiência que um futuro educador deve ter orientação para que consiga desempenhar o seu papel eficazmente. Vieira (1993) menciona a importância de um supervisor, cujo papel é determinante para a formação de futuros profissionais.

Desta forma, a Equipa de Supervisão Pedagógica e as Educadoras Cooperantes tiveram um impacto crucial na minha formação, pois através das críticas construtivas que efetuaram sobre certos atos cometidos nas aulas

leccionadas, deram-me uma visão de como conseguir ultrapassar situações que possam surgir futuramente.

Ao longo deste ano de Prática Pedagógica assisti a variadas formas de lecionar em diversas áreas, umas que considero mais adequadas do que outras, mas nas quais e em todos os momentos compreendi que um educador tem que demonstrar amor e mostrar respeito pela infância e aceitá-la como ela é, ou seja, praticar uma postura de humildade perante as crianças. Como afirmam as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (Ministério da Educação, 1997), é importante “conhecer teorias, possuir conhecimento, mas o mais importante é conhecer individualmente cada criança e facultar-lhe um ambiente seguro onde se sinta valorizada” (p. 34)

Cresci bastante ao observar pessoas diferentes, com formas diferentes de cativar os alunos para as competências que querem trabalhar e desenvolver.

A concretização deste Relatório complementa a parte mais prática do Estágio Profissional, pois tive que ler, investigar e pesquisar de uma forma mais cuidada, criteriosa e científica os autores que ajudassem a justificar e a complementar as aulas, as estratégias, as atitudes e os valores que pretendia trabalhar e promover junto das crianças ao longo de todo o estágio.

## **2. Limitações**

Ao longo da elaboração deste Relatório de Estágio Profissional confrontei-me com algumas limitações, nomeadamente poucos livros para consulta na biblioteca, e o facto de só se poder requisitar quatro livros de cada vez.

Considero que a elaboração de um Relatório desta dimensão, exige sem dúvida muito esforço e dedicação, por isso, registarmos todas as observações visualizadas durante o período de estágio, para posteriormente as relatarmos e fundamentarmos devidamente, tornou-se por vezes, uma tarefa árdua para encontrar citações e fundamentar determinadas inferências.

Em suma, as limitações acima descritas, foram aquelas que considerei mais pertinentes destacar quanto à elaboração deste Relatório de Estágio Profissional.

### **3. Novas Pesquisas**

Futuramente terei necessidade de investir em formação a nível de tecnologias de informação e comunicação, de forma a adquirir novas habilidades e competências para lidar com as TIC, no sentido de me guiar e de orientar os alunos. Gostaria, também, de me aperfeiçoar mais no que concerne as Necessidades Educativas Especiais, visto ser uma área, que na minha opinião, deve ser aprendida por todos os professores, pois um dia podemos vir a ter crianças com algum tipo de necessidade e teremos de saber adaptar-nos a tais situações.

Perante uma sociedade crescente no conhecimento, a educação obriga a uma abordagem diferente em que a componente tecnológica não pode ser ignorada e desta forma é imprescindível a especialização dos saberes.

Para terminar, e agora que vou concluir esta etapa, devo ter sempre presente que necessito de continuar a investir na minha formação de forma continuada e permanente para ser uma Educadora reflexiva e crítica.



# **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**



## Referências Bibliográficas

- Afonso, N. (2005). Investigação naturalista em educação. Um guia prático e crítico. Porto: ASA Editores, S.A.
- Agüera, I. (2008). Brincar e aprender na primeira infância. Lisboa: Papeletras.
- Alarcão, I. & Roldão, M. C. (2008). Supervisão: um contexto de desenvolvimento profissional dos professores. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.
- Almeida, A. (1998). Visitas de estudo. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico--manipulativo. Porto: Porto Editora.
- Azevedo, M. (2000). Teses, relatórios e trabalhos escolares - sugestões para estruturação da escrita. Lisboa: Universidade Católica.
- Balancho, M. J. & Coelho, F. M. (1996). Motivar os alunos. Criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas. Lisboa: Texto Editora.
- Bassedas, E., Huguet, T. & Solé (2009). Aprender e ensinar na educação de infância. Porto Alegre: Artmed Editora S.A.
- Bell, J. (1997). Como realizar um projecto de investigação. Lisboa: Editora Gradiva
- Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora
- Braga, F. (2001). Formação de professores e identidade profissional. Coimbra: Quarteto.
- Caldeira, M. F. (2009). Aprender a matemática de uma forma lúdica. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.

- Campos, L. (1994). O computador na escola. Lisboa: Editorial Presença
- Castro, J. P. & Rodrigues, M. (2008). Sentido do número e organização de dados. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Cordeiro, M. (2010). O livro da criança: do 1 aos 5 anos. 5.<sup>a</sup> Edição. Lisboa: A esfera dos livros.
- Cortesão, L. (coord.). (2000). Na floresta dos materiais: catálogo analítico de materiais de formação para a diversidade. Oeiras: Celta Editora.
- Damas, E. Oliveira, V. Nunes, R. & Silva, L. (2010). Alicerces da matemática: guia prático para professores e educadores. Porto: Areal.
- Ferreira, C.A. (2007). A avaliação no Quotidiano da sala de aula. Porto: Porto.
- Feldman, R.D., Papalia, D., Wendkos, S. & Duskin, R. (2001). O mundo da criança. Lisboa: Mc Craw-Hill
- Fisher, J. (2004). A relação entre o planeamento e a avaliação. In T. Vasconcelos (Ed.), Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância. Lisboa: Texto Editores.
- Gomes, J. A. (1996). Da nascente à voz. Lisboa: Editorial Caminho.
- Gomes, A.R.N. (2011). Relatório de Estágio Profissional. Dissertação de Mestrado. Escola Superior de Educação João de Deus
- Gonçalves, E. (1991). A arte descobre a criança. Amadora: Raiz Editora.
- Hadji, C. (1994). A avaliação, regras do jogo: das intenções aos instrumentos. Porto: Porto Editora.

- Henriques, A. C. (2003). Jogar e compreender (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Instituto Piaget.
- Hohmann, M. & Weikart, D. (1997). Educar a criança. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lopes, J. A. (2006). Desenvolvimento de competências linguísticas em jardim-de-infância. Porto: ASA Editores, S.A.
- Lorenzato, S. (2006). Educação infantil e percepção matemática. Campinas: Editora Autores Associados.
- Loughran, J. (2009). A construção do conhecimento e o aprender a ensinar sobre o ensino. In Flores, M. A. e Veiga Simão, A. M. (Ed.), Aprendizagem e desenvolvimento profissional de professores: contextos e perspectivas. Mangualde, Portugal: Edições Pedagogo, LDA.
- Martínez, M. P., García, M. C. & Montoro, J. M. (1992). Dificuldades de aprendizagem. Porto: Porto Editora.
- Martins, I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A. & Couceiro, F. (2009). Despertar para a ciência: actividades dos 3 aos 6. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.
- Martins I., Veiga, M.L., Teixeira, F., Vieira, R., Rodrigues, A. & Couceiro, F. (2007). Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores. Lisboa: ME, Colecção Ensino Experimental das Ciências.
- Matos, J. M. & Serrazina, L. (1996). O geoplano na sala de aula. Associação de Professores de Matemática.
- Mendes, M. F. & Delgado, C. C. (2008). Geometria. Textos de apoio para educadores de infância. Lisboa: Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.

- Ministério da Educação (1997). Orientações curriculares para a Educação Pré-Escolar. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). Iniciação à matemática no jardim de infância. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, L. (2002). Histórias infantis e desenvolvimento do “espírito crítico” da criança. In Viana, F. L., Martins e M. E Coquet, E. (2002). Leitura, literatura infantil e ilustração. Braga: Bezerra Editora.
- Pacheco, J. A. B. (1995). Formação de professores: teoria e praxis. Braga: Instituto de Educação e Psicologia – Universidade do Minho.
- Pacheco, J. A. (1999). Componentes do processo de desenvolvimento do currículo. Braga: Livraria Minho.
- Pereira, J. D. L. & Lopes, M. S. (2007). Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo. Intervenção – Associação para a Promoção e Divulgação Cultural.
- Pérez, M. R. (s/d) Desenho Curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Pérez, M.R. & López, E.D. (2000). Los valores como tonalidades afectivas de los métodos y no como ejes transversales de los contenidos. Buenos Aires: Novedades Educativas
- Poslaniec, C. (2005). Incentivar o prazer de ler. Actividades de leitura para jovens. Porto: Edições ASA.
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). Avaliação em Educação Pré-Escolar – Sistema de acompanhamento das crianças. Porto: Porto Editora.
- Post, J. & Hohmann, M. (2003). Educação de bebés em infantários. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (1992). Manual de investigação em ciências sociais (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: Editora Gradiva.
- Reis, M. P. C. P. (2008). A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem. Lisboa: Universidade Aberta.
- Riscado, L. (2002). A crítica literária de literatura infantil e as escolhas do público. In Viana, F. L., Martins, M. E Coquet, E. (2002). Leitura, literatura infantil e ilustração. Braga: Bezerra Editora.
- Robinson, N. (2006). Enciclopédia do origami. Lisboa: Dinalivro.
- Ruivo, I. M. S. (2009). Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación.
- Sanches, I. R. (2001). Comportamentos e estratégias de actuação na sala de aula. Porto: Porto Editora.
- Santos, E. M. (2000). Hábitos de leitura em crianças e adolescentes. Coimbra: Quarteto Editora.
- Serrazina, L. (org.) (2002). A Formação para o ensino da matemática na educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico. Porto: Porto Editora.
- Silveira-Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em Portugal. Tese de doutoramento inédita, Universidade de Málaga, Facultad de Ciencias de la Educación.

- Sim-Sim, I. (coord.). (2006). Ler e ensinar a ler. Porto: ASA Editores, S.A.
- Sousa, A. B. (2003). Educação pela arte e artes na educação: 2.º volume: drama e dança. Lisboa: Instituto Piaget.
- Spodek, B. & Saracho O. N. (1998). Ensinando crianças de três a oito anos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Vale, F. (2001). Teatro, histórias e rimas para crianças. Lisboa: Instituto Piaget.
- Vieira, F. (1993). Supervisão – uma prática reflexiva de formação de professores. Rio Tinto: Edições Asa.
- Vygostky, L. (2009). A imaginação e arte na infância. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Zabalza, M. (1994). Diários de aula. Contributo para o estudo dos dilemas práticos dos professores. Porto: Porto Editora.
- Zabalza, M. (1998). Didáctica da educação infantil. Rio Tinto: Edições Asa
- Zabalza, M. (2000). Planificação e desenvolvimento curricular na escola. Porto: ASA.

## Referências electrónicas

- Barros, C. (2008). Era uma vez... sobre os contos tradicionais na literatura infantil. Recuperado em 2011, dezembro 15, de <http://sociedadepsicologia.wordpress.com/2008/07/18/era-uma-vez-sobre-oscontos-tradicionais-na-literatura-infantil/>
- Fernandes, D. M. & Cardoso, A. C. (s.d.). Experienciar a cidadania com tabelas e gráficos no jardim-de-infância. Recuperado em 2012, fevereiro 9, de [http://www.apm.pt/files/\\_CO\\_Fernandes\\_Cardoso\\_4a28b37c1a215.pdf](http://www.apm.pt/files/_CO_Fernandes_Cardoso_4a28b37c1a215.pdf)
- Galveias, M. F. C. (2008). Prática pedagógica: cenário de formação profissional. Recuperado em 2012, fevereiro 7, de [http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1\(1\).pdf](http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1(1).pdf)
- Ministério da Educação. (2011). Circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011. Avaliação na educação pré-escolar. Recuperado em 2012, abril 5, de <http://sitio.dgidc.minedu.pt/pescolar/Documents/CircularAvaliacaoEPEdocumentofinal.pdf>
- Ministério da Educação. (2007). Circular n.º 17/DSDC/DEPEB/2007. Gestão do currículo na educação pré-escolar. Recuperado em 2011, novembro 20, de [http://sitio.dgidc.min.edu.pt/pescolar/documents/circular17\\_dsdc\\_depeb\\_2007.pdf](http://sitio.dgidc.min.edu.pt/pescolar/documents/circular17_dsdc_depeb_2007.pdf)
- Pinto, F., & Maia, I. (2004). Rastreio oftalmológico na pediatria ambulatória. Revista Saúde Infantil, 26, 33-44. Recuperado em 2012, junho 20, de [http://saudeinfantil.asic.pt/volume\\_detail.php?volume\\_id=26](http://saudeinfantil.asic.pt/volume_detail.php?volume_id=26)
- Rodrigues, M. J. & Vieira, R. M. (2009). Trabalho experimental de ciências em contexto de jardim-de-infância – desenvolvimento de um programa de formação. Recuperado em 2012, maio 10, de

[http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4602/1/Texto\\_Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf](http://bibliotecadigital.ipb.pt/bitstream/10198/4602/1/Texto_Comunica%C3%A7%C3%A3o.pdf)

# **ANEXOS**

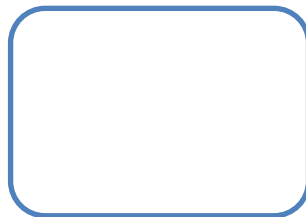


Proposta de atividade no Domínio da Matemática

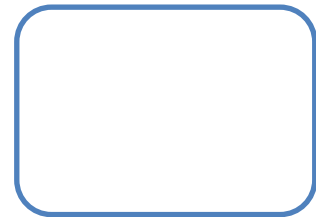
1. Desenha a quantidade de palhinhas.



4

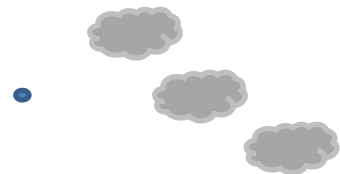
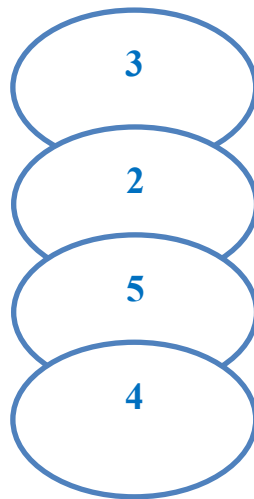
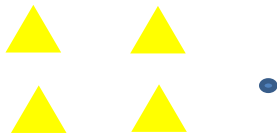


2



5

2. Liga com um traço cada número do balão à quantidade respectiva.



Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

## Proposta de atividade na Área de Conhecimento do Mundo

1. Assinala com um X o que faz parte da Roda dos alimentos.

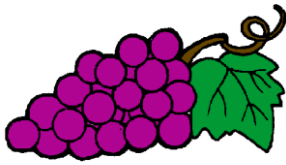


Nome: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Proposta de atividade no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à escrita

1- Lê as palavras e escreve-as debaixo da imagem correspondente.



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_



\_\_\_\_\_

- Mão
- Casa
- Pássaro
- Cavalo
- Cão
- Livro

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_\_

